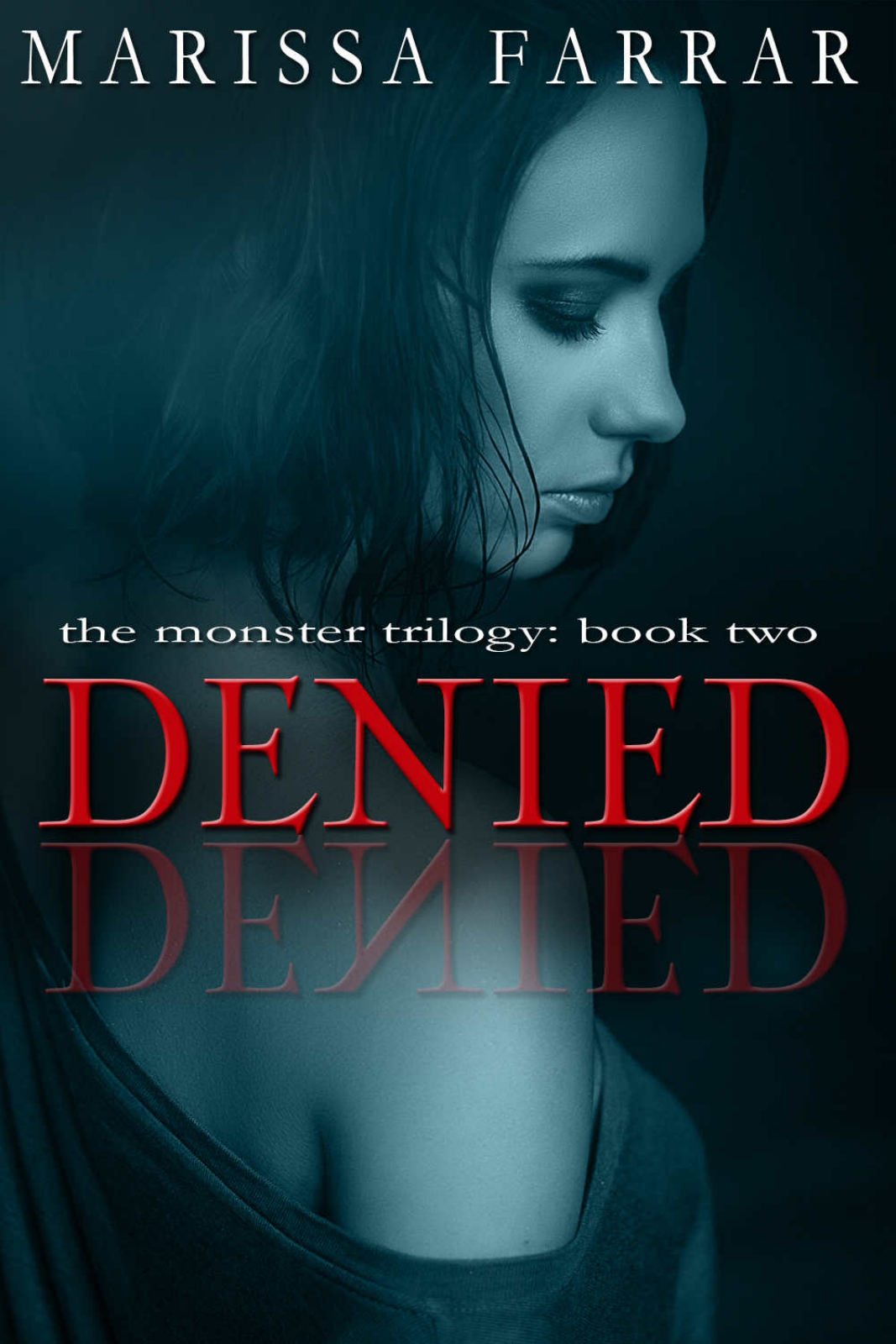




MARISSA FARRAR

the monster trilogy: book two

DENIED
DENIED

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MARISSA FARRAR

the monster trilogy: book two

DENIED
DENIED

A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Lily

Depois que Monster faz uma escolha impossível que joga seu mundo no caos, Lily se encontra de volta à América. Incapaz de permitir que o que aconteceu com ela fique impune, e cheia de culpa de sobrevivente, Lily decide que precisa rastrear os traficantes que a levaram.

Monster

Monster sempre quis manter sua Flor segura, mas, quando ouve sobre seus planos, ele é forçado a assumir o controle mais uma vez. Saindo de sua zona de conforto, ele jura mais uma vez tornar ela sua cativa.

Negado.

Exceto que Lily não sabe o verdadeiro motivo de Monster ter feito a escolha que levou à sua situação atual, e suas ações a tornaram o alvo de alguém que quer uma dívida paga, uma dívida que deve ser paga em carne e osso...

Lacamento

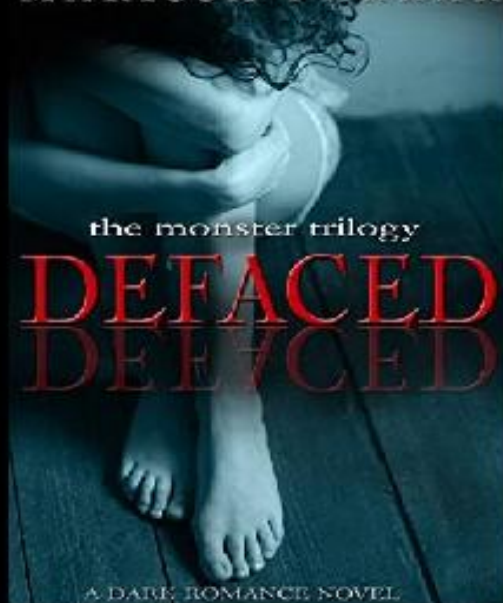
MARISSA FARRA

the monster trilogy: book two

DENIED
DENIED

Lacamento

MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR



MARISSA FARRAR





Um

Lily abriu os olhos.

A luz entrou, cegando ela por um momento, mas instantaneamente ela soube que algo estava errado. Ela avistou a sala e a confusão a invadiu. Mas o peso de suas pálpebras era muito grande e elas se fecharam novamente, o quarto desaparecendo de vista.

O que está acontecendo?

Ela se forçou a se concentrar.

Basta abrir os olhos. Não é uma coisa tão grande. Basta abri-los.

Como algo que ela fazia todos os dias desde que nascera de repente parecia uma tarefa gigantesca? Era como se alguém tivesse colocado pesos em suas pálpebras e, por mais que tentasse, eles se recusavam a ceder.

Talvez eu deva apenas ficar aqui um pouco. Era bom sonhar.

Não! Outra voz falou em sua cabeça, sacudindo ela como um tapa na cara. *Você precisa acordar. Algo está errado.*

Errado.

Essa mesma certeza embebeu em sua alma. A última coisa que ela se lembrava era de ir para a cama com Monster, *não, Merrick, ele quer que você o chame de Merrick agora*, então por que ela agora juraria por sua vida que ela estava de volta em seu apartamento?

Meu apartamento. Estou de volta ao meu apartamento.

Por um momento, ela se perguntou se ela tinha sido pega em um

sonho longo e vívido. Tudo o que ela experimentou, desde seu sequestro, ao encontro com Monster, à violência que ela sofreu nas mãos dos irmãos Gonzalez-Larrinaga, tinha sido nada mais que um sonho? Ela realmente tinha voltado para casa do trabalho naquela noite de sexta-feira? A mulher com o bebê falso e sendo atingida na cabeça não era mais do que sua imaginação hiperativa.

Com um esforço renovado nascido do pânico, Lily forçou os olhos a abrirem. A sala girou e suas pálpebras se fecharam novamente. Sua cabeça estava pesada e grogue, como se ela tivesse passado uma noite bebendo e desmaiado. Foi isso que aconteceu? Será que ela, por algum motivo insano, saiu do trabalho na noite anterior e saiu para uma farra? Isso não era típico dela. Ela nunca tinha bebido muito, preferindo duas taças de vinho silenciosas na frente da televisão em vez disso.

Ou o que ela estava experimentando agora era o sonho? Ela ainda estava dormindo profundamente na cama de Monster, *Merrick*, *você deveria chamá-lo de Merrick agora*, e tudo isso era um pesadelo?

Mas, no fundo, ela sabia que não era. Essa palavra ecoou em sua cabeça. *Errado*.

Ela precisava abrir os olhos e mantê-los abertos.

Lily colocou cada parte de seu cérebro sonolento e nebuloso para se concentrar nessa tarefa. Se ela pudesse apenas acordar, ela seria capaz de descobrir o que estava acontecendo, e isso seria melhor do que este horrível estado de consciência intermediária em que ela parecia estar agora. Algo deve ter acontecido, um acidente, talvez. Ela normalmente nunca tinha tantos problemas para acordar.

Suas pálpebras tremeram de novo, e desta vez ela lutou contra o desejo de voltar a dormir e abriu os olhos. A visão estava borrada, linhas e cores borradas, mas o que ela podia ver fez seu estômago embrulhar e seu coração pular no peito. À distância vinham os sons antes familiares da cidade, o uivo crescente e decrescente das sirenes, o zumbido baixo e constante do tráfego. O canto dos pássaros de Cuba

se foi.

Ela ouviu um clique, como o de uma trava caindo no lugar. Mais alguém estava aqui? Ela assumiu que estava sozinha, embora não tivesse certeza do por que, mas agora ela tinha certeza de que tinha ouvido a porta da frente abrindo ou fechando.

Ela não teve mais tempo para pensar sobre isso.

A sensação de seu estômago subindo pela garganta não era apenas psicológica. Antes que ela pudesse engasgar com o próprio vômito, ela se virou para o lado e um jato de vômito saiu de seus lábios. Tossindo e engasgando, ela esvaziou o conteúdo do estômago no chão da cozinha.

Ela estava acordada agora.

Lily ficou de quatro, tentando evitar colocar as mãos no vômito, e ficou pendurada ali, ofegante, com os olhos e o nariz escorrendo. Ela reconheceu o linóleo como sendo o mesmo que ela mesma escolhera no verão passado. Quando ela levantou a cabeça e olhou ao redor, ela sabia que veria os armários da cozinha, seus pertences a cercando mais uma vez.

Ele não estava aqui com ela, ela sabia disso com certeza. Ela o conhecia muito bem agora.

Lily deixou escapar um soluço. —O que você fez, Monster? O que é que você fez?

Ela repassou em sua cabeça a última vez que conseguia se lembrar. Merrick estava tentando fazer com que ela voltasse para os Estados Unidos, dizendo a ela que Cuba não era segura para ela, que, com seus contatos com seu negócio, as coisas nunca estariam seguras. Ele estava preocupado com ela, especialmente depois do incidente com os irmãos Gonzalez-Larrinaga. De certa forma, ela entendeu suas preocupações, mas foi ele quem a trouxe para a situação. Ele deveria ser a única pessoa que faria tudo o que pudesse para proteger ela.

Exceto que a ideia de Monster de proteger alguém não era necessariamente a mesma de uma pessoa normal.

Lily enxugou os olhos e a boca com as costas da mão e cautelosamente sentou sobre as pernas. Seu cérebro ainda parecia pesado, a cozinha instável ao seu redor. Ela colocou as mãos nas coxas e abaixou a cabeça para tentar fazer o lugar parar de girar. Gradualmente, ele diminuiu a velocidade, embora seu estômago ainda revirasse como o conteúdo de uma máquina de lavar, e a ameaça de vomitar novamente a pressionou. Mas embora o lado físico das coisas estivesse causando estragos em seu corpo, era seu coração que mais doía.

Ele a mandou para casa.

Monster sabia que ela nunca iria por vontade própria, então ele a mandou para casa da mesma forma que ele a trouxe para sua vida. Ele tinha feito isso contra a vontade dela, e à força.

Lily ergueu a cabeça.

—O que você fez? — Ela gritou para o ar, mesmo sabendo que ele não podia ouvir ela. —Me drogou? Você me drogou, seu filho da puta?

Talvez ele pudesse ouvir ela? Ela não teria descartado a ideia que ele pode ter providenciado para que câmeras fossem colocadas em seu apartamento quando ela foi despejada aqui.

—Vai se fode, Monster, — ela conseguiu dizer, com a voz embargada, a garganta dolorida, os olhos cheios de lágrimas. —Você nem mesmo merece ser chamado de Merrick. Você é a porra de um monstro e acabou de provar isso.

Alimentada por sua raiva, ela tropeçou em seus pés. Parecia surreal estar de volta em seu apartamento, embora não se sentisse mais em casa. A mulher que ela era quando saiu para trabalhar naquela manhã de sexta-feira não era a mesma mulher que voltou. Monster pode tê-la enviado para casa, mas ela deixou um

pedaço de si mesma para trás. E não era apenas a parte dela que o amava. Ela teve um fragmento de si mesma despojado em cada experiência, sua sensação de segurança, desde que foi sequestrada inicialmente... se foi. Sua dignidade, quando ela foi mantida naquele contêiner terrível com as outras garotas, e forçada a urinar onde ela estava sentada... em si mesma. Sua habilidade de confiar, tirada dela pelo ato mais recente de Monster... se foi. Ele a levou por seus próprios motivos egoístas, despiu ela de tudo que ela trabalhou tão duro para construir, e então a jogou de volta aqui como se ela fosse um gato vadio que ele decidiu que não queria mais cuidar.

Que ele tivesse feito tal coisa depois que ela disse a ele a verdade sobre seu passado, e a razão de sua fobia de ser tocada, machucou mais do que qualquer outra coisa. Ela confiou nele e contou sobre a perda de sua filha recém-nascida, algo que ela nem havia discutido com seu terapeuta. Ela finalmente o deixou entrar nas emoções conflitantes do pior momento de sua vida, e ele agiu como se isso não significasse nada.

Empurrando para baixo sua náusea, ela olhou ao redor de seu apartamento, seus olhos pousando nas lâmpadas, cornijas, molduras de retratos e espelhos, em qualquer lugar que ele pudesse ter câmeras instaladas para ficar de olho nela. Ela não conseguia pensar que ele a trouxe de volta aqui e pretendia esquecer ela. Talvez acreditar nessas coisas fosse uma marca residual do que ele tinha feito a ela, a estranha relação que havia crescido entre eles, ele como Mestre e ela como sua escrava, e ela queria acreditar que ele não seria capaz de deixar ela ir tão facilmente quanto ele fez. Ou talvez fosse simplesmente porque ela o conhecia muito bem agora.

Sua raiva a cegou para todo pensamento racional, e ela se lançou contra a moldura mais próxima, uma paisagem de praia e oceano e a arrancou da parede. Com um grito, ela o jogou no chão. O vidro se estilhaçou, mas ela o ignorou. Ele rangeu sob seu pé quando ela atacou o espelho pendurado acima da lareira. Em seguida foi a lâmpada de pé e, em seguida, as cortinas penduradas no teto. Em qualquer lugar onde as câmeras pudessem estar escondidas era seu

foco, embora em sua raiva ela derrubou vidros, molduras e vasos das mesas e aparadores. Nada escapou de sua fúria, e ela descarregou todas as suas emoções nos pertences ao seu redor, até que ela caiu em uma pilha amassada no chão, e um grito de angústia escapou de sua garganta.

Lily colocou o rosto nas mãos e cedeu às lágrimas, chorando em soluços de partir o coração. Como ele pôde fazer isso com ela? Ele disse a ela que a amava. Certamente, se ele a amasse, ele não seria capaz de se imaginar vivendo sem ela.

Uma batida na porta da frente a trouxe de volta aos seus sentidos, e ela olhou para cima e enxugou as lágrimas. Estupidamente, seu pequeno coração traidor saltou. Pode ser ele? Ele mudou de ideia e veio buscar ela?

Não, o Monster nunca iria bater. Ele estaria na sala com ela antes mesmo que ela o visse chegando.

—Ei! — Uma voz masculina gritou através da porta. —O que está acontecendo aí? Estou chamando a polícia!

Polícia! A palavra sacudiu por ela.

Ela se levantou e foi cambaleando até a porta. Ela fez muito barulho quando destruiu seu apartamento. Depois de passar tanto tempo isolada e sozinha, ela havia se esquecido de como era ter pessoas ao seu redor.

—Não, está tudo bem, — ela gritou em pânico. —Está tudo bem.

Mas as batidas voltaram, insistentes. Quem quer que estivesse lá, não parecia ir embora tão cedo.

Com um suspiro resignado, ela abriu a porta para um homem na casa dos trinta. Seu cabelo castanho claro na altura da mandíbula estava desgrenhado, e ele usava uma jaqueta de couro e uma expressão preocupada em seus olhos castanhos. Ela o reconheceu, ele morava no prédio dela, mas eles nunca trocaram nada além de um sorriso educado. Lily nunca foi alguém que encorajou qualquer tipo de

relacionamento, mesmo ue fosse apenas de vizinhança.

Mas o queixo do homem caiu ao ver ela. —Putá merda. Você voltou.

—Eu sinto muito. O que?

—Você está desaparecida há semanas. A polícia está rastejando por todo este lugar, fazendo perguntas. Eles encontraram seu carro abandonado perto do rio. Todos pensaram que você estava morta.

—Sim, bem, claramente, não estou.

Seu olhar viajou por cima do ombro, para os destroços de seu apartamento, para a pequena pilha de vômito ainda em uma poça no chão.

O constrangimento com sua higiene pessoal enxameou sobre ela. Ela não sabia quando havia tomado banho pela última vez e devia estar fedendo a enjoo. Suas bochechas aqueceram e ela recuou. —Estou bem obrigada. Eu tenho que ir agora.

Ela se moveu para fechar a porta, mas ele estendeu a mão e a parou, a palma da mão espalmada na madeira.

—Aguarde um minuto. Você claramente não está bem.

A preocupação em sua voz fez com que suas emoções borbulhassem novamente, e ela lutou para segurá-las. —Foi um relacionamento ruim, — ela conseguiu dizer, embora sua voz estivesse embargada. —Estou fora disso agora.

—Eu ainda gostaria de chamar a polícia para você. Você precisa deixá-los saber que você está segura. Seu desaparecimento está em todos os jornais e tudo mais.

Ela balançou a cabeça. —Eu não posso fazer isso. Sinto muito pelo problema.

Seus olhos vagaram além dela novamente, e sua testa franziu, suas sobrancelhas se arqueando. —Ele fez isso com o seu apartamento? Ele

ainda está aqui?

—Não, eu fiz isso, — ela admitiu. —Eu estava com raiva e descontei nas minhas coisas, e não em outra pessoa.

—Você está machucada? Posso te levar ao hospital?

Onde sua preocupação tocou algo apenas momentos antes, agora estava começando a irritar ela. —Olha, eu já disse a você, estou bem. Agora, você poderia sair da minha frente para que eu possa fechar a porta? Não preciso da ajuda de ninguém, especialmente da sua.

Seus ombros caíram e ele exalou um suspiro, levantando a mão em sinal de rendição e removendo ela da porta ao mesmo tempo. — Está bem, está bem. Mas, por favor, fale com os policiais, mesmo que seja apenas para impedi-los de perder mais tempo procurando por você.

Lily não queria ouvir mais nada. Ela fechou a porta e se encostou a ela. Sua mão apertou a boca para abafar um soluço e ela deslizou pela madeira, seu traseiro batendo no chão. A culpa cresceu dentro dela como a água do pântano em uma inundação.

A polícia estava procurando por ela, pensando que ela estava gravemente ferida ou morta. Mas ela *tinha* sido sequestrada, não era como se ela tivesse fingido a coisa toda. Ainda assim, ela estava bem por um tempo, e ela não pensou em deixar ninguém em casa saber. Quando ela estava viva, presa em uma pequena bolha com Monster, as pessoas estavam procurando por ela. Ela não tinha sequer pensado neles. A polícia, todos os seus colegas de trabalho, as pessoas que viviam ao seu redor. Como ela não era próxima de ninguém, ela presumiu que ninguém sentiria sua falta, mas em vez disso ela estava em todos os noticiários e jornais enquanto as pessoas tentavam procurar ela, e no final decidiu que ela deveria estar morta. A polícia tinha perdido tempo procurando por ela quando poderia estar ajudando outra pessoa.

Mas eu fui sequestrada, ela lembrou a si mesma. Eu precisava da ajuda deles por um tempo.

Mas ela deveria ter ligado para alguém quando percebeu que estava segura com Monster.

Sua mente estremeceu com o pensamento, como se alguém tivesse aparecido e apagado a mentira e a substituído pela verdade.

Segura? Qual parte estava segura? O confinamento solitário? A fome parcial? A bomba e o sequestro pelos irmãos? Sim, ela conheceu um par de semanas de paz e até felicidade, mas o resto do tempo ela esteve em perigo.

Mas seu vizinho estava certo. Ela precisava entrar em contato com a polícia e informar que estava bem. O pensamento de todas as perguntas que ela enfrentaria fez seu estômago embrulhar.

O que ela estava planejando dizer a eles? Que ela fugiu com um namorado ruim ou contaria a verdade a eles?

O peso da responsabilidade pressionou seus ombros, a memória daquelas pobres garotas no contêiner inundando sua mente.

Lily colocou a cabeça entre as mãos. —Não, não, não...

Ela não queria pensar sobre elas. Que vidas horríveis elas acabaram levando, se é que ainda estavam vivas? Mas ela não podia fingir que elas não existiam. Havia coisas que ela poderia contar à polícia que poderiam fazer com que fossem encontradas, talvez não aquelas garotas em particular, porque Lily imaginava que elas teriam sido enviadas para seus destinos finais agora, por mais horríveis que fossem, mas haveria mais. Até que aqueles homens fossem parados, sempre haveria mais meninas.

Sua mente ficou turva.

Como ela poderia contar a verdade à polícia? Isso não colocaria Monster em apuros? Mas se ela não fizesse, ela era tão ruim quanto os traficantes sexuais. Ela estaria deixando Mãos de Cigarro e seu ajudante escaparem com o que fizeram com ela, e permitindo que eles fizessem a mesma coisa a incontáveis mais.

Por que ela estava se preocupando com Monster? Foi ele quem pagou aqueles homens para levá-la. Ela os estava condenando, mas não a ele? Em que ponto em sua mente fodida ela pararia de dar desculpas para ele?

É porque você o ama, uma vozinha falou em sua cabeça. E agora que você conhece o passado dele, você pode entender e perdoar o que ele fez.

Até mesmo Monster drogá-la e mandar de volta para a América fazia sentido em sua mente. Ele sabia que ela nunca teria retornado de boa vontade, então ele fez o que sempre fez, e fez suas escolhas por ela. Como sempre, ele agiu de forma extrema e impensada, mas não a mandou de volta porque a amava também.

Ou então ele a mandou de volta porque ele teve o suficiente e terminou com ela.

Ela fez a marca de nascença, cobrindo um lado de seu rosto, fraca o suficiente para ele viver. Ela deu a ele um motivo para deixar a propriedade de seu pai pela primeira vez em sua vida.

Talvez ele simplesmente tivesse chegado ao ponto em que percebeu que não precisava mais dela.



Dois



Quaisquer que fossem as razões de Monster para a mandar embora, ela precisava se concentrar no que estava acontecendo agora. Ela iria até a delegacia e contaria a verdade, mas não poderia fazer assim. Ela precisava tomar um banho e depois arrumar a bagunça que tinha feito.

Sua garganta queimava com a bile e ela estava gravemente desidratada. Antes que ela pudesse fazer qualquer outra coisa, ela precisava de uma bebida. Lily se levantou do chão e tropeçou até a pia para servir um copo grande de água. Ela deixou a torneira aberta antes de encher o copo, imaginando que a água teria ficado nos canos por um tempo. Ela engoliu o líquido frio e tornou a encher o copo, mas seu estômago embrulhou, a água subindo, e ela levou a mão à boca, de repente nervosa de perder tudo de novo.

Mas seu estômago se acalmou e ela foi capaz de pensar novamente.

Querendo se livrar do fedor, e sabendo que não iria querer tocar isso depois de tomar banho, ela pegou alguns produtos de limpeza e uma toalha debaixo da pia e começou a limpar a pilha de vômito. Ela torceu o rosto enquanto o colocava em uma sacola, tentando respirar superficialmente pela boca. Seu estômago ainda não estava completamente bem, sua garganta ainda ardia por causa do ácido estomacal. Ela não queria ficar doente de novo.

Quando o chão ficou limpo, ela jogou no saco no lixo, se lembrando de tirar mais tarde, e então foi ao banheiro.

Ela estendeu a mão para ligar o chuveiro e notou como sua mão tremia. O tremor foi resultado das drogas ou causado pelo trauma emocional que ela passou? Ela pensou que provavelmente era uma combinação de ambos.

A água atingiu o fundo da banheira. Lily tirou a roupa e, com as pernas trêmulas, passou para debaixo do chuveiro. Ela não tinha energia para se levantar, então, em vez disso, sentou na porcelana, permitindo que o chuveiro batesse em sua cabeça e ombros. Ela não podia acreditar que estava tudo acabado entre ela e Monster. Ela sabia que era estúpido ficar chateada com o relacionamento, considerando tudo o que ele tinha feito, mas por algum motivo ela não conseguia entender. Era a falta de encerramento? O fato de que ela não tinha visto isso chegando? Em sua mente, fazia apenas algumas horas que ele a segurava na cama depois que eles fizeram amor, e então ela acordou aqui.

Algo ocorreu a ela. Ele deveria saber o que estava planejando quando fez sexo com ela na noite anterior, se, de fato, apenas uma noite tivesse se passado. Ela não sabia há quanto tempo estava inconsciente. O sexo tinha sido sua maneira de dizer adeus? Ela procurou em sua mente algo diferente, qualquer nível de intensidade que ela pudesse ter perdido. Mas o ato de amor deles sempre foi intenso. Ele não tinha feito nada para fazer ela pensar que ele estava planejando algo assim, embora ele tivesse pedido a ela novamente para voltar aos Estados Unidos para sua própria segurança. Ela disse a ele que não poderia voltar a viver sua antiga vida, especialmente com ele fora dela. Ela disse a ele que o amava e nunca iria embora, aconteça o que acontecer.

Foram essas as palavras que garantiram seu destino?

Lily se ensaboou, lavou o cabelo e escovou os dentes. A sensação de que estava sonhando nunca a deixou, mas ela não sabia se era resultado das drogas ou de tudo o que havia acontecido nas últimas semanas. Ela nunca imaginou que veria este lugar novamente, ela imaginou que acabaria morta antes disso e uma parte dela havia

armazenado mentalmente este apartamento no mesmo lugar que ela guardou a antiga Lily.

Saindo do chuveiro, ela pegou uma toalha e se secou apressadamente. Ela selecionou roupas elegantes, inconscientemente escolhendo aquelas semelhantes às que Monster tinha providenciado para ela, calça cinza e uma camisa e então começou a arrumar seu apartamento. Se a polícia quisesse voltar com ela, talvez para verificar sua história, ou outra coisa em que ela não tivesse pensado, ela não queria ter que explicar a bagunça. O fato de ela mesma ter feito isso a embaraçava agora. Ela não era uma adolescente incapaz de controlar sua raiva. Desde quando ela era o tipo de pessoa que quebra seus próprios pertences?

Lily olhou em volta para todos os vidros quebrados, louças quebradas e porta-retratos estilhaçados, e seu coração afundou.

Ela não podia acreditar que ela tinha sido responsável por tal destruição. O que diabos ela estava pensando? Pelo menos ela não precisava se preocupar com Monster olhando para ela através de qualquer câmera escondida agora. Não havia nenhuma maneira de alguma ter sobrevivido à sua raiva.

Com tudo tão arrumado quanto ela poderia fazer, embora o lugar agora parecesse vazio e impessoal com a maioria das fotos e bugigangas quebradas e no lixo, ela agarrou sua jaqueta. Ela tinha perdido sua bolsa, junto com suas chaves e telefone, quando ela foi roubada, mas ela tinha uma chave reserva da porta da frente em uma gaveta na cozinha. Lembrando-se de algum dinheiro que guardava em uma lata vazia no armário, abriu a porta do armário e puxou todas as latas de feijão e tomate, até chegar à certa. Felizmente, as notas ainda estavam dobradas dentro. Pelo menos ela poderia pegar um táxi para a estação no centro.

Mantendo a cabeça baixa, Lily saiu de seu apartamento. Ela se sentiu terrivelmente constrangida, não querendo esbarrar em ninguém que pudesse reconhecer ela, embora, pelo jeito que seu vizinho falava, metade da cidade soubesse quem ela era. Ela sempre foi alguém para

se manter discreta, e a ideia de que as pessoas a vissem e falassem sobre ela nas costas das mãos a enchia de um pavor nauseante. Ela gostava de ser invisível, e agora ela se sentia como se tivesse um holofote acima de sua cabeça.

Ela saiu do prédio e uma onda de vertigem a atingiu, o chão parecia se mexer sob seus pés, então ela estendeu as mãos para se equilibrar. Era meio da manhã e as ruas de Los Angeles estavam movimentadas e barulhentas. Os trabalhadores do outro lado da rua gritavam instruções uns para os outros. Uma furadeira pneumática martelou, esmurrando seus tímpanos. Os prédios altos de ambos os lados da rua se erguiam insondáveis no céu, e apenas a altura deles fazia com que a tontura a invadisse novamente. Os veículos dirigiam, para-choque com para-choque, em ambas as direções, e alguém tocou sua buzina, fazendo ela pular e apertar a mão contra o peito. Até o ar cheirava mal, cheio de produtos químicos e poluição.

Alguém esbarrou nela quando ele passou, embora ela não se lembrasse de pisar na calçada. — Ei, cuidado, senhorita, — o homem retrucou.

Ela ficou parada, ofegante e congelada, tentando resistir ao impulso de se virar e correr de volta para seu apartamento e trancar a porta atrás dela. Seria esse o seu destino agora? Ela foi forçada a sair de uma prisão, apenas para se trancar em outra de sua própria criação?

Uma dor de desejo por Monster encheu seu peito. Ela desejou que ele estivesse com ela. Se ele estivesse ao seu lado, ela seria mais forte. Ela não queria passar pela vida sozinha, não mais.

Lily respirou fundo e tentou se recompor. Seu desejo de correr e se esconder não a deixou, mas ela sabia que não seria capaz de viver assim. Depois de tudo que ela passou, ela era mais forte do que isso, melhor do que isso. Ela poderia fazer isso.

A luz de um táxi amarelo brilhava na rua. Ela ergueu a mão e conseguiu fazer sinal para o táxi.

O veículo parou e ela subiu na parte de trás. —Delegacia de polícia mais próxima, por favor.

O motorista, um jovem, ergueu o olhar para o espelho retrovisor e fez contato com o dela. Seus olhos se estreitaram. —Ei, eu não te conheço de algum lugar?

Ela balançou a cabeça, permitindo que seu cabelo escuro caísse sobre o rosto, e se virou para a janela. —Apenas tenho um daqueles rostos. Apenas dirija, por favor.

Felizmente, o jovem deu de ombros e deixou o assunto de lado. Ele puxou de volta para o tráfego e não fez mais nenhuma tentativa de falar com ela. Por isso, pelo menos, Lily estava grata. Ela ainda não tinha certeza do que diria à polícia.

A verdade, uma voz falou em sua cabeça. *Você tem que dizer a verdade a eles.*

Ela faria. Ela devia isso a todas as garotas que haviam sido levadas e a todas as garotas que ainda tinham aquele terrível destino em seus futuros. Se ela não fizesse nada, ela era tão má quanto os traficantes.

E quanto ao Monster?

Ele também não merecia sua proteção. Talvez antes, mas não agora. Ele deveria ter pensado melhor.

Ela contaria tudo à polícia. Provavelmente, eles não se importariam em ir até Cuba para tentar rastrear Monster. Afinal, o que ela poderia dizer a eles? Tudo o que ela sabia era que ele estava em algum lugar de Cuba e seu nome era Monster, mas ele mudou o nome para Merrick. Eles pensariam que ela bateu com a cabeça muito forte, ou ainda estava sendo afetada pelas drogas. Eles não precisavam saber sobre seus negócios, e ela poderia negar todo o conhecimento sobre isso. Se ela dissesse que ele tinha uma marca de nascença, na qual ela trabalhou, e depois foi drogada e enviada de volta para a América, não havia razão para a polícia pensar que ela havia aprendido alguma coisa sobre o que ele fez. Mas ela poderia contar a eles todos os

detalhes sobre os eventos que levaram ao encontro de Monster. Ela poderia dizer a eles que acreditava ser mantida em um contêiner de transporte em um porto, e que não achava que tinha viajado mais do que algumas horas de Los Angeles.

O táxi parou e ela olhou para o grande prédio quadrado e a placa do Departamento de Polícia de Los Angeles. Inclinando para a frente, ela pagou ao motorista e desceu do veículo. Vários carros da polícia estavam estacionados em frente ao prédio, e a bandeira americana tremulava no topo de um mastro, juntando-se às palmeiras altas do lado de fora.

Ela respirou fundo para acalmar os nervos e, em seguida, caminhou até a porta e empurrou para dentro do prédio.

O sargento da recepção estava preenchendo a papelada quando ela se aproximou. Ela esperou até que ele olhou para cima, e um leve indício de um sorriso tocou seus lábios antes que ele franzisse a testa ligeiramente. Ele reconheceu o rosto dela, ela tinha certeza, mas não conseguia identificá-la.

—Posso ajudar?

—Umm sim, — ela disse, dando um passo à frente. —Estou aqui por causa de uma pessoa desaparecida.

—Você quer denunciar uma pessoa desaparecida?

—Não exatamente. Eu sou a pessoa desaparecida.

Sua carranca se aprofundou. —Você é?

—Meu nome é Lily Drayton.

Assim que ela disse seu nome, os olhos dele se arregalaram de surpresa. —Eu preciso ligar para o detetive que está encarregado do seu caso. —Ele abaixou a cabeça e se inclinou para frente. —Honestamente, senhora, todos nós pensamos que você estava morta.

Ela deu um sorriso sombrio. —Então todo mundo fica me dizendo.

O policial pegou o telefone e se afastou dela em seu assento. Ele falou em voz baixa, olhando para ela e oferecendo-lhe outro sorriso de boca fechada, antes de desligar.

—O detetive O'Bannon estará bem com você.

—Obrigada, — disse ela.

Ela sentou para esperar, mexendo nervosamente no punho da camisa e tentando não fazer contato visual com mais ninguém na sala.

Em poucos minutos, um homem mais velho, na casa dos sessenta anos, imaginou Lily, e provavelmente não muito longe da aposentadoria, deu um passo à frente. Ela notou o distintivo do detetive em seu peito.

—Venha para o meu escritório, por favor. — Seu tom era severo, e ele não fez nenhuma tentativa de sorrir ou comentar sobre como ela deveria estar quase dois metros abaixo da superfície, como todo mundo tinha. Ele nem esperou pela resposta dela, apenas se virou e voltou pelo corredor.

Lily correu atrás dele. Ele virou à direita e se dirigiu para um escritório. Ele recuou, segurando a porta aberta para ela enquanto ela entrava.

—Você não parece surpreso em me ver, — ela disse enquanto passava por ele.

Seus lábios já finos se torceram. —Alguém ligou antes.

—Oh? — Foi a vez dela ficar surpresa.

—Um vizinho ligou pelo seu reaparecimento repentino.

Caramba. O cara do corredor. O que diabos ele disse?

O detetive fechou a porta atrás dela e acenou com a cabeça para a cadeira no lado oposto de sua mesa. —Por favor, sente-se, Srta. Drayton. Você sabe que muitas pessoas estão procurando por você.

—Eu sei. Eu teria entrado em contato com você antes, mas acabei

de voltar para o meu apartamento.

Suas sobrancelhas se ergueram. —E não havia telefones onde você estava?

—Não! Eu fui sequestrada!

—Por um namorado ruim?

A confusão tomou conta dela e ela balançou a cabeça. —Um namorado? O que não. Por que você... — E então ela percebeu o que estava acontecendo.

—Meu vizinho disse isso a você, não foi?

—Ele disse que ouviu gritos e sons de violência vindos do seu apartamento e foi dar uma olhada. Aparentemente, você estava meio mal-humorada e se recusou a deixá-lo entrar. Ele disse que o lugar estava todo destruído e que ele achava que o namorado ainda estava no apartamento.

Ela ergueu a mão. —Me deixe parar você aí. Isso é apenas o que eu disse a ele. Eu não queria que ele soubesse do meu negócio, então menti.

O detetive a estudou de perto. —Seu apartamento não foi destruído?

Ela suspirou. —Sim, sim, foi, mas eu mesmo fiz.

Suas sobrancelhas brancas se juntaram e baixaram. —Você destruiu sua casa?

—Fiquei com raiva depois de tudo que passei.

Foi sua vez de suspirar e ele se recostou na cadeira e cruzou as mãos sobre o estômago. —Então me diga exatamente o que você passou.

Ela já se sentia como se estivesse no time perdedor. O que havia nela que o fez não acreditar nela? Ele tinha visto isso muitas vezes, mulheres fugindo com caras inadequados e perdendo o tempo da

polícia? Ela odiava que isso pudesse ser verdade, especialmente se aquelas mulheres fossem como ela e ir embora não tivesse sido exatamente uma decisão delas.

Lily respirou fundo e começou. —Eu saí do trabalho normalmente em uma sexta-feira à noite algumas semanas atrás, eu não poderia te dizer exatamente quantas semanas porque eu meio que perdi a noção dos dias, mas seria perto de quando fui dada como desaparecida pela primeira vez. —Ela pensou em algo e franziu a testa. —Quem denunciou meu desaparecimento?

—Uma de suas colegas de trabalho, — disse ele. Ele se inclinou para frente e verificou suas anotações. —Uma Elaine Lewis?

Lily acenou com a cabeça, ela sabia quem era.

—Ela ligou porque estava preocupada depois que você não apareceu por dois dias seguidos e não ligou. —Ele fez uma pausa e ergueu os olhos. —Por favor continue.

Lily respirou fundo, trazendo de volta as memórias de tudo o que tinha acontecido com uma torção dentro de seu intestino. —Quando me aproximei do meu carro no estacionamento embaixo do prédio onde trabalho, uma mulher com um bebê saiu das sombras, pedindo ajuda. Ela estava chorando e parecia horrível. Eu tentei ajudá-la, mas um homem estava lá, ele me bateu e me jogou no porta-malas de seu carro.

—Uma mulher com um bebê? —Ele interrompeu e verificou suas anotações. —Não recebemos nenhum relato de uma mulher com um bebê se machucando.

Lily balançou a cabeça. —Era uma armação. A mulher foi colocada lá, sabendo que eu tentaria ajudar ela. A coisa que eu pensei que era um bebê era na verdade uma boneca.

Suas sobrancelhas espessas se ergueram novamente. —Uma boneca?

—Sim, eu a vi cair no chão logo depois que eu mesmo bati no

chão.

Ele rabiscou algo e então olhou de volta para ela. —Prossiga.

—Eu estava semiconsciente, mas não acho que fiquei no porta-malas por mais de algumas horas. A próxima coisa que sei é que estou sendo jogada em um contêiner de transporte com outras cinco mulheres.

—Você não sabe há quantas semanas está sumida, mas sabe que só ficou no porta-malas por algumas horas?

—Não, eu não tenho certeza. Mas eu sei que fui levada quando era noite, e não era dia quando ele abriu o porta-malas novamente. — Lily se lembrou de algo. —Um BMW preto! O carro em que o homem me levou era um BMW preto.

—Como você sabe disso?

—Era o único outro carro presente na garagem. Deve ter sido para onde eles me levaram.

—Mas você disse que estava inconsciente. Como você pode ter certeza?

Ela balançou a cabeça, sentindo-se impotente. —Eu não posso. Só estou tentando dizer o que sei. — Lágrimas repentinas picaram atrás de seus olhos e ela piscou para longe, não querendo que o detetive pensasse que ela estava excessivamente emocional e incapaz de ser uma testemunha forte. Ela respirou fundo e se inclinou para frente, fazendo contato visual com o homem e se forçando a segurá-lo. —Os homens que me levaram eram traficantes sexuais. O cara principal era grande, com uma testa larga, olhos profundos e um nariz que parecia ter sido quebrado muitas vezes. Ele cheirava a fumaça de cigarro o tempo todo. O homem que trabalhava com ele era magro e tinha olhos esbugalhados, como você vê em alguém com problema de tireóide, ou algo assim. Eles eram pervertidos, bastardos doentes que ainda estão por aí, fazendo o que fazem. Você precisa encontrá-los e detê-los!

—Você está ausente há mais de um mês, Srta. Drayton. Você está

dizendo que foi mantida em um contêiner de remessa todo esse tempo?

Era isso, ela teria que contar a ele sobre o Monster.

Ela balançou a cabeça. —Não, eles tinham um comprador para mim. Fui enviada a Cuba por um homem que não me queria para sexo.

Suas bochechas coraram com a palavra.

—Não? — As sobrancelhas dele se ergueram novamente daquele jeito incrédulo que a fez querer esticar o braço e esbofeteá-lo. —Para que ele queria você, então?

Lily pressionou as palmas das mãos para manter o controle de si mesma. —Ele tem, tinha, uma marca de nascença no rosto. Ele queria que eu me livrasse disso.

—Esta é uma história e tanto.

Ela bateu as mãos na superfície de madeira da mesa. —Não é uma maldita história. É a verdade!

—Controle-se, por favor, Srta. Drayton.

Ela se recostou na cadeira e olhou para baixo. —Desculpe, — ela murmurou, embora ela não estivesse. Por que diabos esse idiota não a estava levando a sério?

—Então, você foi levada por traficantes de sexo e enviada a um homem em Cuba que queria que você removesse uma marca de nascença que o incomodava. O que aconteceu então?

—Fiz o que ele pediu e ele me mandou de volta para a América.

—Bem desse jeito?

—Sim, simplesmente assim.

Ele apertou os lábios e juntou os dedos contra a boca. —E esse homem não seria também o mau namorado, seria, agora?

Suas bochechas queimaram com o calor fresco e ela olhou para a mesa. Ele saberia se ela mentisse.

—Ele e eu acabamos tendo um relacionamento, sim, mas inicialmente fui levada contra a minha vontade. Por favor acredite em mim.

—Por que você não contatou ninguém na América? Por que você não disse a ninguém que estava segura?

Ela balançou a cabeça. —Eu deveria ter feito. Eu não pensei... tanta coisa aconteceu.

O detetive O'Bannon se aproximou da mesa e pegou uma caneta e papel. —Então, qual é o nome desse homem para que possamos contatá-lo e verificar sua história?

—O nome dele...— Ela hesitou. —Ele sempre me deu um nome, que era Merrick.

—Merrick?

Ela acenou com a cabeça.

—E onde em Cuba você estava?

—Não sei. Ele nunca me deixou sair da propriedade.

—Então, eu devo rastrear um homem cujo nome é Merrick, que vive em algum lugar em Cuba?

—Não, você deveria rastrear os malditos traficantes bem aqui na América que provavelmente ainda estão levando mulheres para vender para pervertidos!

Ele limpou a garganta e baixou a caneta antes de olhar para ela com as sobrancelhas levantadas. —Senhorita Drayton, você entende que perder o tempo da polícia e dar informações enganosas à polícia são coisas pelas quais você pode ser cobrada?

Sua raiva finalmente explodiu e ela se levantou de um salto. —Eu não estou mentindo, porra! Não tenho um namorado secreto com

quem fugi e inventei uma história elaborada para encobrir meus rastros. O tráfico sexual existe, e se você não sabe disso, deveria estar seriamente procurando um emprego diferente.

Ele a olhou friamente e falou devagar. —Por favor, sente-se, sente.

Apertando os punhos ao lado do corpo, as bochechas em chamas, ela se forçou a voltar para a cadeira. Ela precisava da ajuda dele e odiava que ele não acreditasse nela. Se ao menos ela tivesse ficado de boca fechada no apartamento e não tivesse dito nada para aquele vizinho maldito. Como ele acabou interferindo chamando a polícia antes dela? A primeira coisa que ela faria quando deixasse este lugar seria ir ao apartamento dele e confrontar ele. Ela estava cansada de homens interferindo em sua vida.

Ela sabia o que o detetive pensava ter visto, uma jovem que se envolveu em um relacionamento ruim, cometeu erros e agora estava inventando uma história elaborada para encobrir seus rastros. Essa era a maneira de pensar do velho, a mesma razão pela qual tantos casos de estupro nunca foram denunciados, e se foram denunciados, não foram processados. Sempre se presumiu que a mulher de alguma forma estava pedindo por isso, que, no fundo, o que acontecia era sempre culpa da mulher.

—Me ouça, — disse ela, inclinando para a frente, os braços pressionados contra a mesa. —Eu sou uma mulher profissional. Escrevi artigos para revistas médicas. Não sou uma idiota sem cérebro que fugiu com um cara inadequado e agora está inventando uma história maluca para tentar me proteger. Tudo o que eu disse é verdade, então você pode parar de me dar aqueles olhares de desaprovação e realmente fazer algo para encontrar os filhos da puta que me pegaram.

Ele pelo menos teve a cortesia de se mexer desconfortavelmente na cadeira e pigarreou novamente. —Senhorita Drayton, ninguém está dizendo que você está inventando isso, mas você deve entender que a informação que deu é extremamente vaga. Posso trazer um artista e ver se alguém já tem alguém em nossos arquivos corresponde às

descrições que você deu dos dois homens que a levaram, ou da mulher envolvida inicialmente, mas além disso, infelizmente, simplesmente não temos os recursos para enviar oficiais a cada porto em um período de tempo não especificado, em qualquer direção a partir daqui. Além disso, semanas se passaram desde que você foi primeiro... —ele hesitou sobre a palavra, — levada. Tenho certeza de que os traficantes já teriam mudado.

Ela balançou a cabeça. —Acho que não. As outras garotas pareciam estar lá há muito mais tempo do que eu. Eu não acho que eles estão movendo elas a menos que seja absolutamente necessário.

—Mesmo assim, já perdemos muito tempo e mão de obra com o seu desaparecimento. Não podemos nos dar ao luxo de continuar alocando recursos para uma pessoa desaparecida que claramente não está desaparecida.

Ele exalou um suspiro e recostou na cadeira, as mãos cruzadas sobre o estômago.

Lily tinha a sensação de que acabara de ser dispensada.



Três



Lily deixou o departamento de polícia com a certeza de que nada seria feito.

Ela saiu para a rua e enfiou as mãos nos bolsos. Como ela não sabia quanto tempo demoraria, ela não pediu ao táxi para esperar, então agora ela tinha que descobrir como chegar em casa. Era muito longe para andar, mas ela poderia pegar um ônibus para sua vizinhança e caminhar o resto. O ar fresco e o espaço lhe dariam tempo para pensar sobre o que faria a seguir. Além disso, ela não tinha muita escolha e não podia continuar pegando táxis em todos os lugares. O detetive disse que seu carro não seria devolvido para ela ainda, especialmente à luz de sua declaração. Tinha sido encontrado abandonado perto do rio, embora eles não tivessem detectado nenhum sinal de luta, nenhum sangue ou impressões digitais que não pertenciam a ela, mas ela foi informada de que precisariam apreender ele ainda mais tempo em caso de novas evidências. Ela não podia acreditar que não havia nenhuma pista com o carro. O Mão de Cigarro deve ter movido o veículo sozinho, ou a mulher com o bebê de mentira deve ter feito isso. Como eles não deixaram nenhum vestígio de si mesmos para trás, e como eles moveram o carro sem serem vistos no sistema de segurança ou por uma testemunha?

A polícia não iria encontrar Mãos de Cigarro ou seu parceiro. Sim, o detetive provavelmente enviaria a impressão do artista, talvez fixaria a foto em alguns quadros de avisos em várias estações, mas essa seria a extensão de suas investigações. Mãos de Cigarro seria deixado para continuar pegando garotas, estuprando elas e vendendo até que os traficantes fizessem algo que os prendesse ou matasse.

A raiva a atingiu, de repente e com total ferocidade. O que diabos havia de errado com todos esses homens? Entre Monster, Mãos de Cigarro, o detetive inútil e até mesmo o vizinho que enfiou o nariz onde não era desejado, parecia que todos estavam em algum tipo de conspiração em que cada um faria algo para ferrá-la sempre que ela tentava seguir em frente.

Mas ela não podia simplesmente deixar isso acabar. Os rostos das garotas com quem ela dividiu o espaço do contêiner a assombravam cada vez que fechava os olhos. Ela não podia suportar a ideia de que mais pessoas estivessem lá fora, machucadas, abusadas e apavoradas, e a polícia não estava fazendo nada para encontrá-las. Como ela deveria continuar com sua vida, sabendo que Mãos de Cigarro ficaria impune?

Uma decisão foi alojada firmemente no coração de Lily.

Se a polícia não os encontrasse, ela o faria.

A ideia a apavorava e a excitava em medidas iguais. Ela poderia fazer isso? Rastrear o lugar onde ela foi presa e encontrar Mãos de Cigarro e sua equipe ao mesmo tempo? Ela não precisaria fazer nada. Apenas localizar o porto e o contêiner de embarque já seria o suficiente para levar de volta à polícia. Pelo menos então ela estaria dando a eles algo substancial para continuar. A polícia poderia partir daí, resgatando as meninas e prendendo os traficantes.

Lily respirou fundo.

Se ela fosse fazer isso, ela precisaria obter uma arma para proteção. Ela não se permitiria ser tomada por aqueles bastardos novamente. Ela se sentia mais confiante segurando uma arma agora do que há um mês. Era incrível o quanto uma questão de semanas poderia mudar alguém. Ela também precisaria de um mapa para marcar todos os portos a uma distância razoável. Pode levar semanas para cobrir todos eles, e ela pode nunca encontrar o certo, ou os homens que a levaram, mas pelo menos ela teria tentado. Ela não podia deitar na cama todas as noites sabendo que eles ainda estavam

por aí em algum lugar.

Outro pensamento lhe ocorreu, enviando gelo por suas veias.

E se o Mãos de Cigarro descobrisse que ela estava de volta, sã e salva? Aparentemente, seu desaparecimento foi informado pela mídia, então era realista esperar que alguns relatos sobre seu reaparecimento também viessem à tona. E se ele visse que ela ainda estava viva? Ele sabia que ela tinha visto seus rostos e podia identificar certas coisas sobre eles, o que eles fizeram e onde o fizeram. Eles esperariam que ela fosse à polícia e iriam querer impedir ela. Sua bolsa estava no carro quando ela foi levada, e continha sua carteira de motorista e seu endereço. A polícia não mencionou que ela havia sido encontrada no carro, o que significava que os traficantes provavelmente a haviam levado.

O gelo se solidificou para penetrar em seu coração.

Mãos de Cigarro sabia onde ela morava.

Ela não dormiria profundamente em sua cama tão cedo. Ela estaria esperando que eles invadissem e terminassem o trabalho que haviam começado.

Estuprando e assassinando ela.

Um arrepio percorreu sua espinha e ela girou, de repente certa de que sentiu alguém olhando para ela. Mas as ruas de Los Angeles não pareciam diferentes do que normalmente eram, uma mistura eclética de moradores, turistas e aspirantes a Hollywood. Ninguém parecia estar prestando atenção nela.

Ela balançou a cabeça e continuou andando observando o próximo ponto de ônibus que a levaria na direção certa. O tempo todo ela sentiu como se os olhos estivessem nela e se virou, meio que esperando ver Mãos de Cigarro parado na calçada atrás dela. Claro, a ideia era ridícula, e cada vez que ela se virava, ninguém estava lá. Não era de se surpreender que ela se sentisse assustada, considerando tudo o que havia passado e a possibilidade de mais perigo a aguardando.

Na lateral da rua, ela passou por um telefone público, o antiquado aparelho com ‘telefone público’ escrito na parte superior. Ela não tinha mais seu telefone celular e nunca se preocupou em instalar um telefone fixo em seu apartamento, por que deveria? Ninguém, exceto o trabalho, precisou ligar para ela e, se precisaram, apenas ligaram para o celular dela.

Ela precisava ligar para a clínica para a qual trabalhava e dizer que estava segura. Se seu desaparecimento tivesse saído nos jornais, ela presumia que seu reaparecimento também o faria, e ela não queria que seu chefe e colegas descobrissem por meio de terceiros. Embora ela não fosse próxima de ninguém lá, ela assumiu que eles pelo menos deveriam estar preocupados com ela. Além disso, ela precisava que eles soubessem que ela não iria trabalhar tão cedo, se ela ainda tivesse um emprego.

Lily ergueu o fone e fez a ligação. Uma voz familiar respondeu, e Lily entrou na conversa.

—Maggie, é Lily Drayton.

Ela ouviu uma inspiração aguda no final da linha. —Lily? Oh meu Deus. Você está bem? Temos estado muito preocupados aqui. A polícia está por perto fazendo perguntas e tudo!

—Sim, eu sinto muito. Eu deveria ter ligado antes, mas acabei de receber permissão para voltar para casa.

—O que aconteceu?

Ela decidiu que a coisa mais próxima da verdade era o melhor para contar. Afinal, veja o que aconteceu quando ela mentiu para o vizinho. —Fui sequestrada por traficantes.

Um suspiro de choque. —Oh, isso é horrível.

—Sim, foi, — ela admitiu. —Não se preocupe. Não acabei vendida para alguém que me queria para... isso... mas vi algumas coisas horríveis. Vou precisar de um tempo antes de voltar ao trabalho, se estiver tudo bem. Supondo que eu ainda tenha um emprego para o

qual voltar, é claro.

—Sempre haverá uma posição aqui para você, Lily, então não tenha pressa. Procure aconselhamento, se isso ajudar. Não consigo imaginar o que você passou.

—Sim, obrigada. Aconselhamento parece uma boa ideia. — *Depois de rastrear os bastardos que me levaram.*

— Bom. Bem, estou tão feliz que você esteja segura, e se houver algo que eu possa fazer, por favor, é só dizer.

—Obrigada, Maggie.

—De nada.

Lily desligou o telefone, sentindo-se culpada. Ela estava fazendo a coisa certa? Talvez ela devesse deixar a polícia fazer o trabalho deles e ela deveria voltar a fazer o dela? Não seria a maneira certa de lidar com as coisas?

Mas como ela poderia voltar ao seu antigo modo de vida, indo trabalhar pela manhã e voltando para um apartamento vazio, uma cama vazia? Sua vida já parecia inútil sem Monster nela. Ele mostrou a ela uma maneira diferente de viver, uma vida cheia de cor, paixão e intensidade. Tudo agora parecia vazio e sem alma. Ela não conseguia imaginar como seria a sensação em semanas ou até meses a partir de agora. Ela lentamente esqueceria como era estar viva e voltaria para a existência entorpecida que ela tinha antes, ou ela morreria gradualmente por dentro, murchando até que seu corpo finalmente alcançou seu coração partido?

Mas você não pode simplesmente voltar a ser como as coisas eram, uma voz a lembrou. Esses homens sabem onde você mora.

Ela não estava segura. Ela não estava segura em Cuba, mas ainda não estava segura aqui. Por mais inteligente que Monster pudesse ser, ele foi um idiota quando tomou sua decisão.

Ele a deixou sem escolha.

Ela precisava conseguir uma arma, mas de onde? Ela não planejava ficar sentada por muito tempo enquanto esperava que as licenças e verificações de antecedentes fossem feitas. Mãos de Cigarro a teria rastreado e matado antes que qualquer tipo de licença fosse aprovada. Ela se qualificaria para uma licença agora? Ela não sabia que tipo de registro a polícia tinha sobre ela e, embora ela não tivesse sido acusada de nada, algo poderia aparecer como uma bandeira vermelha em seu perfil. Ela não podia correr o risco.

Lily estava perdida. Ela não andava com esse tipo de pessoa, gente que saberia como conseguir uma arma ilegal. Inferno, ela não andava com as pessoas em geral.

Então ela pensou em alguém.

Havia apenas uma pessoa que ela conhecia que tentou ajudar ela, e agora ele lhe devia um favor.



Monster

(Dias atuais)



Monster estava em sua cozinha bebendo conhaque, puro, de um copo de vidro de fundo pesado. Ele olhou pela janela para o terreno e o muro alto que cercava sua propriedade, perdido em pensamentos.

Apesar de passar toda a sua vida nesta casa, apenas deixando suas paredes altas pela primeira vez há algumas semanas, este lugar não parecia mais um lar. Ele sentia falta dela com cada fibra de seu ser, sua Flor, sua razão para se tornar o homem que era agora. Ele fez uma escolha, uma escolha altruísta. Ele poderia ter mantido ela aqui e se perdido em sua carne macia e beijos quentes, mas fazer isso teria sido totalmente egoísta. Só porque ele cuidou dos irmãos Gonzalez-Larrinaga não significava que não houvesse repercussões pelo que ele fez. Uma morte nunca fica impune e ele tirou a vida de dois homens importantes aqui em Cuba. Se ela estivesse aqui, isso apenas a colocaria em risco. Essas eram pessoas brutais e cruéis, e se eles percebessem que ela era alguém que ele amava, eles a usariam para machucar ele. A ideia de ela ser colocada na mesma situação em que estivera com os irmãos Gonzalez-Larrinaga gerou uma dor profunda dentro dele. Essa coisa toda poderia ter corrido tão mal. E se ele não a tivesse alcançado a tempo, se ele não tivesse recuperado a consciência, e eles a tivessem estuprado? O pensamento de outro homem se forçando dentro de seu corpo delicioso o fez querer derrubar paredes e machucar pessoas.

Mas isso não aconteceu, e ele não correria o risco de que acontecesse novamente.

Ele a deixou ir porque a amava. Ele sabia que ela ficaria furiosa com ele agora. Ela estaria xingando o nome dele e dizendo a si mesma que o odiava e, embora doesse, era a coisa certa a fazer também. Se ela o odiasse, ela não tentaria procurar ele. Cuba era um lugar grande e ele achava que ela não sabia em que área havia estado. Isso a impediria de voltar e tentar encontrar ele. A outra coisa que a deteria eram as medidas extremas que ele havia tomado para mandar ela de volta. As drogas eram do tipo que os médicos usavam quando precisavam internar seus pacientes por um período de tempo. Ele contratou um anestesiologista para viajar com ela todo o caminho, e o médico relatou que embora ela tivesse saído da anestesia algumas vezes, ela não sabia o que estava acontecendo, e eles deixaram ela em seu apartamento com segurança. O médico ficou com ela até que ela recuperou a consciência.

Flor estava em casa e segura, e isso era tudo que importava para ele. Mesmo se alguém viesse atrás dele para vingar a morte dos irmãos, eles nunca saberiam que ela ainda estava viva.

O toque estridente do telefone o fez olhar para longe da janela e em direção à sala de estar, que ele havia transformado em seu escritório. Levando seu copo para a outra sala, ele abafou a preocupação que cresceu dentro dele.

Monster colocou o copo em sua mesa e pegou o telefone.

—Sim?

—É Sean Hamilton, senhor. Estou ligando com um relatório sobre a sua marca.

Algo em seu peito se apertou. —Sim, obrigado. Como ela está?

—Ela parece ter se recuperado bem o suficiente de sua provação, isto é, fisicamente. Depois que ela acordou, ela quebrou uma série de coisas em seu apartamento

—O que você quer dizer com ela os quebrou?

—Estou dizendo que ela estava com raiva, senhor. Ela gritou e

quebrou seus pertences.

Ele esperava que ela reagisse mal ao acordar de volta em seu apartamento, mas ainda assim a ideia de ela quebrar suas coisas torceu seu intestino. Ele se lembrou de quando ela jogou seus livros nele em sua raiva quando ela esteve aqui. Talvez ele não devesse estar tão surpreso que ela reagiu da maneira que ela fez.

E é bom que ela esteja com raiva, disse a si mesmo. *Isso significa que ela te odeia. Ela não vai querer ver você nunca mais.*

—Há algo mais, senhor, — disse o homem ao longo da linha.

Monster pegou seu copo e bebeu o restante do conhaque. Ele precisava manter suas emoções sob controle. O sentimento não faria bem a nenhum deles.

—O que é isso?

—Ela foi à delegacia e fez uma denúncia. Receio que não tenhamos conseguido nenhum arquivo para descobrir exatamente o que ela disse, mas acho que podemos ter quase certeza de que o relatório teria mencionado você nele.

Ele cerrou o punho ao redor do telefone, sua mandíbula apertando. —Você precisa obter esse arquivo.

—Estamos trabalhando nisso. Temos alguns contatos no departamento de polícia de Los Angeles, mas obviamente isso leva tempo.

—Preciso saber se ela disse algo que possa atrair o tipo errado de atenção para ela.

—Eu entendo.

—Então, o que ela está fazendo agora?

—Ela pegou um ônibus e voltou para o apartamento.

—Certo, bem, fique de olho nela. Certifique-se de que ela não faça nada estúpido.

—Farei o possível, senhor, embora espere que você entenda que nem sempre é fácil seguir alguém em uma cidade tão movimentada. Los Angeles é um lugar grande, e você disse especificamente para não permitir que ela suspeitasse de nenhuma forma.

Monster estalou. —Eu não quero ouvir desculpas do caralho. Apenas faça o trabalho pelo qual estou pagando.

—Sim senhor.

Ele desligou o telefone, o coração batendo forte.

Por que diabos ela foi à polícia? Ela realmente achava que ele a mandaria de volta para os Estados Unidos sem empregar pessoas para ficar de olho nela? Ele pensou que ela tinha mais bom senso do que isso. Ele esperava que ela pudesse ter se deitado baixo e levado algum tempo para si mesma. Com o dinheiro que ele mandou, ela nem precisava trabalhar se não quisesse.

Ainda assim, seu coração doeu por ela.

Monster desejou ter sido capaz de perguntar a Sean as coisas que ele realmente queria saber.

Ele queria que o outro homem contasse todos os pequenos detalhes sobre Flor. Ela estava chorando? Como ela está? Ela estava machucada e sentia falta dele? Ele gostaria de poder vê-la e fazer-lhe essas perguntas ele mesmo. Ele gostaria de poder envolver ela com os braços, abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem.

Monster afastou a onda de emoção que cresceu dentro dele. Ele ergueu o copo, planejando tomar outro gole para tentar aliviar a dor, mas o copo estava vazio. Com um grunhido, ele apertou seu aperto, apertando cada vez mais forte, até que finalmente o vidro se estilhaçou em seu punho. Cacos de vidro cravaram em sua carne e ele deixou os pedaços restantes se espatafurem no chão. O sangue escorreu por sua palma e pingou na mesa, mas ele não se importou.

A visão e a dor cortando sua mão eram uma distração bem-vinda

da dor em seu coração.



Quatro



Lily bateu o punho contra a porta, com força suficiente para doer. O número vinte em uma figura dourada em relevo estava preso ao centro da madeira, mas perdeu parte do prego quando ela bateu e escorregou, pendurando torto.

—Ei! — Ela gritou. —Saia aqui.

Sua raiva em relação ao vizinho intrometido aumentava a cada passo que ela dava em direção a casa. Se ele não tivesse chamado a polícia antes dela, eles nunca teriam ouvido a história sobre ela ter problemas com um mau namorado e teriam levado sua história mais a sério. Ele deveria ter ficado fora de seu negócio em vez de enfiar o nariz onde não era desejado.

Ela não ouviu nada, então ela bateu novamente.

—Vamos, seu filho da puta! Me encare!

Talvez ela estivesse descontando sua raiva no homem errado, culpando ele pelo que acontecera quando ele era apenas uma pequena peça do quebra-cabeça, mas agora ele era o único disponível.

Passos se aproximaram de dentro e a porta se abriu. Seu cabelo estava molhado, comprido e pingando no rosto, e uma toalha enrolada na cintura. Ela tentou não notar os músculos definidos de seu peito e abdômen, ou a forma como uma linha escura de cabelo escorria de seu umbigo e desaparecia sob a toalha.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. —Ah é você.

Não, ela não se deixaria distrair por um bom corpo novamente. Ela tinha algo a dizer e ia dizer.

—Que porra você acha que estava brincando ao me denunciar à polícia?

Suas sobrancelhas se curvaram em aparente confusão. —Huh?

—Você ligou para a polícia e disse a eles que eu estava de volta e que tinha saído com um namorado bandido que destruiu meu apartamento.

—Eu pensei que você estava com problemas.

—Bem, eu não estava, e não preciso que nenhum estranho interfira em meus negócios.

—Tudo bem, — disse ele, colocando a mão contra o batente da porta. Ela desejou que ele colocasse uma camisa. —Em primeiro lugar, dificilmente somos estranhos. Moramos no mesmo prédio há três anos e, mesmo que você não dê muita atenção a ninguém ao seu redor, eu faço. Eu sei o seu nome e sei o que você faz para viver. Eu até sei que você gosta de comida chinesa nas noites de sábado.

—Parece mais que você é um perseguidor para mim, — ela murmurou, mas ela podia sentir suas bochechas ficando vermelhas. — De qualquer forma, você só pode saber disso pelo jornal.

Ele balançou sua cabeça. —Não, eu sou um cara normal que percebe o mundo ao seu redor, incluindo a mulher bonita do corredor, apesar do fato de que ela parece não notar muito sobre qualquer coisa, exceto ir para o trabalho.

—Eu noto coisas!

—Aposto que você nem sabe meu nome.

Ele a tinha nessa.

—É Cameron Hastings, por falar nisso.

—Eu sabia disso, — ela murmurou, mas não encontrou seus olhos.

—E em segundo lugar, — ele continuou, —pensei que você estava com problemas e queria ajudar. Você está dizendo que da próxima vez que eu achar que uma mulher está sendo machucada, devo fechar os olhos? Se um cara está batendo na namorada na rua, devo continuar andando?

—Não! — Ela exclamou. —Não é isso que estou dizendo.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Tem certeza? Porque pensei que você fosse aquela mulher e estava tentando fazer a coisa certa.

Ela exalou um suspiro, seus ombros caindo, sua raiva murchando. —Você está certo e eu sinto muito. Eu só estava com raiva porque não disse a verdade quando você bateu na minha porta, e então você passou essa mentira para a polícia. Eu mesmo fui vê-los, mas pelo que você já havia contado, eles não queriam acreditar na verdade.

Sua testa franziu em preocupação, uma linha aparecendo entre seus olhos. —Olha, você quer entrar por um momento? Não parece o tipo de conversa que deveríamos ter em pé no corredor.

Ela ergueu as mãos em defesa e deu um passo para trás. —Oh, não, está tudo bem. Eu obviamente interrompi você, de qualquer maneira. Por favor, esqueça que eu disse qualquer coisa.

—Não. Entre, por favor. Vou fazer um café para você. E vou colocar algumas roupas, eu prometo. — Uma sugestão de sorriso apareceu nos cantos de seus lábios. Ela nem tinha leite em seu apartamento ou se tinha, já tinha um mês agora. A ideia do café parecia boa.

—Tudo bem, — ela cedeu. —Contanto que você se vista.

Ele riu. —Eu vou, eu juro.

Cameron se afastou da porta da frente, indo para seu apartamento. Cautelosamente, ela o seguiu, fechando a porta atrás dela.

—Só me dê um minuto, — ele gritou enquanto caminhava em

direção a outra sala, seu quarto, ela assumiu. —Fique à vontade.

Lily olhou para o apartamento dele com curiosidade. Era confortável, caseiro. Um sofá de couro marrom que parecia ser muito querido, o material rachado, estava coberto de almofadas e mantas. Livros empilhados nas prateleiras a lembravam de Monster, e seu coração se apertou. Numerosas fotos de Cameron com grupos de amigos foram colocadas no topo das estantes. Ela avistou uma dele com uma garota loira, o braço casualmente enrolado em seu ombro. Essa era sua namorada? Ele pelo menos morava sozinho? Por alguma razão, ela assumiu que sim, mas ela poderia estar errada. Ela esperava que sim, não por qualquer motivo romântico, é claro que ela não estava interessada assim, mas porque ela não queria explicar a ninguém o que tinha acontecido.

Cameron reapareceu vestido com jeans e uma camiseta de manga comprida com decote em V. Ele foi para a cozinha e ela ouviu o chiado de uma cafeteira sendo ligada.

—Como você toma o seu café? — Ele perguntou para ela.

—Preto com açúcar, obrigada.

O rico aroma do café a impulsionou na memória de ser recompensada com café expresso após ela ter tratado o rosto de Monster pela primeira vez. A lembrança fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas, um caroço doloroso se alojando em sua garganta.

Uma mão tocou seu joelho, e ela se afastou do contato, uma velha sensação familiar de desconforto e estranheza se instalando dentro dela. Ela estava tão perdida em sua memória que não notou Cameron pousando a garrafa de café na mesa.

—Ei, você está bem?

Ela assentiu e enxugou o rosto com as costas da mão. —Sim. Não. Eu não sei. Já passei por muita coisa e acho que ainda não tive tempo de processar tudo.

—Você quer me dizer a verdade agora?

Para seu horror, ela percebeu que a ideia de contar a este homem que tinha sido raptada por traficantes de sexo a humilhava. Ele pensaria que ela foi forçada a ser uma prostituta, que ela foi forçada a fazer sexo com vários homens?

—Eu fui sequestrada, — ela disse, cuidadosamente. —Eles eram traficantes, mas não me queriam para o comércio sexual. Eles queriam que eu trabalhasse para um homem que tinha uma grande marca de nascença cor de vinho do Porto em um lado do rosto.

—Porque você é uma terapeuta a laser.

Ela rapidamente olhou para ele carrancuda. —Como você sabia disso?

Ele encolheu os ombros se desculpando. —Eu te disse. Vivemos no mesmo corredor um do outro há três anos. Além disso, estava nos jornais.

Ela balançou levemente a cabeça. —Ah, claro. — Lily reuniu seus pensamentos e continuou. —O homem para quem eles me sequestraram era um criminoso e não queria sair para o mundo normal em busca de tratamento, então pagou a esses homens para me levarem.

—Este homem deixou você voltar para casa?

Ela acenou com a cabeça. —Sim, ele me tratou bem o suficiente. — Ela tentou não pensar nos dias a fio que passou em confinamento solitário, com fome e medo, ou nos dias seguintes, quando ela passou a maior parte do tempo na cama com ele, ou com ele transando com ela no balcão da cozinha, o chão, a escada... —Mas os homens que me levaram inicialmente eram bandidos. Eles tinham outras mulheres, garotas, na verdade. Eles as machucaram e as estavam vendendo para o comércio sexual. Acontece que não acho que eles pensaram que eu voltaria para casa e, se descobrirem, virão atrás de mim.

—Putta merda.

—Sim, você pode dizer isso de novo. Eles pegaram minha bolsa, então eles sabem onde moro e que posso dar descrições deles e de seus negócios.

—Você acha que eles vão te rastrear?

—Estou certa disso. E por causa da ligação que você fez para a polícia, eles não estão fazendo nada para tentar me proteger.

Ele olhou para o chão e balançou a cabeça. —Inferno, eu sinto muito. Eu não sabia. Só estava tentando ajudar, juro. Se houver algo que eu possa fazer...

—Eu preciso de sua ajuda, — ela admitiu. Para atrasar o que estava prestes a dizer, ela pegou sua xícara e deu um gole no café quente. —Eu preciso de uma arma.



Cinco



Cameron se recostou e passou a mão pelo cabelo úmido.

—Para que você precisa de uma arma?

—O que você acha? Proteção. Os homens que me levaram sabem onde moro. Não vou me sentir segura no meu apartamento sem uma, e depois do que você disse à polícia, eles também não vão me oferecer nenhuma proteção.

—Por que não seguir as rotas habituais? Se candidate a uma. Presumo que você não seja uma criminosa, então não há razão para não conseguir uma licença.

Ela balançou a cabeça. —Não é rápido o suficiente. Eu preciso de uma agora, ou até esta noite, pelo menos.

Ele a encarou, e ela sabia que ele estava considerando as coisas. Se ele tinha uma decisão a tomar, significava que pelo menos sabia onde conseguir uma arma.

—Você tem dinheiro? — Ele perguntou.

—Sim, bastante. Só preciso ir ao banco e fazer um saque. — Ela se inclinou para frente, os cotovelos apoiados nos joelhos. —Isso significa que você vai me ajudar?

—Eu posso conhecer um cara. Ainda mantenho contato com ele da faculdade. Ele sempre estava envolvido em alguma merda suspeita, e acho que ele saberia onde conseguir uma arma.

—Por favor, ligue para esse cara para mim e pergunte, — disse ela. —Você me deve.

Ele suspirou e recostou-se.

Ela bebeu o café quente demais, esperando ansiosamente sua resposta.

—Tudo bem, — ele disse eventualmente. —Me dê uma hora. Me deixe fazer algumas ligações e vou bater na sua porta quando ouvir alguma coisa.

Lily sorriu, sem saber se deveria ficar feliz com a notícia ou doente de nervosismo com o que estava pensando. —Obrigada, — disse ela, levantando do sofá. —Isso realmente vai me ajudar a me sentir mais segura.

—E consiga mais algumas fechaduras para a porta da frente. Grandes.

Ela sorriu novamente, embora a expressão parecesse tensa. Ela não gostava de estar usando esse cara para conseguir o que precisava, mas não havia espaço em seu coração para compaixão. Ela precisava ser dura, brutal. Se ela mostrasse fraqueza, seria o seu fim.

Lily saiu do apartamento. A estranha sensação de que alguém estava olhando para ela se agarrou a ela novamente, mas quando ela olhou para o corredor, o espaço estava vazio. De repente, assustada, todos os fios de cabelo de seu corpo ganhando atenção, ela correu pelo corredor até seu apartamento. Com sua respiração ofegante, ela bateu seu caminho em seu lugar e fechou a porta atrás dela, travando a fechadura na posição. Ela se encostou na porta, tentando conter as lágrimas. Ela precisava ser dura, mas no fundo estava magoada e assustada.

—Por que você está me obrigando a fazer isso sozinha? — Ela disse em voz alta, embora soubesse que ele não podia ouvir ela. — Você fez isso comigo, Monster. Você trouxe esses homens para minha vida e então me abandonou. Essas não são ações de alguém que ama outra pessoa. Elas são as ações de um covarde de merda!

Ela nem queria estar em seu apartamento, se sentindo uma intrusa

em sua própria casa, mas a exaustão a dominou e ela conseguiu tropeçar até o sofá. Desmoronando nas almofadas macias, ela se encolheu na posição fetal e colocou as mãos sob a cabeça. O leve cheiro de vômito e fluido de limpeza ainda contaminava o ar, mas ela dormiu em lugares piores.

A exaustão a reivindicou e ela caiu em um sono profundo e insondável.



Ele estava com ela no sofá, seu grande corpo pressionando com força contra o dela enquanto ela se agarrava às suas costas. Sua presença a rodeava, envolvendo ela em uma bolha onde ela não conseguia pensar em nada além dele.

Lily se contorceu, o calor familiar condensando-se entre suas coxas, implorando para ser construído mais alto até que ela tombasse sobre a borda. Que estranho ambos chegarem desesperadamente ao ponto culminante e, ainda assim, nunca quererem que a jornada termine.

—Monster, por favor, — ela gemeu, pressionando o rosto contra o ombro dele.

Sua mão empurrou rudemente entre seus corpos, cavando entre suas coxas.

Ela queria levantar a cabeça de seu ombro, olhar em seu rosto, mas de alguma forma ela não podia. Sua cabeça parecia feita de chumbo e, por mais que tentasse, não conseguia mover ela. A sensação a lembrou de algo, de outra época em que ela não conseguiu fazer uma parte de seu corpo funcionar. O alarme passou por ela, mas ela o empurrou, não querendo pensar sobre isso. Em vez disso, ela queria se perder na pressão dos dedos de Monster empurrando contra seu monte, buscando seu caminho dentro dela. Isso era o que ela precisava, o que ela queria. De alguma forma, ela sentiu como se ela encontrasse seu limite, tudo ficaria bem novamente.

Não há nada de errado, sussurrou a parte distante de sua mente. Monster está aqui com você, fazendo amor com você. Tudo está certo.

No entanto, não estava. Ela sabia que não estava.

Ela estava molhada e escorregadia entre as coxas. Os dedos de Monster deslizaram entre suas dobras e entraram nela, esticando suas paredes almofadadas. Seus dedos empurraram profundamente e com força dentro dela e ela resistiu, arqueando as costas. Ela soltou um gemido e mordeu seu ombro, seus dentes e língua encontrando o tecido macio de sua camiseta.

Camiseta? Por que ele estava vestindo uma camiseta? Exceto quando ele estava nu, ela nunca o tinha visto sem um terno.

Com o dedo médio e o indicador empurrando em sua boceta, o dedo mínimo e o anular se moveram para baixo. Seus dedos roçaram a entrada de seu ânus e ela deu um pequeno grito. Ele não disse nada para tranquilizar ela, parecendo saber o que seu corpo queria ainda mais do que ela. Usando a lubrificação que ele já havia persuadido dela, seu dedo mindinho pressionou contra seu traseiro, até que ele violou seu anel e empurrou para dentro.

Ela sentiu uma leve picada, mas o prazer que instantaneamente percorreu seu corpo superou qualquer desconforto. Ela pressionou a mão dele, querendo mais, e ele deu a ela. Empurrando o dedo anelar dentro de seu anel, ela foi empalada em sua mão, dois dedos em sua boceta, dois em sua bunda. Ela gozaria em segundos, ela sabia que iria. Ela já se sentia louca de desespero para chegar àquele ponto e ergueu os quadris, balançando contra a mão dele enquanto ele empurrava com uma força quase raivosa. Com cada impulso de sua mão dentro dela, ele soltou um grunhido, como se foder com os dedos seus dois canais fosse algum tipo de punição para ela.

Lily nem se importou. Seu orgasmo tomou conta, cada músculo em seu núcleo se contraindo e pulsando enquanto ela gozava, forte. Seus olhos se fecharam com força, seus globos oculares girando em sua cabeça quando o prazer explodiu por ela. Parecia que nunca iria acabar, onda após onda

enquanto os músculos internos dela cavalgavam seus dedos.

Então, finalmente, diminuiu, deixando ela ofegante.

—Oh, meu Deus, — disse ela, finalmente capaz de levantar a cabeça de seu ombro.

Só que não era Monster olhando para ela com seus intensos olhos escuros, mas seu vizinho, Cameron.

Ele sorriu para ela. —Eu disse que sabia tudo sobre você, — disse ele, seus dedos ainda cravados dentro dela...



Seis



Lily explodiu do sonho em uma onda de movimento, seu coração disparado. Ela estava confusa e desorientada. Onde ela estava? Ela não deveria estar na cama de Monster? Mas então tudo voltou para ela rapidamente, e de repente ela se sentiu mal. Ela teve um orgasmo em seu sono, e ainda podia sentir o arrebatamento, enquanto ficava horrorizada com o que tinha sonhado.

Ela não queria trair Monster, mas eles ainda tinham um relacionamento? Ela estava louca por estar pensando nisso depois do que ele fez, mas ela não podia simplesmente desligar seu coração daquele jeito. Ele era único. Ela nunca encontraria alguém como ele novamente, e sua alma doeu por ele, mesmo com seu coração partido.

Uma batida soou na porta, chamando sua atenção.

Sentando, ela afastou o cabelo do rosto. Ela ficou surpresa ao descobrir que suas bochechas estavam molhadas. Ela estava chorando durante o sono, além de gozar. Lily se levantou e foi até a porta para abrir. Cameron parou na porta aberta, e a memória de seu sonho correu de volta para ela, fazendo seu rosto ficar quente.

—Tudo certo? — Ele perguntou a ela.

Ela acenou com a cabeça. —Sim, me desculpe. Eu acabei de acordar. Entre. — Ela recuou para permitir que ele entrasse no apartamento e fechou a porta atrás dele. —Você tem alguma novidade para mim? — Disse ela, sentando no sofá.

Ele se sentou em frente e passou a mão pelo cabelo. —O cara que conheço quer te conhecer antes de vender para você.

—O que? Por que?

—Acho que ele quer saber quem são seus clientes, para que possa localizá-los caso algo dê errado.

—Ótimo, — ela murmurou. —Como ele é?

Cameron encolheu os ombros. —Ele vende drogas e armas para viver. Como você acha que ele é?

—Tudo bem, bom ponto. Quando vamos?

—O que você acha de agora?

Não era como se ela tivesse uma agenda lotada. —Certo.

Normalmente, Lily teria agarrado a bolsa dela agora, mas ela não tinha uma. Ela se sentia desequilibrada, sem amarras, como se não tivesse mais um lugar real no mundo.

Ela se lembrou de algo. Se ela estava indo ao banco, ela precisaria de alguma identificação.

—Só me dê um minuto, — disse ela a Cameron, enquanto se dirigia para o quarto para encontrar o passaporte. Era algo que ela nunca precisou usar, e que ela só pegou por capricho um dia, mas agora ela estava feliz que ela o tinha. Ironicamente, ela não precisava viajar para um país diferente, mas ela precisava tirar dinheiro de sua conta agora que ela não tinha cartão do banco.

Com apenas as chaves de sua casa em um bolso e seu passaporte no outro, ela seguiu Cameron do apartamento para o elevador. Eles ficaram juntos sem jeito, e ela teve que quebrar o silêncio.

—Você disse a esse cara meu nome? — Ela perguntou.

—Nah, eu acabei de dizer que você era uma amiga.

—Você acha que ele vai me reconhecer pelos jornais?

—Para ser honesto, ele não é realmente o tipo de cara que lê notícias, então duvido que ele saiba alguma coisa sobre você.

Ela relaxou um pouco com a notícia. Quanto menos pessoas soubessem sobre ela, melhor. Dependendo de como as coisas acontecessem, ninguém poderia ver ela novamente. Mãos de Cigarro poderia matar ela antes que ela tivesse a chance de matá-lo, ou talvez ela morresse enquanto o estava matando. Ou talvez ela mudasse de ideia sobre a coisa toda e saísse para o deserto e tentasse esquecer que Lily Drayton existiu.

—Você está bem? — Ele perguntou.

Ela forçou um sorriso. —Sim, desculpe, mas você não precisa ficar me perguntando isso. Estou pensando demais nas coisas.

Ele sorriu de volta. —Ouvi dizer que isso pode ser ruim para sua saúde.

Ele tinha um bom sorriso, gentil e genuíno. Por que ela nunca o notou antes? Era como se Monster a tivesse acordado para o sexo oposto, enquanto a arruinava para qualquer outra pessoa. Talvez essa tenha sido sua intenção o tempo todo.

—Meu carro está estacionado do outro lado da rua, — disse Cameron.

—Você se importa se pararmos no banco primeiro? Eu preciso conseguir algum dinheiro. — Ela fez uma pausa. —Umm, de quanto você acha que vou precisar?

Seus lábios se torceram. —Mil dólares, pelo menos. Isso é viável?

—Sim, isso é viável.

Em quinze minutos, Cameron parou em frente ao banco e ela saltou do carro.

—Você quer que eu vá com você? — Ele perguntou, inclinando sobre o banco do passageiro que ela acabara de desocupar.

—Acho que consigo fazer um saque sozinha, — disse ela. —Eu sou uma garota crescida.

Ele encolheu os ombros. —Apenas oferecendo. Vou esperar aqui por você.

—Obrigada.

Ela bateu a porta do carro e se virou para entrar no banco. O caixa estava livre, o banco relativamente vazio para aquele fim da tarde. Ela caminhou até a mulher sentada atrás do vidro e tirou seu passaporte, colocando-o de lado, aberto na página de identificação.

—Olá, gostaria de fazer um saque, por favor.

A mulher estendeu a mão para pegar seu passaporte, verificou e então olhou para ela com um sorriso.

—Boa tarde, Senhorita Drayton. Achamos que você poderia passar para nos ver em breve.

Seu estômago deu uma cambalhota lenta, os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Essa era a última coisa que ela esperava, especialmente porque todos os outros ficaram chocados ao ver ela. —O que você quer dizer?

A mulher hesitou, incerta, claramente percebendo a estranheza de Lily. —Bem, por causa de seu depósito recente.

—Eu não sei do que você está falando. Não deposei nenhum dinheiro no último mês.

Ela deu um sorriso de lábios finos. —Devemos entrar em um escritório particular? Provavelmente não deveríamos discutir isso aqui.

—Certo, tudo bem, mas eu tenho um lugar que preciso estar, então isso tem que ser rápido.

—Claro. Por favor me siga.

Ela seguiu a caixa até um escritório nos fundos do banco.

—Vou mandar meu gerente falar com você, — disse a mulher. — Posso trazer-lhe alguma coisa para beber? Chá? Café?

—Não, estou bem, obrigada. Estou com muita pressa.

Felizmente, o gerente do banco apareceu no ombro da caixa. — Tudo bem, Ruby. Eu posso levar as coisas daqui.

A caixa sorriu para ele e desapareceu.

O gerente se aproximou, estendendo a mão. — Senhorita Drayton. Estou tão feliz que você veio para nos ver. Eu ia ligar para você hoje.

Ela se preparou para entrar em contato com ele e cumprimentá-lo com um aperto de mão, e então arriscou um palpite. — Sobre o depósito?

—Isso mesmo.

—Posso perguntar quanto foi?

—Claro. Me deixe imprimir seu extrato.

Ele imprimiu uma folha e empurrou sobre a mesa na direção dela. Ela olhou para baixo. Quinhentos mil dólares.

Monster de merda.

Ela não tinha dúvidas de que ele era o responsável.

—Eu não quero, — ela disse.

—O que?

—Eu não quero o dinheiro. Mande de volta.

—Receio que não seja tão simples assim, Senhorita Drayton. Depósitos desse tamanho acionam nossa divisão de Antilavagem de Dinheiro e eles vão querer investigar de onde veio o dinheiro para ter certeza de que é legal. Você está dizendo que não sabe de onde veio o dinheiro?

Ciente de que pode estar se implicando em um crime, ela apenas disse. — Não sei nada sobre isso. Eu nem sabia que o dinheiro estava lá até que sua caixa mencionou. Tudo que eu queria era tirar algum

dinheiro do meu fundo regular para poder pagar minhas contas. Não sei o quanto você sabe, mas eu mesma passei por alguns traumas recentemente. Alguém roubou minha bolsa e cartões bancários, e preciso de dinheiro para viver.

Suas bochechas aqueceram. —Sim, é claro, você pode retirar dinheiro de tudo o que estava anteriormente em sua conta, mas, por favor, entenda que você não pode tocar no meio milhão até que seja investigado.

—Eu não quero o meio milhão. Achei que já tivesse dito isso. Só quero o dinheiro pelo qual trabalhei duro e economizei todos esses anos.

Ele pigarreou. —Sim, podemos fazer isso, mas entraremos em contato sobre o resto do dinheiro.

Lily suspirou. —Isso é bom. Por favor, eu só quero o que é meu.

O gerente do banco processou seu saque e ela deu o fora de lá. O que Monster pensou que estava jogando? Ele não percebeu que aquele tipo de dinheiro estava fadado a chamar a atenção de pessoas que não deveria? Se eles rastreassem de volta para ele, ele seria investigado.

Mas não, ela tinha certeza de que ele teria tomado precauções para evitar que isso acontecesse. Ele pode não ter ideia do valor do dinheiro para as pessoas comuns, mas ele sabia como esconder seus rastros.

Ela não sabia se devia ser insultada ou se sentir exasperada por ele. Essa era sua ideia distorcida de tentar cuidar dela? Ela não queria ou precisava de seu dinheiro. Ele sabia que ela tinha uma carreira decente própria. Claro, não era um negócio ilegal de vários milhões de dólares, e ela morava em um apartamento ao invés de uma mansão murada, mas isso não significava que ela precisava que ele jogasse dinheiro nela como uma forma de se sentir melhor lavando suas mãos dela.

Cameron estava vagando na calçada, esperando por ela. Ela

agarrou o braço dele ao passar e o arrastou até onde o carro estava estacionado.

—O que aconteceu lá? — Cameron perguntou a ela.

—Nada que você precise saber. Eu tenho o dinheiro.

Ele parecia estar pensando em pressionar ela sobre o assunto, mas mudou de ideia. —Tudo bem. O apartamento do meu amigo fica do outro lado da cidade. Não é um ótimo distrito, meio difícil, então se prepare.

—Não se preocupe, — ela disse, seu tom frio. —Tenho certeza de que já vi muito pior.



Sete



O carro de Cameron parou em frente a um bloco de apartamentos.

Vários adolescentes ficavam do lado de fora, música rap tocando em alguns alto-falantes de alta tecnologia que ficavam nos degraus. Eles estavam rindo e zombando um do outro, mas quando Cameron abriu a porta do carro e saiu, todos pararam para se virar e olhar para ele.

O estômago de Lily se revirou. O que diabos ela estava pensando, vindo para um bairro como este? Mas então ela lembrou a si mesma que já tinha visto coisas muito piores e que tinha estado em situações muito mais ameaçadoras. Este era apenas um grupo de crianças tentando parecer durões. Provavelmente, eles não tinham ideia de como era estar em uma situação de risco de vida.

Segurando o queixo para cima e endireitando as costas e ombros, ela abriu a porta do passageiro e saiu do carro. Ela não se permitiria ser intimidada por um bando de adolescentes.

—Ei querida, — um dos caras gritou para ela. —Você quer um encontro para esta noite?

Ela nem mesmo alimentou seu comentário com uma resposta.

Cameron deu a volta para o lado dela do carro e se aproximou dela, como se para proteger ela com seu corpo. Ela não queria sua proteção, mas era grata por sua companhia. Ela estava feliz por não ter que vir aqui sozinha.

Uma súbita pontada de desejo por Monster a atingiu. Se ele tivesse chegado aqui, essas crianças não teriam ousado dizer uma única coisa.

Um olhar dele teria enviado todos eles correndo para casa para suas mães.

Lily piscou para conter as lágrimas ao pensar nele.

Estou com raiva dele. Eu o odeio. Ele não é um cara bom.

Talvez se ela dissesse a si mesma muitas vezes, ela começasse a acreditar?

—Ignore eles, — disse Cameron baixinho, enquanto se empurravam entre o grupo de adolescentes para subir os degraus em direção ao bloco de apartamentos. —Não deixe que eles afetem você.

Ela balançou a cabeça. —Não são eles, eu prometo. Estou bem.

Eles entraram no prédio. As paredes de concreto estavam cobertas de pichações e um aviso escrito à mão colado nas portas do elevador informava que ele estava quebrado.

Cameron deu um sorriso tenso. —Parece que vamos pelas escadas.

Eles se aproximaram dela, tentando ignorar o fedor de urina e cerveja velha. O que parecia ser um sem-teto estava sentado na escada, mas ele nem mesmo os reconheceu quando passaram.

—Me sinto mal por ter trazido você aqui, — Cameron disse depois que eles subiram alguns andares. —Espero que valha a pena.

—Vale a pena, — ela confirmou. —Acredite em mim, eu já vi muito pior. —Ela se lembrou das condições em que foi mantida durante seu tempo no contêiner. Essas pobres meninas, estupradas e espancadas e forçadas a urinar onde estavam sentadas. Pelo menos as pessoas que moravam aqui tinham algum tipo de escolha sobre isso, mesmo que fosse muito limitada.

Cameron saiu da escada e entrou em um dos andares. —Precisamos achar o apartamento sessenta e três, — disse ele. —Eu acho que é por aqui.

Ela seguiu sua jaqueta de couro de volta enquanto ele caminhava

pelo corredor e localizava a porta correta. Ele ergueu a mão e bateu com os nós dos dedos. Seu coração batia forte em seu peito, sua boca secando. Quem seria o traficante de armas? Um viciado em drogas que a ameaçaria e assustaria? Ele não poderia ser muito pior do que o que ela já havia enfrentado, e ela precisava desta arma. Não havia como voltar atrás.

Um movimento veio de dentro e então a porta se abriu. Ela esperava uma lufada de fumaça saindo, mas em vez disso um cara jovem, razoavelmente bem vestido em jeans azul escuro e uma camisa enrolada nas mangas, estava na porta. Ele viu Cameron e um sorriso se espalhou por seu rosto.

—Cameron, cara, é bom ver você! — Ele estendeu a mão e Cameron a pegou, sorrindo de volta.

—Você também, Jake. Tem sido muito tempo.

O cara, Jake, deu um passo para trás. —Entrem, vocês dois. Você não quer ficar por aí. É uma merda.

Cameron riu. —Eu não ia dizer nada.

—Sim, bem, o aluguel é barato e tenho uma série de clientes dispostos à minha porta. — Ele encolheu os ombros. —Não planejo ficar aqui por muito mais tempo, no entanto. A vizinhança é uma merda. — Ele olhou para Lily e deu um meio sorriso. —Então você é amiga de Cameron?

—Não tenho certeza se amigo é a descrição certa...

—Não? — Ele ergueu uma sobrancelha para Cameron. —Você faz algo para irritar a senhora?

Cameron deu uma risada. —Você poderia dizer isso.

—Contanto que você não seja a razão pela qual ela precisa do que ela procura.

—Eu não acho que a traria aqui se fosse.

Jake riu. —Verdade. — Ele acenou com a cabeça em direção ao sofá. —Sente. Vou trazer para fora o que você veio fazer aqui. Vou presumir que você entende que isso é totalmente confidencial. Se eu descobrir que você passou meu nome para alguém, mas especialmente para a polícia, não hesitarei em pagar alguns dos caras que andam do lado de fora para ir e te localizar e lhe ensinar uma lição sobre como manter as coisas para você.

A atmosfera de repente esfriou.

Lily concordou. —Claro. Eu sei como manter minha boca fechada. — Ela pensou em Monster e no que ele fez com ela, e como ela não contou toda a história para a polícia.

O tom de Jake permaneceu frio quando ele falou. —Bom, porque sempre há pessoas dispostas a fechar para você pelo preço certo, e quando digo fechar para você, quero dizer permanentemente.

Seu corpo estava rígido no sofá. Ela não queria parecer fraca, então resistiu ao desejo de olhar para Cameron para avaliar sua reação às ameaças de seu amigo. Ela sabia no que estava se metendo. Ela só não esperava que a mudança de melhores amigos para ameaças de morte acontecesse tão abruptamente.

Ela manteve os olhos fixos no jovem. —Mensagem ouvida e compreendida.

Ele sorriu, instantaneamente relaxando em um cara descontraído e alegre. —Excelente. Vamos continuar com isso, vamos?

Jake puxou uma cômoda da parede. Uma pequena porta foi colocada na placa de gesso atrás. Ele tirou uma chave de uma corrente em seu pescoço e a usou para destrancar a porta. Puxando a porta aberta, ele alcançou dentro do espaço pequeno e escuro que revelava e removeu uma caixa de metal.

—Lá vamos nós, — disse ele, levando a caixa para a mesa de centro diante deles. Ele a colocou de lado e então digitou o código na fechadura. A caixa foi aberta com um clique. Ele levantou a tampa

para revelar uma série de armas de tamanhos diferentes, cada uma fixada em exibição na parte superior e inferior das tampas internas. Ele enfiou a mão e removeu a menor arma. —Cameron disse que você precisava para autodefesa, então presumo que esse é o tipo de coisa que você quer. Esta é a Glock 19. É ótima para quem tem mãos pequenas, como você, e é perfeita para esconder e carregar. Ela tem um sistema de mola de recuo duplo, então você mal sentirá o recuo ao atirar.

Ele entregou a arma e ela pesou a arma em suas mãos. O tamanho parecia confortável, mas ela não tinha certeza se teria poder de fogo suficiente para o que ela precisava.

—E aquela? — Ela perguntou, sacudindo o queixo em direção a uma arma muito maior.

—Honestamente, eu acho que você vai se atrapalhar com qualquer coisa maior. Se você pegar uma arma grande, o recuo será maior e apenas arruinará sua mira. A Glock 19 pode levar até um carregador de trinta e três tiros, que é mais do que suficiente poder de fogo para lidar com uma ameaça imediata.

Ela mordeu o lábio e ergueu a arma, apontando ela para a parede do lado oposto do apartamento. Era bom ter a arma em sua mão, como se a elevasse de alguma forma, tornando ela mais forte, mais poderosa. Pela primeira vez, ela entendeu o caso de amor que algumas pessoas tinham com suas armas.

—Quanto? — Ela perguntou.

—Mil e duzentos.

—Cameron disse mil.

Cameron ergueu as mãos em defesa. —Ei, não me envolva. Foi apenas uma estimativa.

Jake riu. —Digamos mil e cem, então. Nós temos um acordo?

Lily sorriu e estendeu a mão que não segurava a arma.

—De acordo.



Oito



Cameron os levou de volta ao bloco de apartamentos.

Lily estava feliz por se afastar da área áspera, embora sentisse como se tivesse trazido um pedaço dela com a arma que agora colocara no cós da calça. Embora a arma fosse pequena e leve, parecia uma protuberância enorme sob sua roupa, e ela tinha certeza de que todos que a vissem saberiam o que ela estava escondendo.

Localizando uma vaga no estacionamento, Cameron parou no lado oposto da rua de seu prédio e os dois desceram.

—Como está? — Ele perguntou a ela, apoiando o antebraço no teto do carro enquanto olhava para ela.

—Estou bem obrigada. Me sentindo melhor agora que tenho alguma proteção.

—Você realmente acha que esses caras virão e encontrarão você?

Ela assentiu com a cabeça, reprimindo o medo que ameaçava crescer dentro dela. —Sim. Não sei se será hoje ou amanhã, mas no minuto em que descobrirem que ainda estou viva e de volta ao país, eles virão me buscar.

—Eu não posso acreditar que os policiais não vão fazer mais para te proteger.

Ela encolheu os ombros. —O que é que eles podem fazer? Dei descrições a eles, mas eles não vão deixar os policiais do lado de fora do meu apartamento só porque eu disse que acho que estou em perigo. Eu não acho que eles acreditam completamente na minha

história, de qualquer maneira.

Cameron olhou para baixo, e então olhou para cima e ofereceu a ela um sorriso estranho. —Sim, desculpe minha parte nisso.

—Não é sua culpa. — Lily bateu em sua cintura, onde a arma estava segurada. —E você fez a sua parte para me compensar.

Ela se virou em direção ao prédio deles e seu coração disparou.

Alguém correu para o beco ao lado da propriedade, ela tinha certeza disso, alguém com a forma de um homem grande. Não era apenas um transeunte, ele se moveu rápido demais, como se tivesse medo de ser visto.

Não se dando tempo suficiente para mudar de ideia, ela se afastou do carro de Cameron e atravessou a rua.

—Lily? — Ele gritou por ela, mas ela o ignorou, focada apenas no local onde ela tinha visto a figura pela última vez. Mãos de Cigarro e seu amigo já a teriam encontrado? Ela pensou que seu reaparecimento não seria notícia por pelo menos mais vinte e quatro horas, mas talvez eles tivessem amigos na força policial que os avisaram, e eles já estavam atrás dela.

Seu coração bateu forte, sua boca ficou seca, mas ela se recusou a ser uma vítima novamente. Ela enfrentaria essas pessoas, mataria se fosse preciso. Mesmo que isso significasse que ela passaria um tempo na prisão, valeria a pena saber que esses bastardos não estavam mais na rua.

—Lily? O que está acontecendo?

Ela não respondeu.

Com a mão apoiada na arma recém-adquirida, ela atravessou a rua correndo, em direção à entrada do beco. Ela diminuiu a velocidade ao chegar ao local, as paredes altas dos edifícios de cada lado engolindo a luz.

Lily puxou a arma e entrou no beco, a arma em punho. Seu olhar

esquadrinhou o espaço estreito, mas, pelo que ela podia ver, ninguém estava lá. Uma cerca alta de arame bloqueava o outro lado, então ele não poderia ter ido por ali. A pessoa estava se escondendo? Talvez ele tenha escalado uma das escadas de incêndio quando percebeu que tinha sido visto.

Os passos de Cameron bateram na calçada atrás dela, e ele parou em seu ombro. —Eu não pensei que você precisasse usar aquela coisa tão cedo.

—Você o viu? — Ela exigiu, sem tirar os olhos do beco para o caso de a pessoa tentar fugir.

—Viu quem?

—Alguém estava nos observando, tenho certeza.

—Lily, você já passou por muita coisa e é compreensível que esteja nervosa, mas, honestamente, não vi ninguém. Tem certeza de que não se enganou?

—Não, eu já senti isso antes. Alguém está me observando. E sim, estou nervosa e paranoica também, mas tenho uma boa razão para estar. Se você tivesse visto metade do que eu vi, você também ficaria paranoico.

Ele ergueu as mãos em defesa. —Está bem, está bem. Entendi. Não há ninguém aqui agora. Vamos entrar. Você se sentirá mais segura então.

Ela balançou a cabeça. —Acho que nunca vou me sentir segura. — Mas ela permitiu que a mão de Cameron na base de sua coluna a desviasse do beco vazio e a guiasse até a porta da frente de seu prédio. Mordendo o lábio, ela caminhou com Cameron para o elevador, e eles subiram para o andar deles.

Ele a acompanhou até a porta.

—Você vai ficar bem? — Ele perguntou quando ela abriu a porta para entrar.

Ela virou para encarar ele. —Acho que sim, — disse ela, embora em sua cabeça pensasse: *não tenho certeza se algum dia vou ficar bem de novo.*

Ele olhou por cima do ombro dela, em seu apartamento. —Tem certeza de que não quer que eu entre e verifique seus armários e embaixo da cama?

—Muito engraçado, — disse ela, erguendo as sobrancelhas.

—É sério, no entanto. — Ele se aproximou, estreitando a distância entre eles. —Se você precisar de mim, fico feliz em ficar.

Ele estava perto, perto demais. Sua frequência cardíaca acelerou, sua respiração se tornou superficial. Suas defesas entraram em alerta máximo, um alarme soando em sua cabeça. Mas ele não era ameaçador e intimidador. Em vez disso, ele exalava calor e preocupação genuína, e agora mesmo sua alma ansiava por alguém para cuidar dela. Ela não se afastou, mas em vez disso ergueu o rosto para olhar para ele. Ele olhou para ela e, em seguida, estendeu a mão para afastar o cabelo de seu pescoço.

Pegando ela de surpresa, ele abaixou a cabeça e deu um beijo suave, mas firme em sua boca.

Lily congelou, seu corpo inteiro gritando em alarme. Todas as suas antigas reações a alguém a tocando inundaram de volta, seu coração disparado, todos os músculos tensos. Ela queria afastar ele, mas tanto sua inércia quanto seus pensamentos a impediram de fazer isso.

Não era isso que ela queria, não realmente, mas uma parte dela sentia que deveria permitir que Cameron a beijasse. Ele era um cara legal, que parecia gostar dela e queria cuidar dela, mas ela não conseguia mudar a reação de seu corpo.

Mas ainda assim ela não o afastou. Talvez ela estivesse beijando Cameron como uma forma de dizer 'foda-se' para Monster por tudo que ele fez, mas talvez ela estivesse simplesmente desesperada para que alguém a segurasse e dissesse que tudo ficaria bem.

Ainda assim, Monster, e a perda dele, passaram por sua cabeça, fazendo seu coração doer.

Colocando as mãos no peito de Cameron, ela finalmente quebrou o contato. —Desculpe, não posso.

Seus lábios se torceram. —O namorado mau?

Ela acenou com a cabeça. —Ele não é ruim, não realmente. Ele simplesmente cresceu em um mundo diferente do nosso.

—Não vou fingir que sei o que isso significa, mas sei que você já passou por muita coisa, então também não vou pressioná-la.

Ela exalou um suspiro. —Obrigada.

—Mas se você precisar de mim, você sabe onde estou. A qualquer hora do dia ou da noite.

—Você não trabalha?

Ele riu. —Sim, mas de casa. Sou consultor de mídia social.

—Sério? Eu nem sabia que existia tal coisa.

—É um desenvolvimento bastante recente. Costumava ser chamado apenas de consultor de marketing, mas as coisas diminuíram nos últimos anos.

Ela riu e o som era bom em seu peito. —Certo, bem, eu sei onde você está, então vou chamar, eu prometo.

—Bom. Vou esperar por isso.

Ele recuou para fora da porta dela e enfiou as mãos nos jeans, e então se virou para andar pelo corredor, em direção a sua própria casa. Ela ficou parada, observando enquanto ele avançava. Ele lançou um olhar e um sorriso por cima do ombro, pegando ela ali. Lily sorriu de volta, e então entrou e fechou a porta. Rapidamente, ela disparou a fechadura no lugar.

Com um suspiro, ela encostou as costas na porta e cobriu o rosto

com as mãos. Ela não precisava de mais complicações, a vida já era difícil o suficiente.

Sua mente foi para o dinheiro que Monster deve ter depositado em sua conta. O que diabos ele estava pensando? Que isso iria ajudá-la, de alguma forma? Ou talvez fosse simplesmente dinheiro de culpa, algo para fazer ele se sentir melhor sem dar qualquer pensamento sobre que tipo de tempestade de merda poderia causar para ela. O dinheiro iria colocar ela em problemas? Ela já se sentia sob suspeita da polícia, embora não tivesse realmente feito nada de errado, e agora essa quantia enorme a faria parecer ainda mais culpada.

Seu estômago se retorceu com uma fome vazia, e ela percebeu que não havia pensado nos aspectos práticos da vida. Ela estava comprando armas quando deveria estar fazendo compras. Sem nem olhar, ela sabia que sua geladeira estaria vazia. Quando ela morava aqui, ela sempre comprava o básico, e qualquer coisa que sobrou já estaria estragada agora.

Entrando na cozinha, ela abriu o freezer. Morar sozinha significava que ela era uma consumidora regular de alimentos congelados, e seu freezer não a decepcionou. Ela tirou uma única porção de lasanha e arrancou a tampa antes de enfiá-la no micro-ondas.

A jornada que tinha pela frente era opressora e ela tinha planos que precisava fazer, mas sabia que não seria capaz de se concentrar se não comesse algo e dormisse um pouco. Ela cometeria erros e, no mundo dos criminosos empedernidos, os erros a matariam.

O micro-ondas apitou para que ela soubesse que sua refeição estava pronta. Ela comeu direto da embalagem, em pé no balcão da cozinha, mal saboreando o que ela colocou em sua boca. Ela não sentia prazer em comer. Assim como tudo o mais no momento, ela estava simplesmente fazendo o que precisava para sobreviver.

Lily jogou o garfo sujo na pia e jogou fora a caixa vazia.

Tirando a arma do cós da calça, ela se dirigiu ao banheiro para

escovar os dentes e usar o banheiro, então, totalmente vestida, deitou na cama. A arma estava sob o travesseiro sob sua cabeça, a mão apoiada na coronha. Estava na ponta dos dedos, se ela precisasse.

Em segundos, ela estava dormindo.



Monster

(Dias atuais)



Incapaz de se concentrar em qualquer coisa relacionada ao trabalho, Monster se viu andando em volta de sua propriedade, mordendo os nós dos dedos e se preocupando loucamente com o que Flor poderia estar fazendo. Ele nunca imaginou que ficaria tão ansioso quando a visualizou de volta à América. Em sua mente, ele pensou que isso lhe traria algum tipo de paz, acreditando que ela estava segura em casa, mas no final só trouxe mais preocupação para ele.

O telefone tocou e ele o atendeu. Ele estava esperando por notícias.

—Sinto muito, senhor, — disse a voz masculina no final da linha, que ele reconheceu como pertencente a Sean Hamilton, —mas as coisas não estão melhorando. Ela já esteve em um bairro violento agora.

—O que ela estava fazendo lá?

—Não tenho certeza, mas... — ele hesitou em suas palavras, —...ela foi com outro homem, e eles ficaram por cerca de uma hora. Ela vai ser notada pelas pessoas erradas se não tomar cuidado.

—Droga.

—O que você quer que eu faça? Eu posso detê-la para você.

—Não, não faça isso. Apenas fique de olho nela, siga ela onde você precisar e tente ver se ela não se meta em problemas.

—Eu entendo. O que eu faço com esse outro homem? Você quer

que eu o remove da foto?

Instantaneamente, a raiva de Monster aumentou. —Ele está tentando machucar ela?

Uma garganta limpa do outro lado da linha. —Não exatamente. Receio tê-lo visto beijando ela, senhor.

Algo frio e duro se alojou em seu peito. —Que filho da puta pôs as mãos nela?

—Eu disse a você, senhor. — Ele parecia confuso. —Era um vizinho.

—Ele a forçou?

—Não, não exatamente, embora ela o tenha afastado, eventualmente.

Eventualmente. Essa palavra o cortou. Como sua Flor permitiu que outro homem a tocasse? Sua Flor que tinha medo do toque de outra pessoa. Como ela superou seu medo tão rapidamente e permitiu que outro homem a beijasse? Sua raiva turvou profundamente dentro dele. Ele a mandou de volta para proteger ela dos perigos de sua vida, não para que ela pudesse sair perseguindo outros homens no momento em que voltasse. Ele pensou que havia algo especial, algo precioso entre eles, mas Lily parecia ter esquecido ele em alguns dias.

Ele conseguiu se convencer de que era o que queria, que ela voltasse para sua antiga vida e fosse feliz, para continuar como se nunca tivesse se envolvido com ele. No entanto, agora a dura realidade de ela superá-lo o encarava. Lily era dele. Ela era *sua* Flor, e ele não ficaria parado e não faria nada enquanto algum outro cretino a escolhesse.

—Estou indo, — disse ele ao homem que havia contratado.

Sua surpresa foi evidente. —Vindo? O que, tipo, para a América?

—Sim. — Seu tom foi seco. —Claro que é isso que quero dizer.

—Certo. O que você gostaria que eu fizesse até você chegar aqui?

—Exatamente o mesmo que você tem feito. Mantenha distância, apenas observe ela. Se parecer que alguém vai machucá-la, intervenha, mas, caso contrário, nem deixe que ela saiba que você está aí.

—E quanto a esse outro cara? E se ele tentar levar as coisas mais longe com ela?

—Apenas se certifique de que ele não o faça, — ele retrucou. —Se eu pegá-lo na cama com ela, vou cortar seu pau e fazer ele comer.

Monster desligou o telefone. Suas mãos tremiam de fúria. Sua raiva e ciúme eram abrangentes, bloqueando todos os outros pensamentos. Ele se torturou com a ideia de outro homem a tocando, dele tirando suas roupas e chupando seus lindos mamilos. Ela jogaria a cabeça para trás como fez com ele? Ela suspiraria e gemeria se este homem estranho enterrasse o rosto entre suas coxas brancas e cremosas e a lambesse? Ela entrelaçaria os dedos em seu cabelo e enfiaria seu rosto mais fundo, arqueando as costas e gritando ao gozar, assim como fez com ele?

Com um rugido, Monster se levantou, com as pontas dos dedos enganchadas sob sua pesada mesa de mogno, e ele a ergueu e virou, enviando tudo que estava em cima, seu computador e telefone e pilhas de papelada, se espatifando no chão. A escrivanhinha estava deitada de lado como uma besta virada grande demais para se endireitar.

O que ele estava pensando ao mandar ela embora? Ele morreria antes de permitir que ela tivesse uma vida sem ele nela. Ele a possuía, e ela o possuía. Ele não permitiria que outro homem tomasse o que ele possuía.

A mente de Monster se voltou para os aspectos práticos de voar para a América. Em momentos como este, ele sentia mais a falta de seu braço direito, Tudor. Anteriormente, ele teria simplesmente dito a Tudor o que ele precisava, e o homem mais velho teria providenciado tudo para ele. Monster ainda não havia encontrado ninguém para

ocupar seu lugar. Como ele poderia? Ele conheceu e confiou em Tudor durante toda a sua vida, encontrar alguém assim novamente era quase impossível.

Com Tudor e sua cozinheira, Marianna, ambos mortos, e com Lily agora enviada de volta para a América, Monster se viu totalmente sozinho.

Ele tinha um passaporte falso, o melhor que o dinheiro poderia comprar. Ele tinha um por anos, apenas no caso de precisar fugir do país, mas é claro que ele nunca precisou usar. Ele também tinha acesso a um avião particular, para que não fosse submetido à monotonia das viagens domésticas.

Monster ponderou o que faria quando chegasse à América.

Ele poderia trazer Lily de volta aqui. Basta levá-la para longe novamente, como fez antes. Mas isso não adiantaria. Se ele fizesse isso, eles estariam de volta ao ponto de partida, com Lily de volta a Cuba e ainda em perigo. A raiva e a frustração cresceram dentro dele. Por que ela não poderia ter se comportado, só desta vez? Por que ela tinha fugido para a polícia e agora estava se envolvendo em Deus sabe o quê? Ele se certificou de que havia dinheiro suficiente em sua conta bancária para manter ela contente por um longo tempo. Ela poderia ter reservado férias em algum lugar relaxante para se recuperar, mas em vez disso, estava perambulando por toda a cidade como uma espécie de vigilante em busca de vingança.

Talvez fosse exatamente o que ela estava fazendo.

Uma certeza repentina o encheu. Ela queria se vingar dele pelo que havia acontecido com ela e, se não pudesse descontar nele, iria atrás dos homens que ele inicialmente contratou.

Porra.

Ele gostaria de poder voltar no tempo e fazer aquela parte de sua jornada de maneira diferente. Ele não sabia naquela época o que sabe agora. Ele pensava que os traficantes eram simplesmente uma forma

de transportar mulheres que precisavam ser removidas. Nem uma vez ele havia pensado em como a mulher poderia se sentir, por que ele faria isso? As mulheres haviam sido uma mercadoria para ele durante toda a vida, criaturas para serem usadas, desfrutadas e depois jogadas fora. Seria como se importar com o que a vaca sente sobre sua jornada para se tornar um bife. Ele pensou nisso antes de comer? Não, ele simplesmente apreciou sua refeição.

Mas Lily mudou tudo isso.

Ela o fez se importar.



Monster

(Dias atuais)



Pela primeira vez em sua vida, Monster se viu a bordo de um avião.

Ele se sentou em um assento ao lado da janela, as mãos segurando os apoios de braço com força suficiente para deixar os nós dos dedos brancos. Tentando se distrair, ele olhou por cima da asa do pequeno avião e para a pista de pouso particular. Eles ainda estavam no chão, mas sua boca ficou seca como papel, seu coração uma pedra pesada alojada em seu peito.

Depois de tudo que passou em sua vida, ele nunca teria acreditado que a coisa que mais o tiraria de sua zona de conforto seria embarcar em um avião. O confinamento do corpo cilíndrico de metal instantaneamente o deixou claustrofóbico, e eles nem haviam decolado ainda. As pequenas janelas circulares mal davam para espiar para fora e, embora imaginasse que o conforto do avião particular era muito maior do que qualquer tipo de avião comercial, ele se sentiu apertado no assento. Ele não conseguia se imaginar passando horas dentro daquela coisa, milhares de metros acima da terra, sem ter como sair, mas se pretendia ir para a América enfrentar Flor, não tinha escolha. Levaria dias para fazer a mesma viagem de barco e, para ser honesto consigo mesmo, também não tinha certeza se sentiria algo diferente por estar em um navio.

Medo e ansiedade eram um sinal de fraqueza, e Monster não lidava bem com fraqueza. Isso o deixou enojado, envergonhado de si mesmo, e ele lutou para suprimir a emoção tanto quanto podia, mas

ainda assim continuou segurando-o em suas garras, fazendo seu coração bater mais forte, o ar raso e fino em seus pulmões.

Era estranho. Depois de crescer por todos aqueles anos sob a tirania de seu pai, mantendo ele escondido como uma aberração, ele pensou que estava acostumado a ser trancado sem acesso ao mundo exterior. Talvez tenha sido sua experiência de liberdade recente que o deixou com medo, ou tivesse estado dentro dele o tempo todo, o trauma da lembrança de ter passado todos aqueles anos trancado, agora com medo de se encontrar na mesma posição.

Uma memória repentina brilhou em sua cabeça e coração, roubando seu fôlego. Parecia que ele estava assistindo a uma tela de televisão...



Monster

(Vinte e sete anos antes)



Monster era criança de novo, um garotinho de cinco anos no máximo. Vozes filtradas em sua direção do corredor, todas vozes masculinas, altas e urgentes. Sua porta não estava trancada neste momento, embora sempre dissessem a ele para ficar em seu quarto a menos que instruído de outra forma, e até agora ele nunca tinha pensado em desobedecer às regras que seu pai havia estabelecido. Querendo saber o que estava acontecendo, ele mordeu o lábio inferior enquanto abria a porta do quarto. Instantaneamente, as vozes ficaram mais altas, e ele se encolheu novamente, seu coração batendo forte. Ele sabia que não deveria ir lá. Seu pai ficaria zangado com ele, mas o medo de que algo acontecesse com seu pai o encheu. E se esses homens fizessem algo para machucar seu pai? Monster era apenas jovem, mas tinha idade suficiente para entender o que significava ser ferido. Embora a ameaça de seu pai bater nele porque ele saiu de seu quarto sem permissão pairava sobre ele, o risco não era suficiente para suprimir o medo de que algo acontecesse com seu pai. Se isso acontecesse, ele estaria completamente sozinho. Sim, havia pessoas que trabalhavam para sua família, o homem chamado Tudor costumava ir ao seu quarto trazer comida para ele, mas seu pai era o único que se importava com ele, mesmo que ele demonstrasse isso de maneiras estranhas.

Passando seu corpo pela abertura na porta, ele rastejou para fora do corredor. Ele se movia com leveza, descalço, com medo de ser ouvido. Seu coração palpitou como as asas de um pássaro preso em seu peito, e todos os músculos de seu pequeno corpo ficaram tensos. Embora os homens falassem alto, ele tinha certeza de que

ouviriam seu coração batendo forte e o arrastar de seus pés contra as tábuas do assoalho.

Um homem falou estranhamente, então seu 's' soou como 'th.' — Você deve cumprir os volumes que prometeu. Se você aceita dinheiro para um negócio, você deve entregar.

Ele ouviu a voz de seu pai. —Eu sei disso, idiota. Dirijo esse negócio há quase dez anos. Mas se meu suprimento for pego, terei que encontrar um novo, e não posso fazer isso instantaneamente. Estou pedindo um pouco de tempo, só isso.

—Não temos tempo! — A voz aumentou mais um decibel.

Monster passou na ponta dos pés pela escada, para espiar dentro da sala onde seu pai estava com três homens que ele não reconhecia. Ele era capaz de ler a linguagem corporal de seu pai, talvez até melhor do que os homens com quem seu pai se encontrava. Seu rosto parecia pedra, exceto por uma contração no canto direito da boca. Outros podem confundir a inflexão com a sugestão de um sorriso, mas Monster sabia o contrário. Este era seu pai quando ele estava se segurando para não atacar. Monster já tinha visto isso muitas vezes quando fazia algo para desagradar o homem, não comia a comida que havia fornecido, ou era incapaz de responder a perguntas matemáticas simples porque estava agitado ou teve um pesadelo e molhou a cama. Nessas horas, ele via seu pai se contendo, mas então algo acontecia. Frequentemente, a coisa ruim não tinha nada a ver com o Monster, como seu pai derramando algo ou perdendo uma ligação porque estava ocupado com outra coisa, e ele simplesmente explodiria.

Monster não queria que seu pai brigasse com esses homens. Ele estava apavorado se o fizesse, algo ruim iria acontecer. Havia mais deles do que ele, e provavelmente teriam armas.

Ele sabia que seu pai não ficaria feliz em ver ele fora de seu quarto, longe disso, mas Monster preferia levar uma surra do que ver seu pai morto.

Empurrando os nervos o máximo que pôde, ele tossiu um pouco.

Instantaneamente, os olhos de seu pai se fixaram nos dele. Monster leu a raiva em suas profundezas, seu espanto pelo garoto ter ousado deixar seu quarto sem vigilância. Ele sabia que seu pai não queria que as pessoas o vissem, sabia que ele era diferente, embora não entendesse bem por quê.

Embora seu pai o tivesse visto, o homem mais velho não reagiu imediatamente. Em vez disso, ele se virou para os homens com quem estava brigando e disse. —Por favor, me desculpem por um momento.

Então ele se virou e caminhou até onde Monster estava, se escondendo ao lado da porta.

Ele viu a fúria nos olhos de seu pai, se virou e fugiu.

O arrependimento o encheu, junto com um pavor doentio, enquanto ele corria de volta pelo corredor, em direção à proteção de seu quarto, mas ele não foi tão longe. Em vez disso, os dedos de ferro de seu pai travaram em torno de seu braço, puxando ele com tanta força que ele foi levantado.

—O que diabos você pensa que está fazendo? — Seu pai sibilou em seu ouvido. —Você quer ser visto?

—Não, — ele choramingou. —Eu ouvi você brigando...

—Isso não era da sua conta. — Ele alcançou o armário no corredor. —Se eu não posso confiar em você para ficar em seu quarto, você pode ficar em algum lugar com uma fechadura na porta.

Ele abriu o armário e jogou Monster dentro. Monster caiu de bunda, suas costas batendo contra um balde de metal. O esfregão apoiado dentro dele caiu para o lado e, na frente dele, a porta se fechou, envolvendo ele na escuridão. Um segundo depois, ele ouviu o som da fechadura se encaixando.

Monster soltou um grito, sua mão pressionando o local na parte inferior das costas onde o metal o havia atingido. Mas ninguém se

ofereceu para beijar e melhor seu ponto de dor.

Ele puxou as pernas magras até o peito e pressionou o rosto contra os joelhos para tentar abafar os soluços.

E se algo acontecer com papai e ninguém souber que estou aqui?

O pensamento trouxe novas lágrimas e ele cravou os dentes no joelho para abafar o som. Seu pai não gostaria de ouvir ele chorar e gostaria que seus convidados ouvissem ainda menos os gritos de seu filho. Parte de Monster queria pular e bater seus punhos pequenos contra a porta e gritar por socorro, mas ele sabia que nunca faria uma coisa dessas. Ele era diferente, uma aberração. Se os outros homens o vissem, eles poderiam levá-lo para um lugar ainda pior do que a casa de seu pai. Pelo menos aqui, ele tinha uma cama quente, livros e refeições quando estava com fome, bem, na maior parte do tempo, pelo menos. Se estranhos o vissem, eles poderiam levar ele embora e trancá-lo em um buraco escuro onde ele não pudesse ofender ninguém com a visão de seu rosto.

Seu pai viria e o deixaria sair assim que os homens fossem embora, ele se tranquilizou. Ele não o deixaria aqui por muito tempo. Foi só para lhe dar uma lição, uma lição que ele merecia. Ele tinha sido estúpido, ele sabia disso agora. Ele nunca mais sairia de seu quarto sem a permissão de seu pai.

Através da porta fechada, ele ouviu vozes e portas batendo. Os homens foram embora? Ele ficou tenso em antecipação, esperando que seu pai o deixasse sair, enquanto temia o que aconteceria quando ele o fizesse. Mas a porta não abriu.

Monster sentou, encolhido sobre si mesmo, esperando. O tempo passou, e embora ele nem tivesse percebido que tinha adormecido, ele acordou e se viu enrolado no chão, uma série de itens cavando em seu corpo. Uma dor encheu sua bexiga e ele colocou a mão em concha sobre o pênis. Ele precisava fazer xixi, e muito, também.

Voltando a ficar de pé, ele arriscou bater na porta. Seu pequeno punho não fez muito barulho, mas não era como se seu pai não

soubesse que ele estava ali. Ele bateu novamente, mas a vontade de urinar ficou tão forte que ele sabia que não tinha tempo para esperar por uma resposta. Se libertando apressadamente, pulando para cima e para baixo em sua urgência, ele soltou um suspiro quando um jato de urina quente atingiu o fundo do balde de metal. O som do líquido batendo no metal era alto e oco no espaço confinado.

Ele terminou, fechou o zíper e se sentou com um suspiro resignado.

Monstro não queria que seu pai encontrasse o balde que fez xixi, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Ele perdeu a noção do tempo, alternando entre sentar e cochilar, e chorar ao bater na porta. Finalmente, ele desistiu e tentou ficar o mais confortável possível, enrolado no chão duro e frio, as mãos enfiadas sob a bochecha como um travesseiro. Ele estava terrivelmente sedento, tanto que sua garganta doía e uma fome torturante se instalou em sua barriga. Já era o dia seguinte? Ele não tinha ideia.

Ele nunca mais queria irritar tanto seu pai a ponto de acabar aqui novamente.

Ele aprendeu a lição...



Monster

(Dias atuais)



Monster voltou ao presente com um estremecimento. Ele tinha se esquecido completamente daquele incidente em particular em sua infância, ou talvez não tivesse esquecido, mas o bloqueou. Ele se perguntou quantos outros momentos deliciosos da paternidade de seu pai sua mente havia esquecido para manter ele são.

Olhando em volta para a lata do avião em que estava sentado, não era de admirar que estivesse atormentado pela ansiedade. Ele só recentemente se tornou um homem livre de verdade e sua Flor foi quem deu esse privilégio a ele e não deveria ser surpreendente que a ideia de se trancar em algo novamente, mesmo que fosse voluntariamente e apenas por uma questão de horas, o fez suar frio.

O co-piloto se aproximou e Monster olhou para cima, forçando um sorriso.

—Estaremos decolando em dez minutos, senhor.

—Obrigado.

O co-piloto se afastou e Monster respirou fundo e continuou a agarrar os apoios de braço. Em poucos minutos, o motor ligou, incrivelmente alto ao seu redor, e começou a taxiar para a pista.

Isso era ridículo. Ele havia matado homens, mas tinha medo de voar.

Flor. Ele só precisava pensar em Flor. Ela seria seu prêmio no final desta cavalgada infernal.



Nove



Lily acordou com um sobressalto, seu coração martelando.

Será que ela acordaria de novo sem ser tomada por um terror de apertar a alma de que algo estava muito, muito errado? Talvez passasse com o tempo, mas ela lutava para acreditar que um dia simplesmente acordaria e se sentiria como se o tempo com Monster e os eventos que levaram a isso nunca tivessem acontecido. Ao mandar ela de volta para a América, ele tirou sua esperança de um futuro diferente. Ele negou a ela a única chance de felicidade que ela já imaginou para si mesma.

Ou talvez como ela se sentia não tinha nada a ver com a falta de Monster, e tudo a ver com estresse pós-traumático.

Gradualmente, sua frequência cardíaca diminuiu e ela foi capaz de pensar com clareza novamente. Ela se lembrou do que acontecera no dia anterior e deslizou a mão sob o travesseiro. Por um momento, ela pensou que a arma não estaria lá, e se virou para encontrar Mãos de Cigarro em pé na porta de seu quarto, apontando o cano para ela, mas então seus dedos encontraram o metal frio e ela exalou um suspiro de alívio. Ninguém esteve em seu apartamento enquanto ela dormia. Apesar de sua certeza de que alguém a estava seguindo, eles pelo menos a deixaram sozinha aqui.

Ela se levantou da cama e foi para a cozinha. Ela não tinha leite, mas tinha café e açúcar, então isso serviria para o café da manhã. Ela estava tão consciente do tempo que passava, e com ele a certeza de que sua história seria anunciada e que Mãos de Cigarro e seu amigo viriam procurar ela.

Ela não podia perder mais tempo.

Com o café pronto, ela foi até seu computador doméstico e ligou a máquina. Ela esperava que seu provedor de internet não tivesse sido cortado, mas não, as contas ainda estavam sendo pagas de sua conta automaticamente, então o fato de ela estar desaparecida no último mês não significava que não estavam sendo pagas. Ela se conectou e, para seu alívio, o Google apareceu. Rapidamente, ela digitou 'portos na Califórnia.' Onze resultados foram levantados. Ela não achava que tivesse havido tempo para leva ela a qualquer porto fora do estado, e as chances eram, considerando que ela havia voado para Cuba, ela teria sido levada para o sul ao invés do norte. Ela também poderia restringir sua busca procurando um porto que tivesse um pequeno campo de aviação nas proximidades. Finalmente, ela sabia que não estaria procurando por um porto de tamanho médio. O lugar precisaria ser tão grande que vários contêineres não iriam embora por dias, se não semanas ou meses, ou então o porto seria minúsculo, com apenas algumas pessoas trabalhando lá que sabiam exatamente o que estava acontecendo sobre isso.

Seus olhos se arregalaram enquanto ela lia algumas das estatísticas para os portos maiores. Sessenta e nove quilômetros de comprimento e cobrindo mais de vinte e oito mil de largura! Como diabos ela encontraria um único contêiner de remessa em tudo isso? Ela estava começando a entender por que a polícia a desprezou tanto. Se esse era o tipo de coisa que ela estava olhando, ela não teria chance de descobrir onde Mãos de Cigarro a mantivera e as outras garotas. Inferno, mesmo se ela fosse capaz de encontrar o contêiner, não havia como dizer que eles ainda estariam no mesmo local. Eles poderiam facilmente ter seguido em frente.

A única coisa que a fez pensar que não fizeram foi pelo quão relaxados eles estavam com a coisa toda. Eles não mostraram nenhum medo de serem ouvidos quando ela gritou, não colocaram as mãos sobre a boca ou tentaram calar ela. Essas ações diziam a ela que eles estavam confiantes sobre sua localização, e apenas familiaridade trazia uma confiança assim.

Mantendo suas ideias de que o porto ficava ao sul, não muito grande, e perto de um campo de aviação, ela traçou o dedo na tela do computador. Seu dedo parou, pairando sobre um nome. San Diego? Ela tinha sido tirada de Los Angeles e levada para San Diego?

Rapidamente, ela pesquisou a área no Google e seu estômago deu um nó com incerteza.

Talvez ela não tivesse sido mantida na parte principal do porto. Parecia muito cheio, limpo e oficial para o que eles estavam fazendo, mas certamente haveria alguma ramificação do outro lado da baía, talvez uma área que tinha sido usada antes e depois fechada?

Fazia sentido para ela, mas ela não tinha certeza, e algo não parecia certo. Certamente se ela estivesse em algum lugar tão cheio, ela teria tido uma noção do tamanho quando ela esteve lá. Sim, ela tinha ouvido o som de um grande navio, mas o lugar não tinha a atmosfera movimentada e agitada de um porto principal.

Lily suspirou e passou a mão pelo cabelo. Se sentindo derrotada, ela se levantou e foi fazer o café. Ela precisava da cafeína para fazer seu cérebro funcionar.

Segurando um copo cheio com as duas mãos, ela voltou para o computador e sentou.

A única coisa que ela poderia fazer era descer a costa e verificar o lugar por si mesma. Ela pegaria a estrada costeira e manteria os olhos abertos para qualquer lugar que ela pudesse ter sido levada. Embora ela se sentisse desmoralizada com a enormidade da tarefa à frente, seu pensamento era sólido. Mãos de cigarro deve ter levado ela a algum lugar ao longo da costa entre Los Angeles e a fronteira mexicana.

Ela só tinha um problema. A polícia ainda estava com o carro dela.

Claro, Cameron tinha um veículo. Parecia que estava abusando da sorte, mas ela se perguntou se valia a pena perguntar se ela poderia pegar emprestado. Afinal, ele mesmo disse que trabalhava em casa,

então não era como se ele precisasse do carro para seu trajeto diário.

Lily mordeu o lábio inferior enquanto pensava.

Se ela pedisse, ele gostaria de saber para onde ela estava indo. Inferno, ele provavelmente insistiria em ir pessoalmente. Ela não queria isso. Apesar de seus contatos questionáveis, ele parecia um cara bom, e ela não queria envolver ele com um bando de criminosos assassinos e estupradores.

Uma batida repentina veio em sua porta, e ela congelou. Seria Cameron? Ela não conseguia imaginar quem mais a estaria visitando, um colega da clínica, talvez? Mas por que eles estariam batendo em sua porta em vez de usar a campainha da entrada principal? Só quem já estava dentro do prédio poderia bater na porta.

Cautelosamente, Lily se levantou. A arma que ela comprou estava em sua mesa. Tentando controlar sua mão trêmula, ela a pegou. Ela não queria atirar em ninguém, mas de jeito nenhum ela planejava abrir a porta sem ela.

Se movendo o mais levemente que pôde, feliz por seus pés estarem descalços, ela andou para a porta. Ela fez uma pausa, seu coração batendo forte, tentando ter uma noção de quem estava do outro lado. Um olho mágico foi colocado no centro da porta, mas ela temeu que se colocar diretamente na frente da porta a exporia. Eles podem ver a sombra em uma abertura sob a porta e atirar nela através da madeira.

—Senhorita Drayton? — Uma voz masculina chamou. —Você está aí?

A voz não parecia ameaçadora, mais insegura, mas ela não a reconheceu. Ela prendeu a respiração, a arma apontada na direção da porta, apenas esperando.

—Senhorita Drayton, — o homem tentou novamente. —Meu nome é Scott Burnett. Eu sou do Tribune. Cobri seu desaparecimento no mês passado e um contato me informou que você reapareceu desde

então. Você gostaria de falar sobre onde você esteve no último mês?

Ela hesitou e disse. —Coloque um documento de identidade embaixo da porta.

Ela ouviu uma agitação do lado de fora e, em seguida, um cartão de identificação da imprensa foi colocado sob a porta. Ela pegou. Claro, ela não tinha ideia se era assim que o cara parecia, trinta e poucos anos, careca prematuramente, uma expressão entediada em seus olhos, mas ele parecia inofensivo. Ela se abaixou e empurrou o cartão de volta para baixo.

—Não quero falar com a imprensa.

—Você não quer que alguém ouça o seu lado da história? Dizem que você fugiu com um cara que te tratou mal, então você voltou de novo. Algumas pessoas estão muito chateadas com todas as horas de polícia que você desperdiçou. — Ele fez uma pausa e disse. —Houve outros rumores, no entanto...

Seu interesse foi despertado. —Que tipo de rumores?

—Que você foi sequestrada por uma quadrilha de tráfico e os policiais não estão fazendo nada a respeito. Se isso for verdade, você não acha que o público tem o direito de saber? Eles deveriam sentir que estão sendo protegidos dessas pessoas, mas se mulheres inocentes estão sendo arrancadas da rua...

—E se essa história for verdadeira? — Ela perguntou. —Se sair no jornal, esses mesmos traficantes vão me caçar e me calar.

—É disso que você tem medo? É por isso que você não abre a porta?

No momento estou com medo de tudo, ela pensou, mas não disse.

—Eu não estou com medo, — ela disse, resolutamente.

—Então abra a porta. Você viu minha identidade. Eu só quero conversar, eu prometo.

Eu tenho a arma, ela se lembrou. Ela ficaria ao lado do batente da porta com a arma fora de vista. Se ele ao menos respirasse na direção errada, ela atiraria nele.

Tentando impedir que sua mão tremesse, ela destrancou a porta e a abriu. O mesmo homem que havia sido retratado na identificação estava em pé na frente dela, usando um terno bege solto e óculos sem armação.

Ele a viu pela abertura e acenou com a cabeça.

—Não estou com medo, — ela disse novamente. —Eu sou apenas cautelosa. Depois do que passei, tenho certeza de que você entende.

—Então a história do tráfico é a verdadeira?

—E se for? O que você poderia fazer para me ajudar? Você é capaz de fornecer proteção vinte e quatro horas por dia?

—Bem... não exatamente.

—Então você não pode me ajudar. — Ela começou a fechar a porta novamente, mas ele estendeu a mão para impedir ela.

—Espere. Podemos não ter força muscular, mas somos grandes investigadores. Podemos te ajuda a descobrir quem a levou.

—Quando você diz nós, de quem exatamente você está falando?

—Bem, seria apenas eu, na verdade.

Suas sobrancelhas se arquearam. —Certo. E talvez eu não queira encontrar os homens que me levaram. Talvez eu só queira esquecer que tudo aconteceu.

—Eu entendo isso, mas se a sua história for verdadeira e realmente houver traficantes, eles farão isso com outras mulheres. Você pode apenas sentar e deixar isso acontecer?

A raiva de repente borbulhou dentro dela. —Eu não apenas me sentei, Sr. Burnett. Fiz o que qualquer outro cidadão cumpridor da lei faria, fui à polícia. O problema é que são eles que estão sentados e não

fazem nada.

—Eles disseram isso? Que eles não iriam fazer nada?

—Bem, não, não exatamente. Eles me fizeram falar com um desenhista e disseram que haviam feito algumas sondagens, mas não tive a impressão de que estavam me levando muito a sério.

—Então, me deixe verificar as coisas para você.

Ela balançou a cabeça. —Não me desculpe. Eu não quero isso. Eu só quero que essa coisa toda vá embora.

Ela fechou a porta e desta vez ele não a impediu.

Lily olhou para a porta fechada, esperando que ele batesse e exigisse que ela o deixasse entrar ou algo assim, mas nada aconteceu. Mesmo assim, ela ainda podia sentir ele parado ali, e então ouviu um farfalhar e um cartão de visita deslizar por baixo da porta, fazendo ela pular.

—Se você mudar de ideia ou precisar de alguma coisa, você tem meu número.

E com isso ela ouviu seus passos se afastando, até que eles se desvaneceram em nada.



Dez



Lily soltou um suspiro e caminhou de volta pelo apartamento até onde o café agora esfriou ao lado do computador. A tela havia entrado no modo de proteção, mas ela balançou o mouse e a trouxe de volta à vida. Ela não ia ficar sentada aqui por mais tempo, ela não podia arriscar. O repórter provavelmente escreveria algo sobre ela, quer ela quisesse ou não, inferno, ela provavelmente já lhe contara o suficiente para uma história apenas pelo que ela disse através da porta e se ele não fosse escrever sobre ela, outra pessoa faria. Uma coisa que não faltava em Los Angeles eram repórteres de jornal e paparazzi, e embora ela tivesse certeza de que não seria exatamente as manchetes, poderia ser uma matéria grande o suficiente para a pessoa errada ler que ela ainda estava viva e de volta à América.

Ela precisava de um carro, e ela precisava de um rápido. A única pessoa que ela conhecia com um veículo era Cameron, mas ela se preocupou com o que ele diria. Ele tinha dito que se ela precisasse de alguma coisa, ele estaria lá para ela, mas ela não sabia se isso se resumia a pegar seu carro emprestado. Mas ela não tinha escolha a não ser perguntar.

Ela tomou um banho rápido e trocou de roupa. O jeans que ela vestiu estava solto em seus quadris e ela precisou usar um cinto para prendê-lo. Até mesmo seu sutiã estava folgado na parte superior das taças, e sua camiseta inundava seu corpo. Quanto peso ela havia perdido no último mês, quinze quilos? Vinte, pelo menos? Não era como se ela não tivesse nada a perder, mas ela não queria emagrecer. Seu estômago roncou de fome, como se a lembrasse de forma audível de que ela não tinha ingerido nada além de café

naquela manhã. Ela precisava ficar em forma e forte, não ser uma criatura abandonada que poderia ser levada com um vento repentino.

Comerei assim que falar com Cameron, ela prometeu a si mesma.

Indo para seu armário, ela encontrou uma bolsa velha. Ela embrulhou a arma em um suéter leve e acrescentou algum dinheiro e a chave de seu apartamento. Ela deveria levar seu passaporte? Se algo acontecesse com ela e ela não tivesse nenhuma identidade, ela nunca poderia ser identificada. O pensamento a fez estremecer como se alguém tivesse caminhado sobre seu túmulo raso e sem marcas. Quando sua vida se tornou uma em que ela precisava pensar se seu cadáver seria capaz de ser identificado antes de sair de casa? Sua maior preocupação costumava ser o que assistiria a seguir, quando sua farra mais recente no Netflix chegasse ao fim.

No entanto, ela se sentia viva agora. Ela tinha estado sonâmbula ao longo da vida antes de ser levada, mas agora, mesmo que ela estivesse exausta, seu corpo inteiro zumbia com uma energia correta. Ela não iria simplesmente sentar e permitir que as coisas acontecessem com ela, ou não acontecessem, conforme o caso. Ela não voltaria a ficar sentada em frente à televisão noite após noite, bebendo vinho para aliviar o tédio, apenas para ir para a cama e começar tudo de novo no dia seguinte.

Seu coração se contraiu de pesar e saudade. Por um breve momento ela acreditou que tinha uma vida emocionante com Monster. Embora tivesse sido louco e perigoso, ela nunca se sentiu tão viva.

Lily jogou a alça da bolsa por cima do ombro e apertou a bolsa contra o corpo com a outra mão. Manter a arma perto a fez se sentir mais segura, mesmo que houvesse uma camada de couro entre ela e a arma.

Ela saiu de seu apartamento e caminhou pelo corredor em direção à casa de Cameron. Seus ombros estavam rígidos, todos os músculos tensos enquanto ela se movia com passos leves, imaginando que alguém poderia pular de uma porta para ela a qualquer momento. Ela

teve que se manter sob controle. Uma coisa era atirar em um agressor que pretendia sequestrar e estuprar ela, era outra atirando em um repórter ou em um vizinho bem-intencionado.

Parando na porta de Cameron, ela ergueu a mão e bateu levemente. A porta se abriu rapidamente, como se ele estivesse parado bem ao lado dela, e ela deu um pequeno grito de choque.

—Oh desculpe, — ele disse, um sorriso iluminando seu rosto. A memória de sua boca contra a dela a atingiu como uma força física, e ela apertou os lábios para tentar dissipar a sensação. —Eu estava prestes a sair para tomar um café.

Ela olhou para baixo e viu que ele estava usando tênis e as chaves nas mãos.

—Não, sou eu que sinto muito, — disse ela. —Eu não queria interromper.

—De jeito nenhum. Você quer vir comigo? Por minha conta. Vou até pegar alguns bagels para nós.

—Na verdade, eu ia te pedir um favor.

—Sem problemas. Me convide para tomar um café com rosquinhas.

Ela hesitou.

Seu estômago gorgolejou novamente e ela sentiu sua determinação vacilar. Ela planejou pedir as chaves de seu carro e sair de lá. Ela era tão facilmente influenciada por produtos assados?

Sim, parecia que ela era.

—Tudo bem, claro. Isso seria bom. Eu não estou atrapalhando o seu café da manhã com alguém, estou?

—Não, só eu, eu mesmo e eu. — Ele lançou a ela aquele sorriso infantil novamente, e ela tentou não pensar em sua boca.

Cameron saiu pela porta e foi para o corredor com ela. A

fechadura travou automaticamente, clicando no lugar.

—Então você dormiu bem? — Ele perguntou a ela enquanto caminhavam juntos em direção ao elevador.

—Sim, obrigada. Eu estava exausta. Ontem foi um dia louco, para dizer o mínimo.

—Você pode dizer isso.

Eles pegaram o elevador até o térreo e caminharam alguns quarteirões até o café local. Lily ficou alerta para a sensação de estar sendo observada, tentando manter um olho fora de sua visão periférica para pegar qualquer um que pudesse estar os seguindo. Talvez a pessoa do dia anterior tenha sido outro repórter ou fotógrafo, e ninguém ameaçador? Ela queria acreditar nisso, mas no fundo não parecia verdade.

—Escolha uma mesa, — disse ele enquanto caminhavam para o aroma reconfortante da cafeteria. —Vou pegar esses bagels.

Ele voltou, equilibrando copos altos de café para viagem e alguns sacos de bagels. Incapaz de se conter, ela comeu a comida direto do saco, consumindo um e começando o próximo. Quando o doce carboidrato derreteu em sua língua, ela tentou não gemer de prazer.

Cameron a observou, divertido. —Com fome?

O calor inundou suas bochechas. —Sim, me desculpe. — Ela falou com a boca cheia, a mão levantada aos lábios para encobrir a visão. — Eu não tinha mantimentos em minha casa.

Ele riu. —Não precisa se desculpar. Gosto de ver uma menina comer.

Ele estava flertando com ela novamente. Ela desejou que ele não o fizesse. Isso a colocaria em problemas.

Não, não vai. O Monster se livrou de você. Você é livre para fazer o que quiser.

Se isso fosse verdade, por que parecia tão errado?

—Então, qual era esse favor que você queria me pedir? — Disse ele, e tomou um gole de seu café.

Embora ela estivesse tão decidida em seu apartamento, agora ela realmente tinha que perguntar, ela se sentia estranha. —Umm, eu preciso pegar seu carro emprestado.

Ele endireitou o corpo, surpreso. —Meu carro? Para que?

—Eu preciso descer a costa, e eu preciso partir o mais rápido possível. Eu provavelmente o traria de volta para você esta noite. Eu não pediria, mas meu carro ainda está apreendido.

—O que você diria se eu me oferecesse para te levar?

Ela sabia que estava chegando. —Não acho que seja uma boa ideia.

Seus olhos se estreitaram. —Você não vai encontrar aquele seu namorado, vai?

Ela deu uma risadinha, mas soou falsa. —Não, eu prometo.

Ele torceu o copo entre as mãos. —Eu não sei, Lily. Devo dizer que estou preocupado. Nós pegamos alguma proteção ontem, mas então você pensou que viu alguém te seguindo, e agora quer pegar meu carro emprestado, mas você realmente não vai dizer por quê.

—Estou ciente de que estou pedindo muito. Você já fez muito por mim e não precisava. Quer dizer, mal nos conhecemos.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. —Mas estamos nos conhecendo, não é?

Ela apertou os lábios e puxou suavemente a mão da dele. —Isso é, Cameron. Só não acho que estou pronta para isso. Caramba, eu sei que não estou nem perto de estar pronta para isso.

—Estamos começando a nos conhecer como amigos, — disse ele. —Isso é tudo que eu quis dizer. E amigos se ajudam, não é? Claro,

você pode pegar meu carro emprestado, mas estou dirigindo.

Seu coração afundou. Mas que outra escolha ela tinha? Ela não tinha sua carteira de motorista, fora levada com sua bolsa por Mãos de Cigarro e sua equipe, então não era como se ela pudesse alugar um veículo. Talvez eles pudessem ir juntos, e ela tentaria restringir sua área de pesquisa sem realmente se aproximar de ninguém. Se eles passassem de carro e ela reconhecesse alguma coisa, talvez bastasse levar a polícia e deixar que levassem as coisas de lá.

Ela forçou um sorriso. —Certo, obrigada, mas posso apenas pedir mais uma coisa?

—Diga.

—Não faça muitas perguntas, tudo bem? Sei que estou envolvendo você nisso, e é errado da minha parte fazer isso, mas, por favor, tente ficar o mais longe possível no escuro.

Ele assentiu. —Vou fazer o meu melhor. Quando você pretende partir?

—O mais breve possível.

—Certo. Me deixe voltar para minha casa e pegar algumas coisas, então te encontro fora da loja em, digamos, quinze minutos?

Lily sorriu de alívio. —Soa bem.



Fiel à sua palavra, Cameron estava esperando por ela do lado de fora, quinze minutos em ponto. Ela não precisava pegar mais nada para si mesma, tudo que ela precisava estava dentro de sua velha bolsa, então ele a deixou para terminar seu café enquanto voltava para sua casa.

Ele subiu os degraus em direção a ela, vestindo jeans desbotados e

uma camiseta branca justa. Seu cabelo na altura do queixo caiu em seu rosto e ele o empurrou para trás. Droga, por que seu vizinho prestativo não podia ser o velho de quarenta e seis anos ou a mãe de meia-idade de três filhos que sempre gritava com os filhos? Não que ela não gostasse de passar um tempo com Cameron, ou tudo que ele fez por ela. Era que ela não precisava de distração, e cada vez que olhava para ele, era dominada por uma culpa deslocada.

—Então, — ele disse enquanto percorria os degraus. —Eu provavelmente deveria ter perguntado isso antes, mas para onde exatamente estamos indo?

Ela se levantou de onde estava apoiada no pilar na parte superior da escada. —Quero dirigir até San Diego, possivelmente até um pouco depois de lá.

—Para a fronteira?

—Eu ainda não tenho certeza.

—Você quer pegar a rodovia?

Ela balançou a cabeça. —Eu quero pegar a Pacific Coast Highway. O que procuro está bem na costa, então não quero ir para o interior. Vamos pegar a rodovia eventualmente, mas se pudermos ficar na costa o máximo possível, isso seria ótimo.

—Coisa? — Disse ele, erguendo as sobrancelhas. —Tem certeza de que é uma coisa e não uma pessoa?

Ela sibilou exasperada. —Sim eu tenho certeza. Agora vamos entrar no carro.

Ele deu um sorriso divertido. —Você é o chefe.



Monster

(Dias atuais)



O avião tocou baixo com um solavanco e uma sacudida, e uma súbita onda de aceleração. Ele parou, e Monster finalmente se permitiu tirar os dedos dos apoios de braço. Voar deu a ele uma das experiências mais enervantes de sua vida, e ele já tinha passado por muitas. A certa altura, eles sofreram turbulência e o avião baixou como se fosse cair do céu. Ele não gostava de sentir que não estava no controle, e voar tinha feito exatamente isso.

Embora mal pudesse esperar para descer da aeronave, ele permaneceu sentado, com o cinto colocado, até que o piloto e o copiloto saíssem da cabine e ele tivesse absoluta certeza de que o avião não voltaria a se mover.

Pelo menos agora ele estaria no mesmo solo que Flor. Algo sobre isso acalmou sua alma, enquanto disparava sua raiva. Ele não estava zangado com ela. Um idiota apareceu quando ela estava frágil e estava se aproveitando dela. Este não era seu plano quando ele a mandou de volta para casa. Ele sabia que ela ficaria zangada com ele também, mas nunca imaginou que ela se envolveria com outra pessoa tão cedo.

Sua raiva aumentou um grau. Ela era sua. De mais ninguém. Ele cortaria as mãos de outro homem que a tocou.

A porta do avião se abriu e ele saiu para o sol. Era um tipo de calor diferente de Cuba, menos úmido e o ar tinha um cheiro diferente. Esta foi a primeira vez que ele saiu do país onde nasceu, embora soubesse que seu pai viajava regularmente entre países. Parte dele não sabia o que esperar, enquanto a outra parte sentia que já

reconhecia o lugar. Com tanta cultura externa vinda dos Estados Unidos, era difícil não ser totalmente influenciado pelo país.

Enquanto descia os estreitos degraus de metal para a passarela, ele ajeitou o paletó, prendendo com os botões. Ele estava acostumado a usar terno no calor, e fechar a jaqueta de alguma forma o fez sentir como se tivesse se livrado do homem nervoso que descobrira no voo e o levado de volta ao seu jeito frio e profissional.

Outro homem de terno, este muito mais barato que o seu, veio correndo pelo asfalto em sua direção. Chapman segurava um celular na mão, com uma expressão ansiosa.

Monster sentiu os olhos azul-claros do outro homem se moverem para o lado de seu rosto onde a marca de nascença ainda estava presente. Esta foi a primeira vez que eles se encontraram pessoalmente, e seu funcionário não sabia sobre a doença. Lily tinha feito um trabalho incrível em desbotar a marca, então não parecia mais que alguém havia derramado tinta em um lado do rosto dele, mas ainda era perceptível. Ele odiava que a marca de nascença o deixasse constrangido. Não que alguém ousasse dizer alguma coisa.

—Você já ligou o telefone? — Chapman perguntou a ele. — Rodriguez Mendes está tentando entrar em contato com você.

Seu coração endureceu. Rodriguez Mendes era um parente distante dos irmãos Gonzalez-Larrinaga e sabia que ouvir do outro homem nunca traria boas notícias.

—Não, — disse ele. —Desliguei durante o voo. — Ele não queria discutir seus negócios com Chapman. —Você ainda está de olho em Lily Drayton?

Ele assentiu. —Claro, mas ela está em movimento. Sean Hamilton a está perseguindo. Ela saiu de Los Angeles com o vizinho há pouco mais de uma hora.

—Porra. Onde ela está indo?

—Não temos certeza, mas ela está indo na direção de San Diego.

—E você disse que ela foi com o vizinho?

—Sim, no carro dele.

Seus ombros ficaram tensos. —Ele a está forçando?

—Não parecia. Ela parece estar com ele por sua própria vontade.

—Ele desviou o olhar brevemente. —Desculpe.

A menos que seja você quem está transando com ela, não precisa se desculpar, ele quase disse, mas se conteve. Chapman não precisava saber mais sobre seus negócios do que já sabia.

—Eu quero que ela seja trazida para mim, — disse ele, em vez disso.

Os lábios de Chapman se torceram. —Como?

Ele lançou seu olhar sombrio para o outro homem. —Isso é o que estou pagando para você descobrir. Você pode fazer o seu trabalho ou preciso encontrar outra pessoa para fazer isso?

Seu empregado balançou a cabeça. —Não, não, claro que não. Mas, por favor, ligue para o Sr. Mendes. Ele não parecia feliz.

—Deixe eu me preocupar com isso. Você apenas se concentra em pegar a garota.

Chapman deu um leve aceno de cabeça. —Seu carro e motorista estão esperando do outro lado do hangar, — disse ele, antes de se virar e ir embora.

Com os dentes cerrados, Monster tirou o celular do bolso e o ligou. A tela se iluminou e demorou alguns instantes para localizar uma rede local. O telefone começou a zumbir em sua mão. Droga. Sete chamadas perdidas, todas do mesmo número. Rodriguez Mendes.

Ele exalou profundamente pelas narinas e apertou o botão de chamada.

—Merrick, — veio a voz no final da linha. —Os passarinhos estão me dizendo que você deixou o país. Você sabe que tem uma dívida

que ainda não pagou.

Monster conteve um rosnado. —Estou numa viagem de negócios. Não é como se eu não fosse voltar.

O outro homem deu uma gargalhada. —Desde quando você viaja a negócios? Merrick, o misterioso recluso?

—As coisas mudam.

—Não me faça perseguir você, Merrick. Você sabe que sou capaz disso.

—Não me ameace, — ele retrucou

—Não é uma ameaça, é apenas um lembrete amigável. Você pegou algo meu, e agora você me deve algo seu.

Monster cerrou os punhos, sua mandíbula rígida de raiva. —Tenho muito dinheiro. Eu vou comprar tudo o que você acha que eu devo a você.

O outro homem riu. —Não preciso de mais dinheiro. Você tirou carne e sangue de mim. Eu quero carne e sangue de volta.

—Eu não tenho nenhum. Seus meninos atiraram nas únicas pessoas que eu tive na minha vida, lembra?

—E então você atirou neles.

Monster sabia que não seria capaz de argumentar para sair dessa por telefone. Uma vida era uma vida. Não importava para Rodriguez se os irmãos mereciam ser mortos.

—Estarei de volta em alguns dias. Conversaremos então.

Ele suspirou. —Eu não sei, Merrick. Talvez eu esteja cansado de falar.

E o telefone ficou mudo.

Monster resistiu à vontade de jogar o telefone no chão e esmagá-lo no asfalto com o pé. Em vez disso, ele o agarrou com força o suficiente

para que os nós dos dedos ficassem brancos. Apenas saber que o telefone era a única maneira de seus homens entrarem em contato com ele sobre Flor o impediu de quebrar ele em mil pedaços.

Eles pousaram em outra pista de pouso particular, então Monster não precisava se preocupar em apaziguar funcionários do governo, embora ele tivesse fé que o passaporte falso no bolso interno de seu paletó passaria por qualquer escrutínio.

Seu motorista estava esperando em um SUV preto. Ele saiu para abrir a porta traseira para Monster, que sentou nos assentos de couro. Uma suíte em um hotel tinha sido reservada, e como o motorista já havia sido informado para onde eles estavam indo, Monster não precisou dizer nada para ser levado para lá.

Ele estava feliz por não falar. O telefonema o havia abalado. Ele estava fazendo a coisa errada ao tentar encontrar Flor novamente? Ele estava fazendo isso porque ele estava preocupado que ela estivesse em perigo, ou porque ele odiava a ideia de ela estar com outro homem? Ele teve tantos problemas para mandar ela de volta para a América, ele nem tinha certeza do que faria quando a encontrasse. Ele a traria de volta para Cuba novamente? Se ele fizesse isso, Rodriguez Mendes viria atrás dela com certeza, assim como Monster sempre temeu. Ele nunca pensou que as mortes dos irmãos Gonzalez-Larrinaga ficariam impunes. O que ele realmente precisava fazer era convencer ela de que ela precisava desaparecer. Ela precisava sair de seu apartamento, mudar seu nome e se mudar para uma nova cidade. Se ela continuasse a insistir em falar com a polícia ou com os repórteres de jornais, ela seria encontrada com certeza, e ele odiava pensar que tipo de futuro ela teria.

Rodriguez Mendes faria os irmãos parecerem dois garotos de escola se comportando mal.



Onze



Se não fosse pelos nervos constantes torcendo em seu estômago, e a arma em sua bolsa, Lily teria pensado que era um bom dia para uma viagem.

O céu estava de um azul brilhante acima, e quando ela avistou o oceano, ele brilhou e cintilou, refletindo a luz do sol. Lily manteve os olhos grudados na janela, na esperança de encontrar algo que lhe desse uma pista sobre onde ela estava presa, mas até agora tudo parecia muito turístico. Além disso, eles só estiveram no carro por menos de uma hora, e ela tinha certeza de que tinha sido levada para uma distância maior de Los Angeles do que isso, porque ela ficou inconsciente por uma parte da viagem, foi impossível saber com certeza.

Cameron adivinhou o que ela estava procurando, sua maneira relaxada e alegre, o oposto do que estava acontecendo dentro de Lily. Mas embora ele fizesse perguntas de brincadeira, ela sabia que ele ainda estava tentando arrancar informações dela.

—Tem que ser algo a ver com a costa, — ele meditou, seu rosto se contraindo um pouco enquanto pensava. —Então é um barco? Você está procurando um barco.

—Não.

—Uma certa praia, então, onde você passou um tempo quando criança e quer reencontrar.

—Bem longe, — ela disse.

—Hmm... — Ele coçou o queixo, coçando a barba por fazer de

alguns dias. —Um bar de praia onde uma vez você teve uma noite de sexo impróprio antes de nunca mais ver o cara de novo!

—Cameron! — Ela exclamou. —Definitivamente não.

—Então, me tire da minha miséria e me dê uma pista.

—Sem chance. Já te disse que não posso te contar nada, e agora você está me distraindo. Faça o seu trabalho e se concentre na estrada.

Ele suspirou. —Você é uma feitora de escravo motorista, alguém já lhe disse isso?

—Sim, o último escravo que morreu de exaustão. Agora pare com isso.

Mas a menção da palavra escravo atingiu perto de casa. Ela encobriu suas emoções com um pouco de brincadeira, mas não tinha sido quase esse o seu destino? E, embora ela pudesse ter escapado, todas as outras garotas com quem ela foi trancada não.

—Você está bem? — Ele perguntou, olhando para ela. Ele deve ter percebido sua mudança de humor. —Desculpe, eu não queria te pressionar.

—Está tudo bem, estou bem. Eu só preciso me concentrar.

Ela girou em seu assento para verificar o vidro traseiro e se certificar de que não havia perdido nada. Lily franziu a testa. Um sedan preto estava atrás deles, não tão longe que eles o perdessem de vista, mas também não perto o suficiente para ver quaisquer detalhes sobre o veículo.

Ela se virou para frente, mordendo o lábio. Ela não sabia por que o carro disparou todos os alarmes internos. Eles estavam em uma estrada bastante movimentada, é claro que haveria outros veículos. Não era nada. Ela estava apenas nervosa e desconfiada no momento.

Mesmo assim, ela se virou novamente. O carro tinha ficado mais para trás, então estava quase fora de vista, mas ela viu o pisca-pisca

acender para a próxima curva.

Ela se virou para a frente e relaxou um pouco. Ela estava sendo paranoica.

Depois de uma hora, eles pararam em um café à beira da estrada para pegar mais café. Nesse ponto, Lily estava se perguntando se ela realmente precisava de mais alguma coisa para estimular seus nervos. Mas ela ainda estava com fome, como se seu corpo quisesse que ela compensasse todas as refeições que ela perdeu e queria pegar um sanduíche também. Eles deixaram o carro no estacionamento e entraram. O lugar estava fervilhando de gente, uma fila de clientes esperando no balcão. Cameron entrou na fila enquanto ela usava o banheiro, e então eles trocaram. Quando chegaram à frente da fila, ela escolheu um sanduíche de pastrami com pão de centeio e eles pegaram a comida para viagem. Eles comeriam no carro enquanto Cameron dirigisse.

Lily saiu do café e congelou.

O carro preto que ela viu atrás deles estava estacionado do outro lado do estacionamento.

—O que há de errado? — Cameron perguntou enquanto ela se levantava, olhando.

Ela balançou a cabeça. —Não tenho certeza. Provavelmente não é nada, mas aquele carro ficou atrás de nós a maior parte do caminho até aqui.

Ele encolheu os ombros. —É praticamente uma única pista, o que não é surpreendente.

—Mas por que parou aqui?

—Muitas pessoas pararam aqui. Parece um lugar popular para comer.

—Sim, eu sei, — ela olhou para o sedan preto novamente, um Lexus, ela podia ver agora. —Tenho certeza que você está certo.

—Claro que estou certo.

Ela forçou um sorriso e seguiu Cameron em direção ao veículo. Ela abriu a porta do passageiro e entrou, mas a presença do Lexus a preocupou como uma pedra em seu sapato. Ela tentou se livrar disso. Cameron estava certo, havia muitos outros veículos na estrada que pararam aqui. Por que aquele carro em particular estava dando arrepios nela? *Instinto*, ela disse a si mesma. *Confie nos seus instintos*. Ela não tinha na noite em que foi levada, e olhe onde isso a levou.

—Espere aqui um momento, — disse ela, saindo do carro.

—Lily? — Ele a chamou, mas ela não respondeu. Dando um impulso, ela correu em direção ao carro. Ela olhou ao redor, tentando ver se alguém estava se aproximando. Ela esperou pelo grito de alguém perguntando o que ela estava fazendo perto do carro, mas nenhum veio. O carro era grande e caro, e ela sabia que teria um alarme, então não se preocupou em puxar a maçaneta para ver se a porta estava destrancada. Em vez disso, ela colocou as mãos em concha de cada lado do rosto para espiar pela janela do motorista.

Ela não sabia o que ela pensava que poderia ver. Não era como se uma fotografia dela mesma estivesse sentada no banco do passageiro. O interior parecia imaculado e ela não localizou nenhuma pista sobre quem estava dirigindo.

Lily se endireitou e se afastou do Lexus, olhando ao redor.

Ninguém saiu correndo do café exigindo saber o que ela estava fazendo com o carro. Ela poderia voltar ao café e perguntar de quem era o veículo, mas o que ela diria? Você estava me seguindo? Ela apenas faria a si mesma, parecer uma louca, e se alguém a estivesse seguindo, ela apenas o deixaria saber que ela estava atrás dele. Além disso, não era como se ele fosse dizer sim.

Ela caminhou de volta para o carro de Cameron, seus olhos grudados no café no caso de alguém estar olhando para ela de uma das janelas, embora ninguém tenha chamado sua atenção. Sem dizer

nada, ela voltou para o carro.

—Se sente melhor agora? — Cameron perguntou.

—Não, na verdade não, mas acho que vou ficar de olho naquele carro também.

—Além dessa coisa misteriosa que estamos procurando?

—Isso mesmo.

Ela sabia que devia soar como uma louca extremamente paranoica. Uma louca com uma arma na bolsa. De repente, tomada por uma nova explosão de paranoia, ela verificou sua bolsa. A arma estava exatamente onde ela a havia deixado. Ocorreu-lhe que realmente deveria ter levado sua bolsa quando foi verificar o outro veículo. Ela suspirou e balançou a cabeça para si mesma. Talvez ela não tenha sido feita para toda essa merda.

—Estaremos chegando à rodovia em breve, — disse Cameron, suspirando por preocupação em vez de aborrecimento consigo mesmo. —Ninguém será capaz de nos seguir até lá.

Ele estendeu a mão e tocou sua bochecha levemente com os nós dos dedos.

De repente, uma memória inundou de volta para ela. Ela estava deitada na cama de Monster, ele ao lado dela, mas completamente vestido. Eles não estavam sozinhos. Outro homem estava no quarto com eles, do outro lado da cama, em frente ao Monster. Ele parecia estar tocando seu braço. Não, não tocando, segurando.

—O que está havendo...? — *Ela conseguiu perguntar.*

Mas então uma pontada de dor cravou em seu braço. Ela assobiou sobre os dentes e tentou puxar o braço, mas um calor estranho já fluía por seu corpo, e ela sentiu a força do sono tentando arrastar ela para baixo.

—O que...? — *Ela tentou fazer a pergunta novamente. O que está acontecendo? Mas agora sua língua parecia grossa e sua boca não se movia como ela queria.*

Monster estendeu a mão e tocou sua bochecha com os nós dos dedos. —Eu sinto muito, Flor. Eu não tinha ideia de que chegaria a esse ponto. Eu te amo e só quero que você esteja segura.

Ela tentou responder, mas desta vez tudo o que ela pôde fazer foi soltar um gemido distante. Ela sabia que deveria estar com medo, mas apenas uma sonolenta sensação de calma se instalou dentro dela. Embora ela quisesse manter os olhos abertos e descobrir o que estava acontecendo, suas pálpebras de repente pareciam as coisas mais pesadas do mundo.

Quando eles se fecharam, ela o ouviu dizer. —Você não me deu outra escolha...



Doze



Um toque em sua mão a fez pular.

—Está tudo bem? — Cameron perguntou.

Ela balançou levemente a cabeça para sair de seu devaneio. — Sim, desculpe. Acabei de me lembrar de algo.

—Alguma coisa importante?

—Não. Bem, sim, mas nada que você precise saber.

—Você não tem que se fechar contra mim o tempo todo, Lily, — ele disse, sua expressão dolorida. —Eu gostaria que você confiasse em mim com algo. Você se sentiria melhor se falasse sobre isso.

—Sinto muito, mas não há chance de que falar me faça sentir melhor.

Cameron suspirou e ligou o carro. Eles saíram do estacionamento do café à beira da estrada, Lily lançando um olhar para o Lexus enquanto saiam. Ninguém mais se aproximou do outro veículo.

Seus pensamentos voltaram para aqueles últimos momentos com Monster. As drogas que foram administradas a ela por via intravenosa devem ter bloqueado aquela memória em particular até agora. O que isso significa? —*Eu te amo*, — disse ele, —*e só quero que você esteja segura*. — Então ela estava certa em pensar que Monster fez o que ele fez porque ele ainda se importava com ela. Ela se permitiu aquele pouquinho de esperança, ou isso a deixou louca por querer se importar com um homem que permitiu que outra pessoa a drogasse e a levasse para outro país?

Eles rodaram em silêncio, e ela sentiu a tensão irradiando de Cameron. Ele desistiu de provocar e questionar ela, mas se concentrou em dirigir, sua expressão dura. Ela adivinhou que ele estava se arrependendo de lhe dar uma carona agora, mas embora isso a fizesse se sentir uma vadia completa, ela não podia permitir que isso a distraísse. Ela o avisou para não vir.

Depois de mais quarenta e cinco minutos, eles entraram em uma pequena cidade. O local tinha um ambiente industrial, embora também fosse litorâneo. Altas cercas de arame, com arame farpado no topo, pareciam cercar tudo, incluindo o que parecia ser lotes completamente vazios e palmeiras desgrenhadas pontilhavam as ruas largas e áridas e o litoral. Os prédios eram simples e retangulares, pintados de creme com telhados vermelhos. Tudo tinha uma sensação temporária, como se tivesse surgido, sem esperar continuar por aí por tanto tempo.

Os olhos de Lily se estreitaram. —O que é este lugar?

—Uma base do Corpo de Fuzileiros Navais, eu acho.

Seu coração acelerou, batendo forte em seu peito. —Você acha que pode haver um campo de aviação nas proximidades?

—Eu acho. Se eles forem militares, você pensaria que sim.

Era louco. Certamente Mãos de Cigarro e sua equipe não estavam traficando mulheres de uma base da Marinha? Poderiam ser fuzileiros navais ou talvez já tivessem sido uma vez e sabiam se locomover nesta área? Ela não conseguia imaginar todo o acampamento sendo usado de uma vez. Talvez uma parte dele tenha sido abandonada e fechada.

Ela se sentia mal de nervosismo. Embora a perspectiva de encontrá-los esta manhã a tivesse enchido de uma raiva justa, agora ela estava apavorada.

Cameron olhou para ela com curiosidade. —Presumo que tenhamos encontrado o que você estava procurando?

—Não tenho certeza ainda, mas é definitivamente uma

possibilidade.

—Você quer que eu encoste?

—Sim. Vá em frente.

Embora a área deva ter sido originalmente uma base temporária dos fuzileiros navais, uma cidade inteira surgiu em torno dela. O lugar era esparso, seco e empoeirado, uma loja de conveniência, um posto de gasolina e um punhado de pontos para comer e levar ao longo da rua principal.

Eles foram até os portões que davam para a base da Marinha. Homens armados verificaram quem entrou e saiu. Lily não tinha planos de entrar, é claro. Ela não achava que o local onde fora mantida era na base, mas possivelmente estava localizado na mesma área ou em outra parte da cidade. Havia algo mais que ela precisava saber.

—Com licença? — Ela perguntou.

O jovem fuzileiro naval olhou para ela com curiosidade. —Sim, senhora?

—Você sabe se há um aeroporto por aqui?

Ele franziu a testa ligeiramente. —Não é um aeroporto propriamente dito, senhora, mas há um campo de aviação privado a cerca de cinco quilômetros a leste da cidade.

—Obrigada. Mais uma pergunta? Existem grandes contêineres de transporte por aqui?

—Contêineres de transporte?

—Sim, você sabe, grandes contêineres de metal que são usados para transportar coisas em navios.

—Não que eu tenha descoberto, mas se você continuar indo para o norte fora da cidade e depois pegar a primeira saída, costumava haver um porto onde a base trazia suprimentos para dentro e para fora da

cidade. Mas foi fechado há uma década ou mais, e tenho certeza de que está trancado. Não sei o que você acha que encontraria lá.

Ela balançou levemente a cabeça e lançou a ele seu sorriso mais brilhante. —Oh nada. Eu vim aqui anos atrás quando era criança com meus pais, e eu tinha uma memória de alguns dos lugares que eles me levaram, mas eu não tinha certeza se os lembrava ou os imaginava. Você já foi lá?

O jovem lançou a ela o mesmo olhar perplexo. —Por que você simplesmente não pergunta aos seus pais?

—Eles morreram há alguns anos.

—Eu sinto muito. Seria um lugar estranho para levar uma criança para passear, no entanto. Seu pai estava na Marinha?

—Ah não. Mas, ei, obrigada por sua ajuda. Eu realmente gostei disso.

Ele assentiu. —Certo.

Ela se virou e pegou Cameron pelo braço, empurrando-o para longe. —Vamos voltar para o carro.

Ele tinha a mesma expressão confusa do fuzileiro naval. —O que está acontecendo?

—Por favor, vamos embora.

Ela subiu no banco do passageiro e colocou a cabeça entre as mãos. Agora, o que diabos ela deve fazer? Ela ia à polícia e diria a eles que achava que este poderia ser o lugar, sem realmente verificar por si mesma? E se ela estivesse errada e tudo que conseguisse fazer fosse parecer a mentirosa que eles pareciam pensar que ela era? Ou alguém procurando atenção e perdendo o tempo da polícia? Algo ainda pior ocorreu a ela. E se houvesse meninas dentro de um desses contêineres agora? E se ela esperasse e essas garotas ou mesmo uma daquelas garotas, fossem despachadas ou levadas de avião para fora do país poucas horas antes que a polícia pudesse resgatá-las? Ou talvez Mãos

de Cigarro tivesse contatos no departamento de polícia que ele estava pagando, e eles ouviriam sobre ela relatando a localização e fugissem antes que os policiais legítimos pudessem chegar lá.

—Maldição! — Ela praguejou, batendo os dois punhos contra o painel. Com horror, ela percebeu que as lágrimas estavam perigosamente próximas, mas não eram lágrimas de tristeza. Elas eram de raiva e frustração.

Cameron estendeu a mão e agarrou seu pulso. —Ei, pare com isso. Você tem que falar comigo. O que diabos está acontecendo?

—Eu não queria envolver você.

—Mas eu estou envolvido, não estou? — Ele disse. —Eu me envolvi quando cheguei e bati na porta do seu apartamento na outra noite e depois chamei a polícia sobre você.

Era verdade. Ela não pediu a ele para fazer isso.

—Acho que os traficantes que me levaram podem estar trabalhando no porto abandonado de que a Marinha falava, — admitiu ela, por fim. —Ele se encaixa em todas as coisas que eu conseguia lembrar sobre o lugar, incluindo o fato de que fui colocada em um avião particular não muito longe de onde eles me mantinham.

Seus olhos se arregalaram. —Precisamos relatar isso.

—Sim, você está certo, mas e se eu estiver errada? Eu poderia estar olhando na direção totalmente errada, pelo que sei. A polícia já pensa que sou uma mentirosa perdedora de tempo.

—Tenho certeza de que eles não pensam assim.

Ela ergueu as sobrancelhas para ele.

—Certo, certo, mas novamente, eu fiz minha parte. Que tal dirigirmos até o porto e dar uma olhada? Manteremos distância e não faremos nada estúpido.

Ela assentiu, embora estivesse tentando controlar os nervos. —

Tudo bem.

O que ela faria se visse Mãos de Cigarro, o homem que a tirou de seu local de trabalho e a manteve trancada em uma caixa, forçada a mijar onde ela estava sentada? Seu ódio por ele era profundo. Se ela o avistasse, não tinha certeza se seria capaz de se conter. A arma em sua bolsa parecia pulsar como um farol. Se ela o visse passeando, sabendo o que ele tinha feito com ela, e pior com várias mulheres antes dela, ela não sabia se seria capaz de se impedir de atirar nele naquele momento.

Cameron pôs o carro em movimento e eles seguiram a estrada para fora da cidade.

—Ali, — disse ela, apontando para o desvio.

Ele o pegou e eles seguiram uma trilha estreita para longe da cidade principal e da estrada. Vários dos mesmos edifícios estruturados regimentados foram abandonados, outra cerca de arame e um portão alto bloqueando a área, mas Lily olhou para além do portão e seu coração parou. À distância, além da cerca, havia vários contêineres antigos.

—Pare o carro, — disse ela.

Cameron fez o que ela pediu, abriu a porta e saiu. Pelo que ela poderia dizer, não havia ninguém por perto.

Além da cerca de arame, uma rampa conduzia da área de concreto até o oceano, que batia contra as paredes do porto abandonado.

A vertigem de repente tomou conta dela, e ela sentiu o chão se mover abaixo dela. O cheiro e os sons do lugar a faziam sentir como se tivesse voltado no tempo, a memória a varrendo de volta, então ela experimentou o trauma novamente. Apesar do calor do dia, um suor frio surgiu em sua pele, e o frio penetrou direto em seu coração.

Poderia haver mulheres dentro de uma dessas coisas, espancadas e estupradas, e apavoradas com o que seu futuro reservava? Ela sabia que não podia ir embora sem verificar primeiro.

Alcançando de volta no carro, ela puxou sua bolsa e removeu a arma.

—Você precisa sair daqui, — disse ela a Cameron. —Dirija de volta para a estrada principal e espere por mim lá.

—Sem chance. Estou chamando a polícia.

—Sem policiais, — disse ela. —Estou planejando matar o filho da puta que me levou. Se eu não voltar, você pode chamar a polícia.

Seus olhos se arregalaram em alarme. —O que aconteceu com ficar para trás e não fazer nada estúpido?

—Desculpe, mas eu tenho que fazer isso. Por favor, pegue o carro e vá.

Ele balançou sua cabeça. —Eu não vou te deixar, Lily!

Ela não tinha tempo ou energia emocional para se preocupar com qualquer responsabilidade equivocada que ele sentia por ela. Ela não era problema dele, nunca tinha sido. Tinha sido errado envolver ele tanto em tudo isso quanto ela.

—Tudo bem, então, fique, mas não diga que eu não avisei você para não se envolver.

Com a arma em punho, Lily correu em direção ao portão.



Treze



Embora todos os seus instintos lhe dissessem para se mover em silêncio, ela tinha certeza de que Mãos de Cigarro teria ouvido o carro parar se ele estivesse aqui. Ela alcançou o portão e deu uma sacudida rápida para ver se ele abria, o barulho do metal horivelmente alto no silêncio. Uma grande corrente e um cadeado mantinham o portão fechado, mas ela sabia que devia haver uma maneira de entrar.

Ela correu ao redor do perímetro, mantendo os olhos abertos. Cameron a seguiu de perto. Mãos de Cigarro deve ter uma chave para o cadeado, ou ele não conseguiria colocar o carro dentro e fora do local, mas isso não significava que não havia outra maneira de entrar. Esses tipos de lugares eram frequentemente procurados por crianças menores de idade querendo um lugar para beber ou fumar em paz, e muitas vezes os sem-teto encontravam lugares como este onde poderiam passar o tempo sem serem incomodados pela polícia. Ela suspeitava que Mãos de Cigarro teria assustado alguém assim, mas isso não significava que eles não tivessem encontrado uma maneira de entrar.

—Lá, — disse ela, percebendo uma parte da cerca que havia sido cortada. Tinha sido remendado, mas ela se abaixou e o abriu novamente, tomando cuidado para não se cortar com nenhum pedaço afiado. Ela ficou de joelhos e rastejou pela abertura, a arma ainda segura em uma das mãos. Cameron a seguiu.

Ela contou os grandes contêineres de metal. Havia pelo menos vinte em duas filas separadas.

—Você começa por aí, — disse ela a Cameron. —Eu irei para o

outro lado. Não acho que os traficantes estejam por perto, mas chame baixinho para ver se alguém está lá dentro.

—Dentro dos contêineres? — Ele perguntou em uma espécie de horror incrédulo.

Ela acenou com a cabeça. —Sim, foi onde eles mantiveram a mim e a várias outras mulheres. Não sei se ainda estão usando este local para traficar mulheres, mas não vou sair daqui até saber que não há ninguém dentro de uma dessas coisas.

—Jesus Cristo.

—Você ainda pode ir embora, — ela disse a ele.

Ele balançou sua cabeça. —Não. Estou com você nisso.

—Se lembre de que as mulheres ficarão assustadas, possivelmente com muito medo até de falar, então preste atenção em qualquer outra coisa, até mesmo coloque as mãos nas laterais e veja se fica mais quente em alguns lugares, ou... — ela odiava dizer isso, —... se algum deles cheirar mal.

Ele deu um aceno rápido. —Entendi.

Eles se separaram, Lily correndo para uma ponta enquanto Cameron pegou a outra.

Ela se moveu entre os lados altos dos contêineres, parando para colocar a mão contra o metal quente, tentando ter algum sentido se havia pessoas dentro.

—Olá? — Ela chamou baixinho, batendo levemente na lateral com os nós dos dedos. —Tem alguém aí?

Ela fez uma pausa para ouvir com atenção, na esperança de ouvir o barulho de pés se mexendo ou o som abafado de um soluço, mas nenhum veio. As mulheres provavelmente não pediriam ajuda, mesmo se soubessem que alguém estava aqui. Elas teriam sido avisadas sobre o que aconteceria se tentassem obter ajuda. As mulheres presumiriam que era algum tipo de truque ou ficariam apavoradas e congeladas em

silêncio.

Lily não ia desistir quando ela estava tão perto.

Ela se moveu para o próximo contêiner e repetiu o processo. Ela podia ouvir Cameron do outro lado do porto, chamando pessoas que talvez nem estivessem lá.

—Olá, — ela chamou novamente. —Estou aqui para te ajudar. Não tem ninguém aí?

Ainda nada, e ela saiu do meio deles para ir para a próxima fileira. Ela deslizou entre os lados e percebeu que a posição em que estava permitia que ela visse diretamente entre dois dos prédios abandonados além da cerca de arame.

Lily congelou, seus olhos se arregalando.

O Lexus preto que ela pensava que a estava seguindo estava estacionado no espaço entre os dois edifícios. Ela tinha certeza de que era o mesmo. Sua frequência cardíaca disparou. Quando ela se virou para gritar um aviso para Cameron, alguém entrou em sua visão periférica. Ela se virou, a arma apontada, planejando atirar em quem quer que fosse, mas ele foi rápido demais. Uma mão segurou sua boca e algo atingiu seu antebraço, enviando dor em seu braço. Involuntariamente, seus dedos se abriram e a arma atingiu o concreto.

Ela ouviu um grito masculino à distância.

Cameron!

A mão se moveu e ela abriu a boca para gritar com ele novamente, mas uma bola de trapos foi empurrada contra sua língua, engasgando ela.

Algo, um saco ou capuz, foi colocado sobre sua cabeça, bloqueando sua visão, e seus braços foram puxados para trás. Os círculos de metal frio das algemas presos em seus pulsos.

Uma voz masculina que ela não reconheceu falou. —Você vem comigo.

Ela deu um gemido de terror.

Não, não, não. Isso não poderia estar acontecendo de novo, simplesmente não poderia! Ela nunca sobreviveria à mesma coisa duas vezes. O fato de ela ter mantido sua sanidade na primeira vez foi nada menos que um milagre. A ideia de Mãos de Cigarro tocando ela de novo a fez querer murchar e morrer. Ela não tinha a proteção do Monster desta vez. Ele e seu amigo podiam fazer o que quisesse com ela. Lily percebeu seu erro. Ela deveria ter dado a arma para Cameron. Ela o deixou sem proteção, e ela estava muito fraca fisicamente para fazer qualquer coisa para se proteger. O arrependimento a encheu. Ela tinha feito tudo errado, e agora Cameron provavelmente acabaria morto, e ela terminaria na vida que ela apenas evitou da primeira vez.

Ela foi arrastada para trás, entre os contêineres de transporte. Assim que ela sentiu a rajada de vento do oceano, e ela sabia que tinha sido puxada para fora, ela ouviu o barulho abafado de uma mão batendo contra o metal, e o grito assustado de uma mulher.

Lily deixou escapar seu próprio soluço. Ela estava certa.

As mulheres estavam aqui.



Quatorze



O homem a arrastou pelo porto abandonado.

Lily chutou e se contorceu em seu aperto, e gritou contra o pano que bloqueava sua boca. O pânico absoluto a dominou, mas ela estava indefesa sob o domínio do homem.

Seu sequestrador fez uma pausa e soltou um de seus braços. Ela queria se atirar para longe e correr, mas não iria a lugar nenhum com o rosto coberto e as mãos algemadas. Ela ouviu o barulho da porta de um carro se abrindo, e então ele a empurrou por trás, empurrando ela para o que ela presumiu ser um banco. Ele agarrou as pernas dela e ela chutou novamente. Ele deu um grunhido de dor, e ela teve alguma satisfação por ter machucado ele, mesmo que um pouco. Os dedos dele envolveram seus tornozelos e ele a empurrou totalmente para o assento, e a porta se fechou atrás dela.

O ato de ser colocada em um carro a confundiu. Por que eles simplesmente não abriram a frente de um dos contêineres e a jogaram dentro com as outras mulheres que eles já mantinham lá? Para onde o homem a estava levando?

Seu sequestrador não era o Mãos de Cigarro ou o cara de doninha que ameaçou estuprar ela. Ela os reconheceria instantaneamente, ela sabia que iria. Este homem era novo para ela, e deve haver um segundo homem para Cameron ter sido atacado ao mesmo tempo em que ela foi sequestrada.

Ela ficou algemada de lado no banco de trás enquanto o carro ligava e se afastava do porto. Lágrimas silenciosas vazaram de seus olhos, umedecendo o saco de pano sobre sua cabeça. Cameron estava

morto? O fato de ela ter trazido um bom homem para tudo isso e conseguido que ele fosse assassinado a arreventou por dentro com dor. Ela deveria ter ficado longe dele desde o início. Ela era um veneno. Coisas ruins a seguiram. Não era de se admirar que ela e Monster tivessem sido uma combinação tão boa. Suas almas cantavam a mesma folha de hinos, apenas os hinos vinham de baixo da terra em vez de cima.

Ela se perguntou o que o Monster estava fazendo agora. Ele estava levando sua vida em sua enorme casa dentro de seu terreno murado? Ela o odiava por isso. Ele deveria ter previsto que ela não voltaria para sua pequena vida tranquila. Ele pode ter dito a ela que a amava, mas ao rejeitá-la, ele assegurou seu destino como uma mulher vendida.

O carro se moveu suavemente e quase silenciosamente. Era um modelo caro, ao contrário do porta-malas do veículo em que ela foi transportada originalmente semanas atrás. Para onde a estavam levando? Eles já tinham um comprador alinhado? Foi por isso que não a colocaram em um dos contêineres de transporte? Tantas perguntas passaram por sua mente, mas ela não conseguia responder a nenhuma delas. Tudo o que ela podia fazer era esperar que eles a mantivessem viva por tempo suficiente para ela descobrir algumas das respostas.

Algumas horas se passaram com ela deitada no banco de trás do carro. O pano enfiado entre seus lábios grudado em sua língua e no céu da boca. Sua mandíbula doía por ter sido forçada a ficar na mesma posição por tanto tempo, como uma viagem de pesadelo ao dentista. Mesmo que ela não estivesse amordaçada, não haveria razão para chorar ou gritar. Ninguém iria ouvir ela. Depois de um tempo, o volume do tráfego ao redor dela aumentou. Ela tinha sido trazida de volta para a cidade? O que eles queriam com ela lá?

Finalmente, o carro parou e o motor desligou.

Lily congelou, todos os músculos tensos. Sua respiração era superficial e rápida pelas narinas, e ela tentou respirar mais calmamente para poder ouvir os movimentos do homem que a havia

levado. Ele simplesmente a deixaria aqui?

Mas então a porta ao lado de sua cabeça se abriu, fazendo ela pular, e mãos a agarraram pelos braços. As mãos a arrastaram para fora do assento e instintivamente ela lutou e chutou com os pés, mas não adiantou. Ela foi puxada para fora do carro e colocada no chão. A temperatura estava quente, mas ela não sentiu o sol queimando sobre ela, então ela percebeu que estava sob algum tipo de abrigo. Ela ainda não tinha ido embora por tempo suficiente para que a noite caísse, embora já devesse ser o fim da tarde. Ao seu redor se erguiam os sons da cidade, carros, sirenes, música rap distante. Era o zumbido de fundo que ela ouvira quase todos os dias de sua vida quando acordou.

Ela estava de volta a Los Angeles.

O homem a colocou de pé e, para sua surpresa, tirou o saco de sua cabeça. Lily piscou na luz do sol repentinamente brilhante, seus olhos lacrimejando. Mas ela foi capaz de ver o suficiente para notar o homem enfiando o saco no bolso de trás da calça. Ele usava um terno, e parecia caro. Quem quer que fosse esse cara, certamente estava alguns degraus acima na escada do tráfico de pessoas do que Mãos de Cigarro. Ele estendeu a mão para ela e ela recuou, mas o dedo dele enganchou no pano em sua boca e o puxou para fora. Ela deu um silvo de dor quando parecia que ele tinha acabado de remover a camada interna de sua boca, mas pelo menos agora ela era capaz de mover a mandíbula.

Com um gemido de dor e alívio, ela mexeu o queixo, tentando relaxar os músculos enquanto esperava que sua mandíbula não travasse. Ela deu uma olhada no homem. Ele tinha a aparência de um porteiro, em seus vinte e tantos anos, ela imaginou, com um rosto duro e músculos mal disfarçados sob o terno caro. Ele não deu a ela tempo para processá-lo mais.

Se movendo atrás dela, ele a agarrou pelos pulsos, cavando o metal das algemas em sua pele. Ela desviou a atenção dele e rapidamente olhou ao redor. Eles estavam na parte de trás de um prédio alto, um hotel, ela percebeu.

—Eu tenho uma arma, — disse ele, falando baixo em seu ouvido. —Se passarmos por alguém e você fizer ou dizer qualquer coisa que possa nos fazer se notados, vou atirar em quem quer que esteja pedindo ajuda, e então você vai vê-lo morrer. Você entende?

Ela assentiu freneticamente. A última coisa que ela queria era que mais alguém morresse.

—Quem é você? — Ela se atreveu a perguntar. —O que você quer?

—Você vai descobrir isso em breve. Agora ande bem e lembre-se do que eu disse.

Ele a empurrou em direção à entrada dos fundos e empurrou um conjunto de portas para uma escada. Eles se moviam como um só, subindo cada degrau em um único movimento, até o próximo andar, e então além daquele e para o próximo.

Eles passaram por algumas pessoas descendo, mas ela não ousou fazer contato visual, as ameaças do homem ainda soando em seus ouvidos e o que parecia ser o cano de metal de uma arma pressionando suas costas. Os músculos de suas coxas começaram a queimar enquanto continuavam a subir, andar após andar. Sua respiração se tornou difícil e ela estava grata por não ter mais o pano na boca, ela teria desmaiado agora se tivesse. A respiração do homem soprou quente e pesada contra sua orelha, e ela se consolou por ele estar achando os degraus um trabalho árduo também.

Eles finalmente chegaram ao último andar, passando pela porta corta-fogo e saindo para o corredor. Este era um hotel de alta classe, com carpete exuberante, pinturas a óleo caras com molduras douradas penduradas nas paredes e tetos com cornija. Se eles estavam no último andar, eles deveriam estar indo para uma das suítes da cobertura.

Que diabos? Que tipo de traficante sexual trouxe as mulheres que sequestrou para uma suíte na cobertura de um hotel?

O homem a fez parar em frente a uma das portas de madeira

escura. O número 8001 foi embutido em ouro e preso na parede ao lado dele.

Ela a soltou com uma mão, enfiou a mão no bolso de trás e puxou o capuz.

Lily percebeu o que ele planejou e balançou a cabeça em desespero. —Oh, não, por favor. Não coloque isso de volta em mim. Eu vou ficar quieta, eu prometo!

Balançando a cabeça, ele colocou de volta no rosto dela e disse. — Desculpe, ordens do chefe.

Ela foi fechada de volta na escuridão.

Chefe? Qual chefe?

A porta se abriu com um clique e um empurrão contra suas costas a fez tropeçar para frente. Mãos a agarraram antes que ela pudesse cair, puxando ela para cima, mas depois de alguns passos ela foi puxada para baixo novamente, seu traseiro batendo na madeira dura do assento de uma cadeira. Antes que ela pudesse reagir, as algemas se abriram e se fecharam novamente. Ela puxou os braços e percebeu que tinha sido algemada aos suportes de madeira das costas da cadeira.

—Quem é você? — Ela chorou. —Que porra você quer comigo?

Apenas o silêncio encontrou suas perguntas.

Mas outra coisa chamou sua atenção e seu coração disparou. Ela não sabia se deveria acreditar, mas todos os sentidos estavam em alerta, suas narinas dilatadas e sua pele formigando.

Não, não pode ser. Certamente não?

Não podia ser ele.



Monster

(Dias atuais)



Monster olhou para ela sentada na cadeira, as mãos algemadas atrás das costas, a cabeça baixa e seu coração se partiu de saudade e arrependimento. Ele não queria nada mais do que se ajoelhar no chão na frente dela e colocar a cabeça em seu colo, e absorver o calor e o cheiro dela. Basta estar de volta à presença dela e se permitir amá-la novamente. Ele se obrigou a continuar como se ela nunca tivesse entrado em sua vida, mas a verdade é que seu coração doía a cada segundo que passava sem ela. Uma pequena parte dele queria ter certeza de que ela estava segura e então desistir de tudo. De que adiantava viver se ela não fazia parte da vida dele? Mas ele foi criado para dirigir o negócio de seu pai, com o coração frio e sem emoções, e isso era o que ele precisava fazer. Ele precisava encontrar uma maneira de voltar ao tempo antes de conhecer Lily, mesmo que ele quisesse mais do que qualquer coisa passar o resto de seus dias enrolado na cama com ela, se perdendo em sua pele macia.

Mas ele não podia fazer nada para mudar isso. Se ela estava em sua vida, ela estava em perigo. Se ela ficasse aqui, ela estaria em perigo. Se ela queria permanecer viva, ela precisava correr e esquecer que ele e Lily Drayton existiram.

Permanecendo em silêncio, ele acenou com a cabeça para o homem que havia contratado, Sean Hamilton, para fazer seu trabalho. Se as coisas corressem bem, o que raramente acontecia quando Lily estava envolvida, ela nunca precisaria saber que ele estava aqui.

O outro homem caminhou atrás da cadeira de Lily. Monster poderia dizer que ela o ouviu pela maneira como seu ombro enrijeceu e sua cabeça virou na direção de seus passos. Sean se abaixou para falar ameaçadoramente em seu ouvido. —Se você quer sobreviver, você precisa sair de Los Angeles.

Seu corpo inteiro congelou. Ela fez uma pausa e disse. —Sobreviver? O que você quer dizer?

—Você me ouviu. Você precisa sair de LA e nunca mais olhar para trás.

—Mal posso sair quando você me algemou a uma cadeira.

Embora abafado, seu tom era cortante e ela se sentou com as costas retas.

Uma parte do Monster murcha, enquanto a outra parte se sente orgulhosa dela. Mesmo com tudo que ela passou, o sequestro inicial, o cativeiro em que ele a manteve, ele a drogou para mandar ela de volta aqui, e agora sequestrada novamente, ela ainda estava lutando. Ela era forte. Não importava o que ele a fez passar, ela se recusou a quebrar.

Os olhos de Sean se voltaram para os dele. Monster deu um leve aceno de cabeça para dizer a ele para continuar.

—Se você concordar com os termos, — disse Sean, —você poderá se libertar.

Sua voz veio de debaixo do saco. —Que tipo de termos?

—Você precisa sair de Los Angeles e ficar o mais longe possível da cidade. Você receberá um novo nome, com toda a identificação de que precisa, um novo lugar para morar e dinheiro suficiente para você começar.

Ela ergueu o queixo e parecia estar olhando na direção dele, embora ele soubesse que ela não conseguia ver nada. —Era para isso que servia o dinheiro, Monster? Me mandar de volta para a América não era distância suficiente para você?

Ele estremeceu com a acusação dela. Ela de alguma forma sabia que ele estava lá ou estava arriscando um palpite? Não seria difícil para ela descobrir que ele estava na raiz do que estava acontecendo com ela. Afinal, quem mais estaria se oferecendo para criar uma nova identidade em uma cidade diferente? Ele hesitou, sem saber como reagir. Ele responde e admite que estava lá, ou fica em silêncio e fez Sean fingir que ela estava enganada?

Ela não deu a ele a chance de decidir. —Eu posso sentir o cheiro da sua loção pós-barba, Monster. Eu sei que você está aí. Depois de todas as vezes que estive na mesma sala que você quando estava com os olhos vendados, você acha que eu não o reconheceria novamente no momento em que estivesse na mesma situação? — Ela deu uma pequena risada. —Além disso, quem mais faria isso? Você não pode esperar que eu pense por um único momento que os traficantes começam a criar novas identidades para as mulheres que eles levam? Certamente não assim, de qualquer maneira.

—Flor...— ele disse suavemente.

Para seu horror, ela soltou um soluço. Embaixo do saco, ela balançou a cabeça. —Você não pode me chamar assim, não mais. Você me deixou ir. Você me mandou embora, contra minha vontade. E agora você faz *isso*!

—Eu também te mandei embora contra a minha vontade, — disse ele. —Eu nunca quis deixar você ir, mas tive que deixar.

—Isso é besteira. Você fez o que queria, como sempre faz, e agora faz isso comigo? O que diabos há de errado com você?

—Eu sinto muito. Essa nunca foi minha intenção.

—Então do que se trata? Tire o saco, Monster.

—Não.

—O que? — Ela se balançou na cadeira, batendo os pés no chão. —Tire a porra do saco.

—Eu não posso. Nada mudou. Ainda preciso que você concorde com os termos antes de poder libertá-la.

—Os termos?

—Sim, para sair da cidade, mudar seu nome e nunca mais voltar.

—Então, apenas me mandar para longe de Cuba não foi suficiente. Você quer fazer parecer que eu nunca existi.

—Sim, — ele disse, embora as palavras machucassem dizer. —Isso é exatamente o que eu preciso que aconteça.

—Que tal o que eu preciso? O que *eu* quero? Isso não conta para nada?

—O que você precisa e quer não significará nada se o homem que quer você, te levar.

Ela congelou.

Ele gostaria de poder ver seu rosto, olhar em seus olhos, mesmo que fosse para que ela pudesse atirar adagas nele como se o odiasse. De alguma forma, ele se sentiu ainda mais covarde por não olhar para o rosto dela. Mas se ele desse a ela o que ela queria, se ele a fizesse pensar que ele cederia por uma fração, então ela pensaria que ele cederia completamente. Ele não poderia fazer isso. Ele precisava forçar ela a sair, mesmo que isso a machucasse. Mesmo que isso doesse a ambos.

—O que você fez com Cameron? — Ela perguntou de repente, conduzindo sua linha de pensamento em outra direção.

—Quem é Cameron? — Ele manteve o tom frio, embora soubesse exatamente quem era Cameron.

—O homem com quem eu estava.

—Por quê você se importa?

—Porque ele é um amigo. Ele estava me ajudando, ao contrário de você.

—Só um amigo, Flor? Ouvi dizer que ele era mais.

—Isso deixou de ser da sua conta no momento em que você me drogou e me carregou de volta para a América como um pedaço de gado. Onde ele está? Você o matou?

—Não, eu não.

—Então você mandou outra pessoa fazer isso?

—Isso não é da sua conta.

—Vai se foder, Monster!

Sua voz pode ter sido abafada, seu rosto coberto, mas ele sentiu cada sílaba de raiva em suas palavras como se ela o tivesse golpeado com elas. Ele desejava remover a cobertura de seu rosto. Ele silenciaria suas palavras pressionando seus lábios nos dela e forçando sua língua dentro de sua boca, enquanto sua mão se enroscava em seu cabelo para manter ela quieta, mas ele se virou, lutando contra o desejo.

—Por favor, Flor, faça o que eu peço e tudo isso vai acabar.

—Você está me pedindo para desistir de tudo, minha casa, meu trabalho, meu nome e com base em quê? Porque você disse isso?

—Não há outras opções.

Ela se endireitou. —Sim, existem. Sempre há opções. Essa é a coisa sobre ser humano. Deus nos deu livre arbítrio, lembra? Temos que fazer escolhas.

Ele deu uma risada curta. —Para acreditar nisso, eu precisaria acreditar em Deus.

—Ou talvez apenas acreditar em sua própria humanidade fosse o suficiente.

Humanidade. Como ele poderia acreditar em uma espécie que parecia ter a intenção apenas de ferir e matar um ao outro? Durante toda a sua vida, ele não conheceu nada além da dor. Mesmo seu amor

por ela não poderia curar as feridas que estavam infeccionando desde que ele era uma criança. Não iria parar. Este mundo continuaria machucando ele, e a pior coisa possível que ele poderia imaginar seria Lily morta e ele forçado a viver em um mundo no qual ela não estava mais.



Quinze



Ela não podia acreditar que Monster era o responsável por sequestrá-la novamente.

Uma grande parte dela ficou aliviada. Pelo menos ela não estava prestes a ser vendida a algum sheik árabe milionário, embora ela não pudesse imaginar o que um sheik árabe iria querer com uma mulher como ela. Outra parte dela, a parte infantil e estúpida que ainda estava apaixonada por ele, estava feliz e emocionada por ele ter vindo para a América por ela. Fazer isso deve ter sido um grande passo para ele. Afinal, havia se passado apenas algumas semanas desde que ele deixou sua propriedade pela primeira vez na vida. Pegar um avião e viajar para outro país deve significar que ele se importava com o que estava fazendo, por mais ferrado que fosse.

Mas a parte final dela estava realmente com raiva pra caralho.

—Tudo bem, — ela disse, —então digamos que você não acredita que podemos fazer nossas próprias escolhas, e temos que fazer o que nos foi dito. O que exatamente você está planejando fazer? Você vai me manter amarrada em uma suíte de hotel até que eu concorde com o que você quer?

—Esse é basicamente o meu plano agora, — ele disse, seu tom frio.

Ela gostaria de poder vê-lo. Ele parecia diferente de alguns dias atrás? Parecia muito mais, um mês, pelo menos, uma vida inteira, na verdade. Sua marca de nascença tinha desaparecido? Ele estava aplicando os cremes de que precisava? Ela sabia que não deveria se importar, mas não podia simplesmente desligar e não gostar dele.

Mas se ele desligou suas emoções, por que está aqui?

Se ele não se importava mais com ela, por que faria todo esse esforço para tentar fazer ela desaparecer? Se ele não sentisse nada, certamente deixaria quem quer que a quisesse levar ela. Por que ele teria todo esse trabalho?

—Por favor, Monster, — ela disse, entre dentes cerrados, tentando reprimir sua fúria. —Basta tirar esse maldito saco da minha cabeça para que possamos conversar como dois adultos razoáveis.

Ele riu, e o som fez coisas estranhas em seu interior. Como ela poderia amar e odiar o mesmo som? —Oh, Flor. Desde quando sou razoável?

Ele tinha razão.

—Então você me mantém aqui, e o quê? Me priva da luz, da comida, da dignidade de usar o banheiro?

—Eu nunca fiz isso com você, — ele disse, rapidamente.

—Talvez não diretamente, mas foi por sua causa que passei por essa humilhação.

Quando ele falou novamente, foi medido. —Há certas coisas de que me arrependo sobre como trouxe você a Cuba, mas não conhecia outra forma.

—A ignorância não é uma desculpa, — ela cuspiu.

Ela o ouviu exalar um longo suspiro, e sentiu seu movimento e ouviu seus passos enquanto ele caminhava lentamente na frente dela. Ela se perguntou se o outro homem ainda estava na sala, ou se ele já tinha saído para dar a eles um pouco de privacidade. Se ele tivesse, ela não tinha ouvido seu movimento, mas então ela presumiu que o treino... do quê, sequestros?... seria praticado furtivamente.

Ele finalmente falou, e sua voz a fez pular.

—Eu quero saber sobre o homem com quem você esteve.

Seu estômago se enrolou com uma culpa nauseante. —Ele é um amigo, só isso, ou pelo menos era.

—Então, por que você o estava beijando?

Ela começou a ignorar. —Eu não estava! Ele me beijou, mas não foi a mesma coisa. —Ela pensou em algo. —Então você estava me observando, mesmo então?

—Não eu, mas os homens que contratei, sim. Você não acha que eu simplesmente deixaria você sem supervisão na cidade?

—Eu não sou uma criança, — ela soltou. —Eu não preciso de supervisão!

—Mas voltando a este homem, — ele continuou ignorando seu comentário. —Só fui informado do que aconteceu fora do apartamento. E lá dentro? —Ela o sentiu se aproximando, o cheiro de sua loção pós-barba aumentando, seus passos cada vez mais próximos, o ar entre eles carregado. —Ele tocou em você, Flor? —Ele perguntou. —Você deixou? Você gostou? —Embora sua voz fosse moderada, ela podia ouvir a raiva mal disfarçada por trás dela. Suas próprias emoções aumentaram como uma víbora enrolada para atacar. Como ele se atreve a ficar com raiva? Depois de tudo que ele a fez passar, ele não tinha o direito.

—E se ele fez? Você perdeu qualquer direito para mim no momento em que decidiu me mandar de volta aqui. Talvez eu goste de ter um bom homem me tocando, pelo menos uma vez?

—Não, eu não acredito em você. Mesmo que você não admita para si mesma, você gosta da escuridão que eu trago. Todo mundo deixou você gelada. Algo dentro de mim fala com você, da mesma forma que você se conecta comigo. Talvez possamos equilibrar um ao outro, minha escuridão à sua luz.

Ela balançou a cabeça sob o capuz. —Eu não tenho luz. Não o tenho desde que cheguei à idade adulta.

Sua voz se suavizou. —Eu não acredito nisso. Você me ajudou.

Você me trouxe de volta à vida.

Lily conteve um soluço sufocado. —E você me retribui fazendo isso comigo.

As pontas dos dedos dele fizeram contato com a pele de sua garganta e ela se afastou. O que ele iria fazer com ela? Seu toque desceu levemente por seu pescoço e em sua clavícula, antes de descer mais, em direção à protuberância de seu seio. Sua respiração ficou presa, cada músculo de seu corpo se contraindo. Seu toque deixou um rastro de arrepios em sua carne, acendendo aquele fogo dentro dela de uma forma que ninguém mais parecia capaz de fazer. Era porque tudo isso era um tabu? No fundo, ela tinha uma torção, ou um fetiche, que ela nunca tinha percebido, e agora Monster abriu seu corpo para essa forma de pensar? Ou isso foi mais profundo, e ela reagiu a ele simplesmente porque amava o homem, por mais fodido e cruel e sem coração que ele pudesse ser e seu corpo respondeu a ele porque seu coração já era dele?

A mão dele se moveu mais para baixo, contornando seu mamilo, fazendo a aréola enrugar, e ela respirou fundo. Ele fez uma pausa, as pontas dos dedos fechando em torno do botão endurecido, e ele deu um aperto lento e firme que enviou faíscas correndo por sua barriga para se acumular entre as coxas.

—Saia de perto de mim, Monster, — ela disse, mas sua voz estava ofegante.

—Seu amigo tocou em você assim? — Ele rosnou. —Ele tocou seus seios e fez você suspirar?

Suas mãos deslizaram em seu peito para aplicar a mesma atenção a seu outro mamilo.

—Eu te disse, — ela disse, sua respiração ofegante. —Ele não me tocou.

O beliscão em seu mamilo apertou, e ela engasgou. —Não minta para mim, Flor. Meu cara o viu com as mãos em cima de você.

—Ele viu errado. Cameron me beijou e eu tentei retribuir o beijo, mas não consegui responder a ele.

—Na maneira como você responde a mim, você quer dizer?

Ela sentiu a outra mão deslizar ao longo do cóis da calça jeans e se demorar em seu botão e zíper. O homem que a tinha levado ainda estava aqui, assistindo Monster tocá-la? Por que esse pensamento enviou uma pequena emoção doentia por seu corpo? A faísca acendeu uma queimadura, um desejo que dominou e afastou todo pensamento sensato. Ela desejava mais do que qualquer coisa não o querer do jeito que ela queria, mas ela não podia se conter.

—Monster, por favor... — ela conseguiu dizer, mas nem mesmo ela sabia como planejava terminar a frase. O que ela estava tentando pedir a ele? Por favor, pare ou por favor *não* pare?

Seus dedos deslizaram sob o cóis de sua calça jeans, contornando a largura macia de seu estômago. Com um movimento, ele abriu o botão e puxou o zíper para baixo. Ela o sentiu se ajoelhar a seus pés, sua mão finalmente deixando seu seio, e ela sentiu falta do contato com uma necessidade física.

Sua calcinha já estava molhada com sua excitação, seus lábios inchados e formigando com o fluxo de sangue para aquela área.

Monster tirou os tênis dela, e então suas mãos encontraram os quadris dela. Enquanto ela sabia que deveria estar resistindo a ele, seu corpo tinha outras ideias, e ela ergueu o traseiro, permitindo que ele arrastasse seu jeans e calcinha por suas pernas, até que seus membros estivessem livres do material.

Com os olhos vendados, ela não sabia como o homem, ou possivelmente os homens, estava reagindo à sua nudez parcial. Seu funcionário também estava assistindo? Onde Monster estava olhando? Seus olhos estavam focados em sua boceta agora exposta?

—Abra suas pernas para mim, Flor, — Monster rosnou.

Ela ousava? Ela deveria estar se concentrando em coisas muito

mais importantes do que seus comandos, mas ela precisava dele. Ela sentiu sua falta com uma dor que parecia como se alguém tivesse cavado suas entranhas, e a pressão latejante em seu núcleo implorava por uma liberação. Se isso a tornava fraca e carente, então era exatamente o que ela era.

Ela afastou os pés e se expôs a ele.

Seu cabelo macio roçou contra a parte interna de suas coxas, e sua respiração soprou contra sua pele mais íntima. Então sua língua estava contra sua carne, se enterrando em seu núcleo quente e úmido.

Lily gemeu e se contorceu na cadeira, levantando os quadris para encontrar sua boca. Embora ela não pudesse tocar ele como queria, entrelaçar os dedos em seus cabelos ou ver a expressão em seus olhos quando ele olhou para ela, seu rosto enterrado entre suas coxas, a remoção desses sentidos apenas aumentava a sensação de sua língua contra sua fenda.

Ele a lambeu desde sua base, até o clitóris. Sua língua sacudiu sobre o pequeno feixe de nervos, arrastando um ruído gutural de sua garganta. Seus dedos pressionaram em sua entrada e então empurraram para dentro, e ela resistiu, seus gemidos ficando mais altos. Seus dedos se curvaram para dentro, encontrando a almofada macia e carnuda em sua parede interna, aumentando sua excitação a um nível alucinante. Ela lutou em suas amarras, querendo desesperadamente se libertar e deixar ir completamente, esquecer toda a miséria e medo que ela sofreu e se perder no prazer que corria por seu corpo.

Ela ainda não conseguia vê-lo, nem sabia se o outro homem estava olhando, ou se Monster tinha silenciosamente pedido para ele sair, mas naquele momento ela não se importava com quem estava olhando. Tudo o que ela queria era encontrar sua liberação e se banhar nas ondas de prazer depois.

Ele de repente se afastou dela, deixando ela se contorcendo na cadeira, tão perto daquele precipício de prazer onde ela simplesmente

despencaria. Mas nada além de ar a tocou intimamente. Ela sentiu Monster se afastar dela.

—Eu senti falta do seu sabor, — ele disse, sua voz tão sedutora quanto chocolate.

Ela deu um grito de frustração. —Maldição Monster!

—E se eu apenas torturar você assim? — Ele disse. —Eu poderia te levar à beira de um orgasmo uma e outra vez, e nunca te deixar ter o lançamento final.

—Por que? Só para você me torturar? Você gosta de me ver sofrer?

—Não, eu gosto de ver você gozar, mas preciso que você faça o que eu peço, e se esta é uma maneira de fazer isso acontecer, então que seja.

Mesmo que ele não pudesse vê-la, ela arqueou as sobrancelhas sob o saco. —Você realmente acha que vou desistir de toda a minha vida apenas por um orgasmo? Você é insano.

—Eu não quero que você desista de sua vida. Sou eu que estou tentando te manter viva! — Ela o ouviu se aproximar novamente, e ela fechou as coxas, os sentimentos que estavam percorrendo seu corpo apenas alguns momentos antes, agora fazendo ela se sentir usada e suja. Como ele tinha esse poder sobre ela?

—De qualquer forma, — ele continuou, sua voz baixa e sedutora, —você pode não pensar que desistiria de sua vida por esse tipo de libertação agora, mas dê alguns dias e você estará me implorando para terminar.

—Pelo menos tire o saco, por favor, Monster. Eu preciso ver você. Você não tem que me desamarrear, mas me dê uma coisa.

Ela o sentiu hesitar e seu coração deu um salto. Ele estava pensando sobre isso, pelo menos. Talvez ele estivesse preocupado que, se fosse capaz de olhar em seus olhos, ele lhe daria uma maneira de

deixá-la mudar de ideia. Mas talvez ele também quisesse ver o rosto dela tanto quanto ela queria ver o dele.

Ele se inclinou mais perto e os dedos levantaram a borda do capuz. Lily sentiu um sopro de sua própria excitação almiscarada na mão dele. Ela se sentou, imóvel, não querendo fazer ou dizer nada que pudesse mudar sua mente.

—Eu não acho que isso seja uma boa ideia, — ele disse, sua voz suave.

—Desde quando alguma coisa que fizemos é uma boa ideia?
— Ela respondeu.

E ele tirou o saco.



Dezesseis



Ele removeu o saco, e ela piscou na luz repentina e não natural. A noite havia caído do lado de fora da janela do hotel, e ela se sentou sob os holofotes embutidos no teto.

Imediatamente, seus olhos foram atraídos para o homem parado diante dela.

Ela se sentiu como se o estivesse vendo novamente pela primeira vez, o impacto de sua beleza a atingindo como um golpe no coração. Seu cabelo escuro ondulado estava penteado para trás, destacando as maçãs do rosto. Seus lábios carnudos se separaram ligeiramente enquanto ele a considerava, e seu olhar varreu o lado de seu rosto com a marca de nascença. Embora ela ainda pudesse ver a área onde estava a marca de nascença, a profundidade da cor não era nada como quando ela o viu pela primeira vez. Antes era um roxo-escuro. Agora estava bastante desbotado, as bordas na cor rosa, embora algumas manchas mais escuras ainda permanecessem. Mesmo que não fosse perfeito, a diferença era marcante.

O orgulho cresceu dentro dela. Ela tinha feito isso. Ela fez uma diferença para ele. Ele disse que ela o trouxe de volta à vida, mas ela o fez fisicamente e emocionalmente. Ela removeu a coisa que o fez cativo por toda a sua vida. O que quer que Monster tenha dito, o que quer que ele tenha tentado assustá-la ou ameaçá-la, suas almas estavam unidas agora, e nada que ele pudesse fazer ou dizer mudaria isso.

Ela olhou para ele, e ele olhou de volta, sem vacilar.

Seu amor por ele a enchia tão completamente que ela sentiu que iria implodir com isso.

Oprimida por sua vulnerabilidade, Lily deu um soluço. Ela queria se jogar em seus braços e enterrar o rosto em seu pescoço. Ela queria que ele a abraçasse, acariciasse seu cabelo e dissesse que tudo isso fora um erro terrível. Ela queria que ele dissesse que a amava mais do que tudo no mundo e que a levaria para casa em Cuba.

Mas é claro que nenhuma dessas coisas aconteceu. Ela estava algemada a uma cadeira e, embora estivessem a apenas alguns passos de distância, havia um abismo entre eles, grande e profundo o suficiente para que ela caísse e nunca mais fosse vista.

Ela não percebeu o quanto ela sentiu falta de vê-lo. Seus lindos olhos castanhos chocolate não estavam cheios de arrependimento, ódio ou rancor. Em vez disso, eles foram preenchidos com o profundo desejo e tristeza que ela tinha certeza que estavam refletidos nos seus. Ele não queria fazer isso. Ele não queria manda ela embora, ou fazê-la começar uma nova vida, mas por algum motivo ele sentiu que precisava.

—Não sei de quem você está tentando me proteger, — disse ela, baixinho, —mas prefiro ter mais alguns dias com você do que uma vida inteira de solidão.

Ele balançou a cabeça e se afastou. —Não diga essas coisas.

—Por que não? Eu posso dizer isso se eu quiser.

—Porque isso não pode acontecer. O que você está pedindo é impossível.

Seu estômago afundou.

Como ele poderia querer continuar sem ela? Uma vida sem ele parecia vazia e sem sentido, algo a ser suportado em vez de desfrutado.

Ela ainda estava molhada onde estava sentada, seu traseiro

escorregadio contra a cadeira pela mistura de sua excitação e saliva. O cheiro almiscarado, combinado com seu estado seminua, a envergonhou, e ela desviou o olhar dele, tentando se distrair.

Lily parou um momento para observar os arredores. A suíte era enorme. Ela estava atordoada com a profundidade da sala de onde ela estava sentada até a porta da frente. Um bar com espelho e bancos foi posicionado no canto. Em frente ao bar havia uma grande mesa de jantar de madeira escura, com capacidade para oito pessoas. No chão, havia um tapete com motivos florais, cujo desenho foi transportado para as grandes obras de arte nas paredes e para o sofá em forma de L. A suíte era deslumbrante e deve ter custado uma fortuna, não que dinheiro parecesse ser um problema quando Monster estava por perto.

—Você está esperando convidados? — Ela perguntou, mudando de posição na cadeira e girando os ombros para tentar trabalhar um pouco da rigidez e torções residindo em seus músculos.

—Por que você pergunta?

—Porque este lugar é enorme.

Ele encolheu os ombros. —Pedi ao meu funcionário que reservasse o melhor quarto, então foi exatamente o que ele fez.

—Eu vejo. E esse funcionário era o mesmo que estava me seguindo durante todo o tempo em que estive aqui?

—Eu precisava ter certeza de que você estava segura.

—Achei que você pudesse ter colocado câmeras no meu apartamento.

Ele acenou com a cabeça, como se fosse uma coisa perfeitamente razoável para ele fazer. —Eu pensei sobre isso, mas não conseguia lidar com a ideia de ver você todos os dias e não ser capaz de tocar em você, ou falar com você. Além disso, eu sabia que se visse você trazendo outro homem para o seu apartamento, eu perderia a cabeça de ciúme. Ouvir sobre você beijando outra pessoa foi difícil o suficiente, mas se eu tivesse visto com meus próprios olhos, poderia

ter matado o homem.

Ela empurrou para baixo sua culpa equivocada com a ideia de ele se machucar ao ouvir que ela beijou Cameron. —Então você mandou me seguir em vez disso?

—Era para ser apenas na primeira semana ou assim, apenas para ter certeza de que você estava bem e se acomodando em sua vida como eu queria que você fizesse. — Ele fez uma pausa e acrescentou. —Eu não esperava essa reviravolta nos acontecimentos.

—Claramente não.

Ela ficou aliviada que o homem que a trouxe aqui não estava mais na sala com eles. Ela estava certa quando descobriu que ele devia ter sido treinado em furtividade e saiu da sala silenciosamente antes de Monster deixar ela seminua.

—O que você fez com o músculo contratado? — Ela perguntou.

—Você não achou que eu o deixaria ver você seminua e cremosa na minha língua, — ele disse com um sorriso malicioso. —Eu pedi a ele para esperar lá fora.

—Claro. — Lily apertou os lábios, sua língua sacudindo para umedecer sua secura. —Então o que acontece agora?

—Nós ficaremos aqui até que você concorde em deixar Los Angeles e mudar seu nome.

Ela deu um suspiro de frustração. —Sério, Monster?

Sua mandíbula se apertou. —Não me chame assim.

—Por que não? — Ela disse, sua raiva crescendo dentro dela novamente. —É o que você é. Seu pai estava certo.

Ela o empurrou longe demais.

Ele deu um passo para trás, balançando a cabeça. —Eu não sei o que você quer de mim, Flor. Tudo o que faço é para tentar cuidar de você, mas você só quer me machucar.

—Eu só quero que você seja normal pra caralho! Quero que você tenha um emprego regular e esteja pronto para se aninhar no sofá e assistir televisão depois de um longo dia.

Seus dentes cravaram em seu lábio inferior e seus olhos baixaram. —Eu não sei como ser nenhuma dessas coisas. Talvez você esteja certa. Talvez eu seja um monstro.

—Sinto muito, — disse ela, balançando a cabeça para si mesma. Seu coração doeu com a ideia de que ela o machucou da mesma forma que seu pai. —Eu não quis dizer isso.

—Sim, você quis, e você está certa, é por isso que isso nunca vai funcionar. Mesmo se não tivéssemos as ameaças pairando sobre nós como temos agora, eu nunca serei aquele homem. Eu sou um criminoso, Flor. Não vou conseguir um emprego de escritório tão cedo, e nunca sequer assisti uma televisão para nada além do noticiário.

—Eu também não quero isso, — ela disse, murcha. —Na verdade. Eu só quero você. Eu não me importo em que tipo de pacote nosso relacionamento entra.

—Não podemos ter um relacionamento, Flor. Nunca foi feito para ser assim. Eu era seu dono. Se eu não tivesse me apaixonado por você como me apaixonei, provavelmente a teria matado assim que seu trabalho estivesse concluído. Não me coloque como uma espécie de herói fodido na sua cabeça, porque isso não é o que eu sou. Eu sou o cara mau desta história, e é melhor você se lembrar disso.

Ela fez uma careta. —Como eu poderia esquecer? Você me drogou e mandou de volta para a América como se eu fosse um animal do qual você se cansou, lembra?

Seus olhos se estreitaram para ela. —Eu nunca trataria você como um animal. Mandeí você de volta para a América porque sabia que você nunca sairia por sua própria vontade.

—Eu poderia ter ido se você tivesse sido honesto sobre minhas

opções.

Ele deu um suspiro exasperado. —Me ouça, Flor. Mandeí você embora por um único motivo, e foi para te manter segura. Não conseguia ver nenhuma outra maneira de fazer isso.

—Poderíamos ter conversado como adultos civilizados. Você poderia ter me contado o que estava acontecendo.

—Nós fizemos isso. Fizemos isso várias vezes e você ainda se recusou a sair. Não gostei da maneira como aconteceu, mas você não me deixou escolha.

No fundo, ela sabia que ele estava certo. Ela não teria partido. Se ele tivesse contado a ela que alguém os estava ameaçando por causa do que tinha acontecido com os irmãos Gonzalez-Larrinaga, ela teria lutado ainda mais. Ela nunca o teria deixado por vontade própria, assim como ela não planejava ir agora.

—Se você não achou que eu concordaria em te deixar, o que o faz pensar que eu concordaria em te deixar agora?

—Porque agora você já está na América, e agora estou lhe contando toda a verdade. O homem atrás de você sabe que estou aqui também. Ele vai nos rastrear e levar você.

—E o que vai acontecer com você se ele te encontrar, mas não eu?

—Não sei, mas vou pensar em algo.

—Você poderia matar ele, — ela sugeriu de repente, nem mesmo ciente do que ia dizer antes que explodisse de seus lábios. —Se você matar ele, nós dois estaremos seguros.

Ele balançou sua cabeça. —Talvez por um tempo, mas nessas famílias sempre há outros para substituí-los.

Ela olhou para ele, seus olhos se enchendo de lágrimas, fazendo seu rosto nadar diante dela. —Deve haver algo que possamos fazer!

Ele parou e se agachou na frente dela, a mão em sua coxa nua. O

contato enviou uma onda de formigamento em sua pele. —Há. Você pode fazer o que eu peço.

—Eu não vou, Monster! Não importa quantas vezes você diga isso!

—Você irá eventualmente.

Ela balançou a cabeça freneticamente. —Não, não vou.

Ele deu um rosnado baixo. —Só porque tirei o capuz, nada mudou. Posso colocá-lo de volta em um segundo.

—Por que? — Ela exigiu. —Qual seria o ponto? É apenas outra maneira de tentar me controlar? Em que ponto você vai aceitar que não vou permitir que eu seja controlada?

Ele olhou para ela. —Estou fazendo isso por você. Tudo que estou fazendo é tudo para você.

—Você precisa me deixar tomar minhas próprias decisões, meus próprios erros, se é isso que eles são.

Com uma fúria repentina, ele saltou dela, deu um rugido e bateu com os punhos na mesa de jantar próxima. —Não se isso vai te matar!

Ela recuou com a raiva dele, sabendo que não poderia pressionar ele mais, pelo menos não naquele momento. Isso não significa que ela ia desistir, ou ceder, apenas que ela sabia que iria empurrar ele ainda mais em sua maneira de pensar se pressionasse.

Se ao menos ele entendesse que poderia ameaçar sua vida, mas o que ela mais temia era perdê-lo.



Monster

(Dias atuais)



Ele não queria fazer isso. Ele odiava ver ela magoada, assustada e zangada com ele, mas não tinha escolha. Ele precisava que ela escolhesse continuar a viver, mesmo que fosse uma vida diferente da que ela havia se acostumado. Talvez ele não devesse ter tocado ela, mas não foi capaz de se controlar. Ter ela tão perto, amarrada assim, fez seu pau latejar. Ele ainda podia saborear ela em sua língua e a queria de novo, tanto. Mesmo agora, enquanto ela se sentava com as coxas nuas firmemente pressionadas juntas, a pequena mecha de cachos de seus pelos pubianos aparecendo acima delas, ele teve que se conter. Apenas estar na presença dela o excitava, deixando ele tão duro que ele queria se livrar das calças que o continham, embora tivesse certeza de que ela seria capaz de ver o esboço de quanto ele a queria com clareza suficiente.

Mais do que tudo, ele queria pegar ela nos braços e carregar para casa com ele. O que ela sugeriu era tão tentador, mas ele não podia se permitir ser fraco. Eles poderiam passar alguns dias juntos, talvez uma semana se tivessem sorte, mas então ela seria tirada dele e forçada a suportar mais do que ela havia imaginado.

Seu celular zumbiu no bolso do paletó.

Monster ficou tenso. Não havia ninguém de quem ele queria ouvir.

Sem dizer nada a Flor, ele se afastou dela e pegou o telefone. Olhando para a tela, ele percebeu que o número era privado. Seus

dentos cerrados. Isso não era bom. Ele debateu não responder, inferno, ele debate abrir as portas da varanda e arremessar a maldita coisa vinte andares abaixo na estrada abaixo, mas isso só iria piorar as coisas para os dois.

Ele olhou por cima do ombro em direção a Lily, que se sentou ereta, os olhos se arregalando em sua direção. A visão dela seminua e vulnerável fez algo em seu peito apertar. Como ele iria viver sem ela em sua vida?

Com a mandíbula apertada, ele atendeu o telefone.

—Sim?

—Você já a encontrou?

Era ele.

—Quem? — Monster disse, tentando soar indiferente.

—Você sabe quem. A mulher que você viajou para a América para encontrar. — Rodriguez deu uma risada baixa. —Eu suponho que você teve todo esse trabalho para me manter feliz, Merrick. Você sabe que tenho mais centenas de homens trabalhando para mim do que você, e bastará uma palavra minha para enviá-los atrás de você.

—Vou pegar qualquer garota que você quiser, — disse ele. —Você não tem que pegar essa.

—Sim eu vou. Não se trata da mulher, embora eu tenha certeza de que meus homens e eu gostaremos dela. Se trata de pegar o que é seu e machucar você, assim como você me machucou.

Monster voltou seu olhar para Lily. Ela estava olhando para ele, uma linha desenhada entre as sobrancelhas, os lábios estreitos de preocupação, e ele baixou a voz na esperança de que ela não o ouvisse.

—Não vai me machucar. Ela é apenas mais um pedaço de boceta que eu paguei.

—Então por que ter todo esse trabalho, Merrick? Eu sei que você a mandou de volta para a América, e então você a seguiu até aqui.

Aqui. Ele disse, 'aqui' não 'lá.' Isso significava que Rodriguez também estava nos Estados Unidos? Um arrepio passou por ele, alojando profundamente em seus ossos.

—Já te disse, tenho negócios aqui. Estarei de volta em um ou dois dias. Podemos nos encontrar e discutir isso melhor.

—O quê, e dar a você uma chance de atirar em mim também? Por que eu faria uma coisa dessas?

—Porque já tivemos violência o suficiente.

Rodriguez riu, irritantemente, e Monster agarrou o telefone com força, sua outra mão se fechando em um punho. —Mas talvez eu goste da violência, Merrick! Afinal, não é isso que nos torna homens? Violência e foder, ah, e talvez dinheiro. As três coisas que fazem o mundo de um homem girar.

E pode fazer isso parar também, ele pensou, mas não disse.

—Eu só tenho alguns negócios para tratar. Você não pode esperar que eu largue tudo e vá correndo porque você estala os dedos. Você não é meu chefe, Rodriguez.

—Eu acho que você está errado aí, meu amigo. Eu acho que eu possuo você, porra. Agora me dê o que eu quero ou eu irei e pegarei de você.

O telefone ficou mudo, e Monster olhou para a tela em fúria. Ele desejou poder alcançar o telefone e agarrar Rodriguez pela garganta e espremer toda a sua vida. Ele mataria o outro homem se pudesse, mas Rodriguez se manteve cercado por homens armados e viajou em veículos à prova de balas. Ele era arrogante, mas paranoico com isso, e Monster não tinha ideia de como alcançar o homem, muito menos matá-lo. Além disso, ele sabia que se algum mal acontecesse a Rodriguez, ele mandaria um exército de homens cair sobre ele. Monster não sobreviveria mais um dia, e ele nem mesmo queria

pensar sobre o que eles fariam com Flor.

Não, ele não tinha escolha. Ele tinha que mandar ela embora, e então dizer a Rodriguez que ela estava morta. Talvez Rodriguez pudesse ver através da mentira e matá-lo de qualquer maneira, mas Monster não conseguia ver nenhuma outra opção.

—O que está acontecendo? — Lily perguntou a ele. —Era essa pessoa de quem você está tentando me proteger?

—Quanto menos você souber, melhor, — respondeu ele, colocando o celular de volta no bolso e caminhando pelo amplo corredor em direção a ela.

—Besteira. Eu o conheço bem o suficiente para ser capaz de ler sua linguagem corporal. Eu posso dizer quando você está com raiva. Quem quer que esteve na linha te deixou seriamente puto. Se não tem nada a ver comigo, por que você simplesmente não me conta?

—Porque meu negócio não é da sua conta.

—Mesmo? Isso certamente parece ser minha preocupação. Você está me pedindo para mudar minha vida, mas nem me diz por quê!

—Tudo o que estou tentando fazer é proteger você.

Ela balançou as algemas e olhou para sua metade inferior nua. — Essa é a sua ideia de me proteger?

Ele olhou furioso para ela. —Eu nunca fui convencional, Flor. Achei que você já soubesse disso.

—Sim, acho que sim.

Ele parou e se ajoelhou na frente dela. —Eu preciso que você faça o que estou pedindo, Flor. Sua vida estará em perigo se você não fizer isso, mas este homem não vai simplesmente matar você. Ele quer te usar de maneiras que tornariam os traficantes que a pegaram inicialmente parecidos com meninos de escola. Ele iria usar você de todas as maneiras possíveis, repetidamente, até que você estivesse completa e totalmente quebrada, uma casca de mulher, e quando ele

decidir que não quer mais você, ele irá te entregar aos seus homens. Quando eles finalmente terminarem com você, eles irão te matar.

Ela deu um suspiro trêmulo e uma lágrima escorregou por sua bochecha. —Sei que você está me assustando por um motivo e estou com medo, mas não suporto a ideia de ficar sozinha de novo

—Você não tem escolha! — Sua raiva disparou dentro dele. — Puta que pariu, Flor. Por que você não consegue ver isso? Por que você não faz o que mandam uma vez na vida? Você é a mulher mais irritantemente teimosa que já conheci.

—Podemos ir juntos, — ela disse, seu tom cheio de esperança. — Vamos correr juntos e arriscar. Por favor, não vou fazer isso sozinha.

Ele não se conteve. O desespero e desejo em seus olhos eram demais para ele suportar. Ele se inclinou para ela e apertou sua boca com força contra a dela. Ele empurrou a língua com força em sua boca, sua mão alcançando a parte de trás de sua cabeça e entrelaçando os dedos em seu cabelo. Ele puxou com força, com força suficiente para doer, e ela soltou um pequeno gemido contra seus lábios, o que fez a parte escura dentro dele virar de deleite.

Ele enfiou a mão entre as coxas dela, e ela abriu as pernas de boa vontade para ele. Seus dedos pressionaram o calor macio e úmido, sua boceta ainda inchada de quando ele quase a fez gozar não muito antes. Lily soltou um gemido e pressionou sua pélvis contra a mão dele. Ele se lembrou do que disse a ela sobre não deixar seu orgasmo a menos que ela concordasse com o que ele queria. Ele pretendia manter a promessa, mas isso não significava que ele próprio não pudesse gozar.

O sangue correu para seu pau, suas bolas quentes e pesadas, um formigamento se espalhando ao longo de seu períneo, para sua bunda e vice-versa. Ele a queria desesperadamente. Queria se libertar e dirigir profundamente em sua boceta, segurar ela com força contra ele, enterrar seu rosto em sua pele e ouvir ela gritar enquanto seus

músculos internos pulsavam ao redor dele. Mas então ela ficaria satisfeita e ele teria perdido sua vantagem.

Ele soltou seu cabelo. Abrindo o botão de sua braguilha com a mão livre, ele puxou para baixo o zíper. Ele não estava usando cueca, então seu pau saltou livre, longo e duro. O olhar de Lily se fixou em sua ereção, seus lábios carnudos e frouxos, sua respiração já ficando cada vez mais irregular pela maneira como ele enfiava o dedo médio e o indicador dentro e fora dela.

Ele segurou seu pau e deu alguns golpes longos e firmes, até a cabeça escura e inchada e de volta à raiz. Ela o observou, e seus quadris se levantaram novamente como se imaginando que era sua boceta se movendo para cima e para baixo em seu eixo em vez de sua mão.

Mas em vez de dar a ela o que ela queria, ele tirou os dedos de dentro dela e ficou entre suas pernas, para que seu pau ficasse no nível de sua boca.

—Abra, Flor. Você vai me engolir.

Ela separou os lábios sem qualquer hesitação, e ele empurrou o primeiro centímetro de si mesmo sobre sua língua, exalando um gemido ao fazer isso. Ela foi incrível e girou a língua em torno da ponta dele e, em seguida, aplicou um pouco de sucção. Ele estendeu a mão ao redor de sua cabeça para atar os dedos em seu cabelo mais uma vez. Embora ela não parecesse precisar de nenhum incentivo, ele gostava da força que isso exercia sobre ela, o poder de obrigar ela a fazer algo enquanto lutava contra ele em todos os outros níveis. O fato de ela ainda estar com as mãos algemadas atrás das costas e nua da cintura para baixo o excitava ainda mais.

Ele empurrou para frente novamente, suas nádegas apertando, seus abdominais contraídos, e outro centímetro de seu comprimento desapareceu entre seus lábios. Ela olhou para ele com os olhos arregalados, e ele sabia que apenas mais um empurrão de seus quadris a faria engasgar. Mas os lábios dela criaram um círculo apertado em

torno de sua circunferência, e ele permitiu que ela se afastasse um pouco, apenas para empurrar para frente novamente, então ele estava fodendo sua boca.

Ele queria estar mais profundo.

Apertando seu cabelo, ele empurrou mais um centímetro de seu pau em sua boca. A carne lisa de seu palato pressionou contra a cabeça de seu pau, e ele a sentiu reprimir uma ânsia.

—Boa menina, — ele disse a ela, suavemente.

Ele empurrou novamente, usando o cabelo dela para segurar firme, e desta vez ela engasgou, e o movimento pareceu inacreditável contra sua ereção.

—Ah, porra, — disse ele, tencionando os músculos. Ele precisava gozar.

Eles construíram um ímpeto constante juntos, ele usando seu controle sobre o cabelo dela para guiar seus movimentos enquanto ele balançava para frente e para trás. A língua dela fez coisas más com ele, continuando a girar em torno de sua base, mesmo enquanto ele empurrava seu pau em sua garganta. Gotas gêmeas de baba correram dos cantos de sua boca, mas ela não fez nenhuma tentativa de se afastar dele ou virar o rosto. Ele se perguntou o quão molhada ela estaria agora se ele a tocasse. Ela estava ensopando a cadeira?

O peso familiar em suas bolas e o aperto de seu períneo até a base de seu pau aumentaram. A ereção dele ficou mais dura, o suficiente para que Lily se sentisse como se ele estivesse enfiando uma barra de chumbo em sua garganta. Ele queria observar ela, com os olhos arregalados e fluindo enquanto ela olhava para ele, babando no queixo, mas a força de seu orgasmo cresceu dentro dele. Seus olhos se fecharam com força enquanto o esperma quente subia de suas bolas e descia por sua garganta. Seus dedos seguraram seu cabelo com força, puxando-o o suficiente para que doesse, e ele empurrou seus quadris para frente, empurrando novamente, e então novamente, enquanto jorro após jorro de sêmen sedoso derramado de sua fenda.

Lily engoliu cada jato, e a sensação parecia o paraíso. Lágrimas escorreram de seus olhos, mas ele sabia que eram lágrimas causadas pelo esforço que ela fez, ao invés de lágrimas de tristeza ou dor.

Ele começou a amolecer e puxou de entre os lábios dela. Ele se afastou, a pele ainda úmida da saliva dela.

Lily lambeu os lábios. —Espero que seja minha vez agora.

Ele balançou sua cabeça. —Não até que você concorde com o que eu quero.

—Você é um bastardo, você sabe disso, certo?

Ele deu de ombros levemente, o brilho nebuloso de seu orgasmo caindo sobre ele como um cobertor quente. —Nunca afirmei ser outra coisa.



Dezessete



Lily adorava sentir o gosto dele em sua língua novamente. Ao consumi-lo, parecia que uma pequena parte dele era dela novamente.

Ela sabia que havia uma parte doente e distorcida dela que gostava de Monster dominar ela, mas talvez ela estivesse pensando errado nisso. Talvez não fosse doentio e distorcido, talvez fosse natural para ela querer se entregar a ele. Ela estava apenas conectada de forma diferente das outras pessoas. Ela não sabia se tinha nascido assim, ou se os eventos em sua vida criaram esse lado dela, ou mesmo se foi o próprio Monster que o despertou dentro dela, mas ela o desejava, enquanto as outras pessoas a deixavam gelada. Ela não precisava de um motivo ou desculpa para o que sentia. Ela simplesmente fez.

Mas ela não podia se permitir pensar em suas necessidades e desejos agora. Se ela sobrevivesse nos próximos dias, ou mesmo na semana, talvez pudesse ter essa conversa com um psiquiatra, mas agora eles tinham assuntos mais importantes para resolver.

—Então, você realmente vai me manter assim até que eu concorde em começar minha vida de novo? — Ela disse.

Ele deu a ela um meio sorriso que fez seu coração disparar. Assim como ele parecia agora, como se estivesse drogado, ela tinha feito isso com ele. Mesmo que ela fosse a única algemada que estava desesperada por um orgasmo, apenas aquele olhar deu a ela uma sensação de poder. Ele ainda a queria, ainda se preocupava com ela, tudo o que ele disse e fez.

—Achei que tivesse deixado isso bem claro, — respondeu ele.

—E se eu nunca concordar? O que fazemos então?

—Acho que estou ganhando uma conta de hotel muito alta e, em algum momento, o homem que estava no final da ligação vai nos encontrar, pegar você e me matar.

—Por favor, não diga isso.

—É a verdade. Não sei o que mais você espera que eu diga. Não vou adoçar isso para você, Flor. Homens maus estão envolvidos. Homens piores do que eu. Pior do que os irmãos Gonzalez-Larrinaga, na verdade.

A menção de seu nome causou arrepios nela. Ela se lembrou de como esteve perto de ser estuprada por eles. Esse era seu futuro agora? Sendo tomada por homens ainda piores e estuprada repetidamente? Ela não conseguia nem imaginar.

—Eu não vou liberar você até que você concorde em seguir meus planos, — ele disse a ela. —Podemos ficar aqui e continuar com isso, mas em algum momento esse adversário vai me rastrear e, quando o fizer, vai levar você.

—Eu não me importo comigo, — disse ela. —Talvez eu devesse, mas me ameaçar não vai me fazer aceitar o que você quer.

—Eu não estou ameaçando você, Flor, — ele disse, estendendo a mão para segurar sua bochecha. —Estou te avisando.

—Me preocupo mais com as outras pessoas do que comigo. Me dê algo que eu quero e talvez eu pense sobre isso.

—O que você quer?

—Você. Quero você.

Ele balançou sua cabeça. —Não é possível.

—E quanto a Cameron? Onde ele está?

—Ele está seguro. — Sua expressão escureceu. —Se você não pode me ter, você planeja me substituir por ele?

—Achei que você entendesse agora que isso não poderia acontecer mesmo se eu quisesse o que não é verdade. Ainda não consigo lidar com as pessoas me tocando, Monster. Você é o único cujo toque eu mais desejo do que temo. Não sei por quê, mas mesmo que quisesse outro homem, acho que não conseguiria. Há algo de errado comigo e, por algum motivo, você é o único que pode me curar novamente.

Ele a olhou com olhos escuros cheios de tristeza. —Então você nunca será curada. Eu sinto muito.

De repente, ela se lembrou do barulho que ouviu de um dos contêineres quando foi levada. —As mulheres!

—O que?

—Havia mulheres no contêiner para onde fui levada. Eu as ouvi.

Ela puxou suas amarras, tentando se levantar da cadeira, mas seus ombros puxaram para trás, as algemas de metal cortando sua pele. Ela não podia acreditar que não tinha pensado nelas até agora. Ela tinha estado tão apanhada pelo medo por sua própria pele quando ela foi tirada do porto pela primeira vez, e então ao encontrar Monster aqui, ela bloqueou completamente a memória daquele pequeno grito por ajuda do contêiner.

—Jesus Cristo Monster, porra. Nós temos que fazer alguma coisa! Temos que ajudar elas.

—Não tenho ideia do que você está falando.

—O que você acha que eu estava fazendo no porto perto da base do Corpo de Fuzileiros Navais?

Ele balançou sua cabeça. —Eu não estava lá, Flor. Homens que eu emprego foram os únicos a te rastrear e trazer aqui. Eles me disseram em que direção você estava indo e com quem estava, mas a próxima ligação que recebi foi para dizer que eles tinham você em sua posse e estavam vindo para cá.

—Fui lá para tentar rastrear os traficantes que você pagou para

me levar pela primeira vez!

—O que? Por que você faria uma coisa tão estúpida?

—Porque a polícia não estava me ouvindo, e não era como se eu pudesse pedir sua ajuda. Não conseguia parar de pensar em todas aquelas pobres mulheres com quem estava presa. Elas foram espancadas e estupradas, e eu não iria apenas continuar com minha vida e esquecê-las. Já tinha demorado muito quando fiquei com você.

—Temos problemas maiores com que nos preocupar, Flor.

—Mesmo? — Ela disse, incrédula. —O que poderia ser maior? Por que minha vida é mais importante do que qualquer uma das outras mulheres que foram sequestradas?

—É para mim.

—Mas não foi quando você teve o Mãos de Cigarro e seu amigo me sequestrando. Eu não era nada para você então, assim como essas mulheres são agora.

Sua sobrancelha se franziu. —Quem diabos é o Mãos de Cigarro?

—Ele é o cara que me levou. Eu nunca soube o nome dele, então o chamei assim porque seus dedos cheiravam a fumaça de cigarro.

Ele esfregou a boca com a mão. —Lamento que você tenha passado por isso. Eu deveria ter sabido melhor.

—Sim, bem, você não fez, e isso não foi tudo culpa sua também. Além disso, mesmo que eu tivesse a escolha de não experimentar tudo o que tive e voltar à vida do jeito que era antes, acho que não escolheria isso. Podemos fazer a diferença agora.

Ele olhou furioso para ela. —Desde quando eu sou uma espécie de coração sangrando, Flor? Não tente distorcer quem eu sou em sua cabeça, porque você ficará extremamente desapontada.

—Certo. Então faremos um acordo. Você me solta, voltamos ao porto e acabamos com o que aquele homem doente e seu companheiro

estão fazendo, e então farei o que você pedir e irei desaparecer.

Ele a encarou, e ela sabia que ele estava pelo menos considerando sua proposta.

Ela pensou em outra coisa. —E eu quero ver Cameron novamente. Vivo. Eu preciso saber que ele está seguro.

—Você não confia em mim?

—Não nisso, não. E também quero dizer a ele que sinto muito por envolver ele nesta bagunça, e quero que ele saiba que não vai adiante.

Ele começou a andar, a mão contra a boca, pensando, as sobrancelhas escuras franzidas. Ele parou. —O negócio é o seguinte, você deixa meus homens lidarem com o Mãos de Cigarro, e eu vou deixar você ver seu amigo por vídeo-chamada.

Ela balançou a cabeça. —Sem acordo. É o que eu quero ou nada.

—Você não precisa se envolver no que está acontecendo no antigo porto.

—Sim eu preciso. Quero ver o olhar daquele filho da puta quando ele vir quem veio para ele. Ele me disse que nunca mais voltaríamos, as mulheres que ele pegou e vendeu, mas eu voltei. Eu quero que ele saiba disso. E quero ter certeza de que as mulheres que ele está prendendo estão seguras. Vai ajudá-las ter outra mulher lá e saber que sou uma sobrevivente. —Ela deu um sorriso frio. —Os homens que andam na sua turma não parecem ter muito respeito pelas mulheres.

—Você está certa, — ele concordou, —mas eu a respeito, Flor.

—Talvez você pense que sim, mas você não faz. Se o fizesse, levaria meus pensamentos e sentimentos em consideração, e não apenas tomaria decisões por mim. Você confiaria que eu sei fazer a escolha certa.

Ele balançou sua cabeça. —Não se trata de falta de respeito, Flor, é que tenho medo de perder o controle.

—Eu sou um ser humano, Monster. Você nunca será capaz de me controlar, mesmo se você pensar que está de fora.

—Não ser capaz de controlar o que você faz para te manter segura é o que mais me assusta, — admitiu.

—Então me encontre no meio do caminho. Me dê o que eu quero e eu darei a você o que você deseja. Vamos libertar essas mulheres e encontrar Mãos de Cigarro e seu amigo, juntos e me mostrar que Cameron está seguro e livre. Então vou empacotar minhas coisas e dar o fora de Los Angeles.

Ele andou de um lado para o outro, a cabeça entre as mãos. — Droga, Flor. Você não vai me dar nenhuma outra opção, vai?

—Não. Isso é justo. Isso é chamado de compromisso.

Ele parou e fez uma careta para ela. —Eu sempre poderia te manter amarrada àquela cadeira, provocando e torturando você até que você concordasse com a minha maneira de fazer as coisas. Na verdade, talvez eu goste do som dessa opção muito mais do que uma que também te coloca em perigo e reencontra com um namorado.

—Cameron não é e nunca foi um namorado, — disse ela. —Ele é apenas um amigo, eu juro.

A carranca de Monster se aprofundou. —Só de ouvir o nome dele de seus lábios me dá vontade de matá-lo.

—Mas isso não vai acontecer, certo? — Ela disse, sua voz firme.

—Só para você, — respondeu ele.

—E quanto a Mãos de Cigarro, me parece que você tem homens suficientes na folha de pagamento para nos ajudar a derrubá-lo. Não é como se eu fosse sozinha. Terei você ao meu lado, e quem mais você contratou enquanto estiver em solo americano. Presumo que estejam todos armados. — Ela pensou em algo e franziu a testa. —Na verdade, eu também tinha uma arma, mas seu cara a arrancou da minha mão.

Monster se virou e foi até a gaveta da cômoda, abriu e tirou uma

arma. Ela a reconheceu como a Glock que havia comprado outro dia.

—Isso é meu, — disse ela.

—Se eu devolver para você, você promete não fazer nada estúpido?

Ela torceu os lábios. —Eu não vou atirar em você, Monster.

Seus olhos se estreitaram ligeiramente, seus lábios se curvando nas bordas. —Espero que não. Eu quis dizer mais que você não iria se apressar na situação antes que pudéssemos ter certeza de que você não se machucaria.

—Contanto que ninguém mate aquele bastardo antes que eu tenha a chance.

—Você acha que poderia matar ele, Flor? Você tem isso em você, tirar a vida de um homem? — Ele caminhou em sua direção e se agachou ao lado dela. —Isso muda quem você é. Tem certeza de que deseja dar esse passo?

—Já estou mudada, — disse ela. —E sim, eu tenho que tirar a vida dele. Você não tem ideia de como era dentro daquele contêiner, ser forçada a mijar onde eu estava sentada, observando o que ele tinha feito com aquelas pobres garotas, e o tempo todo ele teve essa atitude presunçosa, como se ele pudesse fazer o que quisesse e nada disso voltaria para ele. Eu quero ser a única a mostrar a ele que pode sim.

Ele estudou seu rosto, como se pudesse ler a verdade de seus pensamentos escritos em sua pele. Ela sustentou seu olhar, desafiadora, embora tudo tivesse sido feito para tirar qualquer dignidade ou modéstia. Ela não estava quebrada.

Finalmente, ele deu um aceno lento. —Certo, Lily Drayton. Você tem um acordo.

Seu coração cantou. Ele não apenas concordou com seus termos, como também usou seu nome completo.

Monster pegou sua calça jeans e calcinha de onde haviam caído

em um pacote no chão. Ele a desembaraçou e então puxou a calcinha de volta sobre os pés e as pernas. Ela levantou o traseiro para permitir que ele a cobrisse de volta, embora parte dela murchasse em decepção. Ele não ia terminar o que começou, então? E se algo acontecesse com qualquer um deles e eles nunca tivessem a chance de fazer amor pela última vez? Ele repetiu o processo com o jeans e fechou o botão.

—Você perdeu peso desde que me procurou pela primeira vez, — disse ele. —Isso é minha culpa?

Ela acenou com a cabeça. —Em parte, sim.

Ele se inclinou e beijou sua barriga. —Desculpa por isso.

Lily conteve as lágrimas repentinas. —Obrigada.

Ele colocou os tênis dela de volta em seus pés, como um príncipe moderno encontrando sua Cinderela, e então puxou uma pequena chave do bolso de trás da calça.

—Não me faça arrepender de ter feito isso, — ele avisou.

Ela balançou a cabeça. —Eu não vou.

Ele se moveu atrás dela com a chave, e ela o sentiu mover as algemas para ter acesso à fechadura e, em seguida, com um clique silencioso, os anéis de metal se abriram e caíram no chão.

Lily soltou um gemido e colocou as mãos no colo, massageando os pulsos com a mão oposta e girando os ombros. As grandes mãos de Monster fizeram contato com os pontos de cada lado de seu pescoço onde a tensão havia aumentado, seus polegares rolando firmemente nos nós duros que vieram de ter seus braços na mesma posição por tanto tempo. Seu toque parecia o paraíso, e ela circulou seu pescoço, seus olhos se fechando.

Monster massageou os nós de seu pescoço e então suas mãos deixaram sua pele. Seus olhos se abriram, trazidos de volta à vida real, e ao espaço onde ela se sentia privada de sua presença.

Ele estava no bar, preparando uma bebida para eles. Precisando esticar as pernas, ela se levantou. Suas panturrilhas se contraíram, ameaçando ter câibras, então ela fez uma pausa para esfregar os nós também.

Monster levou um copo para ela. —É apenas água com gás, — disse ele. —Sem drogas, eu prometo.

—É melhor que não haja, — ela avisou. Mas sua garganta estava seca, sua língua grossa e grudada no céu da boca. O gelo retiniu contra o vidro e a condensação turvou o exterior. Sua sede ganhou, ela levou a água aos lábios, desesperada para acalmar a garganta seca e se hidratar.

Mesmo assim, ela hesitou. Não que ela realmente acreditasse que ele tinha acrescentado algo à água, mas ela havia sido enganada uma vez e não pretendia ser novamente.

—Troque comigo, — disse ela, acenando com a cabeça para o copo alto que ele segurava para si mesmo.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Sério?

—Na verdade não. Tome um gole seu primeiro e *depois* troque comigo.

Ele exalou um suspiro, mas fez o que ela pediu, tomando um gole exagerado da água para provar que não havia nada desagradável escondido dentro dela. Satisfeita, ela entregou sua bebida e pegou a dele.

Ela levou o copo aos lábios e deu o primeiro gole. A água tinha um gosto límpido e fresco, e não era diferente de qualquer outro copo de água com gás. Ela esvaziou o copo e depois esmagou o gelo entre os dentes.

Olhando em seu rosto, Monster pegou o copo dela. —Nós devemos ir.

Ela olhou para trás. —Sim nós deveríamos.

Eles hesitaram, o ar entre eles ficando cada vez mais carregado. Eles não tiveram a oportunidade de se abraçar novamente, de tirar as roupas um do outro e se apertar, pele com pele.

Um mundo de perigo estava diante deles, e passar por aquelas portas significaria o início de uma coisa e encerraria seu relacionamento para sempre. Embora não dito, nenhum dos dois estava pronto para entrar naquele mundo ainda.

Embora lutassem contra a compulsão, seus corpos foram unidos como se ímãs fossem costurados dentro de sua pele. Eles foram puxados por uma força interna que nenhum dos dois compreendeu muito bem e foram incapazes de lutar.

Enquanto o toque de qualquer outra pessoa fazia sua pele se arrepiar e partículas de gelo se alojassem em suas veias, todo o seu corpo cantava para tocá-lo e ser tocada por ele. Ela ansiava por Monster, ansiava por ele como uma fome, como se seu corpo lhe dissesse contra o que sua mente lutava tanto, que ele era o único que ela iria querer e ela precisava dele tanto quanto ela precisava de comida, água e luz solar. Sim, Monster estava distorcido por dentro, mas talvez ela também. Talvez essa fosse a razão pela qual ele era a única pessoa que ela não apenas suportava tocá-la, mas na verdade desejar com cada célula de seu corpo.



Dezoito



Monster sentiu a mudança na atmosfera entre eles também, ela poderia dizer pelo olhar ardente em seus olhos. Seu olhar dizia a ela mais do que sua boca, o olhar escuro a desafiava, fazendo ela tremer por dentro. Ela deixou sua língua passar sobre o lábio inferior e então o mordeu suavemente, seus dentes cavando na pele macia.

—Você me deixa louco, Flor. Você sabe disso, não é? — Ele disse, sua voz rouca.

Sua respiração estava repentinamente superficial, seu coração disparado. —Eu poderia dizer o mesmo sobre você.

Sem mais nenhum aviso, eles se chocaram em um frenesi de mãos e bocas. Seus lábios contra os dela eram tão quentes e familiares, como voltar para casa, enquanto sua língua empurrava em sua boca, exigindo atenção. As mãos de Monster estavam em seu cabelo, atando em suas mechas, e ela estendeu os dedos para entrelaçar os cabelos curtos e macios em sua nuca. Ele a puxou para perto dele, suas curvas suaves esmagando os duros planos de seu corpo. Uma de suas mãos deixou seu cabelo e deslizou por suas costas para agarrar um monte de seu traseiro, seus dedos cavando em sua calça jeans e a carne abaixo, forçando ela contra ele. Ela podia sentir sua ereção rígida em seu estômago e ficou na ponta dos pés, querendo se esfregar contra a coisa que ela sabia que traria sua liberação. Ela tinha sido provocada impiedosamente nas últimas horas, lambida e tocada, e forçada a engolir seu esperma, mas ela não teve a liberação do pesado enrolamento entre suas coxas e baixo em sua barriga que ele começou.

Eles tiraram as roupas um do outro, ele puxando a blusa dela pela

cabeça e então puxando as alças do sutiã por seus ombros para liberar seus seios. Ela foi para os botões de sua camisa, desabotoando desajeitadamente, mas nunca separou o beijo. Em segundos, ela tirou os tênis e as mãos de Monster estavam no botão de sua calça jeans. Em um movimento rápido, ele puxou sua calça jeans e calcinha por suas coxas, e ela saiu do círculo em volta de seus pés.

Com ela nua, ele a pegou e a jogou no sofá enorme. Ele estava do outro lado, sem camisa, mas com a grande linha de sua ereção mal escondida pelo material de sua calça. Ele olhou para ela como se estivesse pensando em comê-la, e ela estremeceu. Sempre houve uma parte dele que era tão imprevisível. Ela nunca soube direito se deveria ter medo dele ou desejá-lo.

Medo e excitação, essas foram as emoções que ele conjurou dentro dela. Era isso que tornava tudo tão diferente quando ela estava com ele?

—Abra suas pernas para mim, Flor, — ele rosnou.

Sem hesitar, ela fez o que ele pediu e separou as coxas. Ela se sentia tão devassa, deitada, nua no sofá com as pernas separadas. Sua boceta zumbiu com antecipação, ficando molhada antes mesmo que ele a tocasse.

—Toque-se, — disse ele. —Eu quero ver você colocar seus dedos dentro.

Ela estava desesperada por mais estímulo por horas agora, e apesar de uma inundação de autoconsciência que ameaçou aquecer seu rosto, ela obedeceu. Sua mão entrou entre as pernas, mas ela manteve o olhar fixo na forma delineada em sua virilha, imaginando o que havia por baixo. Como se tivesse lido sua mente, Monster baixou o zíper da braguilha e abriu o botão, permitindo que a calça do terno caísse de seus quadris estreitos. Imediatamente, o comprimento bonito e curvo de seu pau ergueu-se para encontrar seu olhar.

—Toque sua boceta, Flor, — ele disse novamente.

Ela estava distraída ao ver ele, os dedos posicionados entre as coxas. Fazendo o que ele queria, ela correu os dedos para baixo sobre sua fenda e depois subiu novamente, sentindo sua umidade, o cheiro de seu próprio almíscar enchendo o ar. Seu clitóris estava tão inchado e sensibilizado que formigou, e o menor toque de seu dedo no botão ingurgitado fez seu corpo estremecer como se ela tivesse se dado um choque elétrico.

Lily soltou um gemido.

A mão de Monster circulou ao redor da base de seu pênis e arrastou para cima, sobre a cabeça e depois para baixo novamente. A expressão dele assumiu um olhar intenso de luxúria, os olhos fixos nos dedos dela, que entravam e saíam de sua boceta enquanto ele se masturbava.

A excitação de Lily aumentou, a baixa pressão entre suas coxas aumentando a cada toque, mas ela não se queria. Ela o queria.

—Me foda, Monster, — disse ela e engasgou. —Eu preciso de você.

Um sorriso apareceu nos cantos de seus lábios e ele contornou a ponta do sofá para se juntar a ela. Sua ereção se projetava, a ponta escura, lisa e inchada. Ela se lembrava do gosto dele tão bem, o quão duro ele sentia deslizando entre seus lábios, a pele macia como a seda.

Monster segurou suas coxas separadas e subiu entre suas pernas. Ele olhou para ela, seus olhos percorrendo seu corpo. —Porra, você é tão linda.

Ele estendeu a mão para segurar seus seios, fechando os dedos em torno dos mamilos. A aréola se enrugou com força sob suas carícias, e ele as beliscou e torceu, enviando uma onda de excitação a seu núcleo. Lily gemeu, sentindo uma pulsação de líquido escorrer de seu corpo. Ela estava tão molhada, seu corpo desesperado por ele. Ele se inclinou sobre ela e cercou um de seus mamilos com a boca, sua língua girando, seus dentes primeiro raspando e depois mordendo suavemente.

Lily tirou a mão de entre as coxas e Monster ergueu o rosto de seu seio. Ele pegou o pulso dela e então levou os dedos dela aos lábios. Travando os olhos nos dela, ele colocou os dedos dela em sua boca e os envolveu em seu calor úmido e os chupou, um por um.

Lily pensou que ela poderia entrar em combustão de desejo.

—Por favor, Monster. Agora! — Ela não era avessa a implorar.

—Ainda não, — disse ele. —Primeiro eu quero provar cada centímetro de você.

Pegando ela de surpresa, ele a virou para que ela se deitasse de bruços. Sua respiração ficou presa enquanto esperava por sua próxima carícia, cada parte de sua pele sensibilizada e formigando. Ele se inclinou sobre ela novamente, e ela sentiu sua respiração quente contra suas costas. Sua boca fez contato com sua pele, sua língua mergulhando na cavidade da base de seu pescoço. Sua língua traçou linhas molhadas sobre sua pele, descendo por sua espinha, deixando ela tremendo de antecipação do que ele faria a seguir.

Ele espalmou suas nádegas e as espalhou, expondo-a a ele. Cada músculo de seu corpo se contraiu enquanto sua língua corria pela dobra. Sua saliva deixou um rastro úmido até a entrada proibida, e ele circulou a borda, antes de se mover mais para baixo para mergulhar na maciez de sua boceta.

Ela gemeu. —Oh, Deus.

Sua língua empurrou dentro dela, lambendo ela profundamente e, em seguida, retirando-se para arrastar para baixo no comprimento de sua abertura. Lily se contorceu, arqueando as costas para levar sua boceta à boca dele. Seus músculos internos se contraíram e pulsaram, e por mais que adorasse ter sua língua dentro e fora dela, ela queria algo espesso e duro para enchê-la.

Monster deve ter percebido sua necessidade, se acomodando entre suas coxas e posicionando sua ereção em sua entrada. Ele empurrou dentro dela por trás, a onda da cabeça do seu pau a esticando e

deslizando pelos lábios de sua boceta, e então o comprimento dele entrando nela. Sua mão na parte inferior das costas a manteve em posição enquanto ele empurrava fundo, enchendo ela completamente. Seus seios esmagados contra as almofadas do sofá enquanto ele a fodia com força, e ela dava pequenos gemidos a cada vez que ele saía dela e empurrava de volta.

Ela estava tão perto de seu orgasmo, mas mais uma vez, ele não a deixou atingir seu pico. Em vez disso, ele saiu de seu corpo e a virou. Ele se abaixou e a puxou para seu colo, então ela montou nele.

—Você acha que os homens esperando do lado de fora da porta estão nos ouvindo, Flor? — Ele disse contra o ouvido dela. —Você acha que ouvir seus gemidos de prazer os está deixando duros? Você acha que eles estão se tocando, pensando em como seria estar dentro de sua boceta apertada e molhada?

Sua boca suja a excitou ainda mais.

—Eu não sei, — respondeu ela, a adoração de seu corpo dando-lhe confiança. —Coloque seu pau de volta dentro de mim, e veja o quão alto eu posso gritar.

Ele deu um sorriso lascivo e a ergueu, ambas as mãos em seu traseiro, para posicionar ela acima de seu pau, e então a afundou, empalando ela sobre ele. Ele estava tão profundo, atingindo cada ponto dentro dela. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele, enterrando o rosto em sua garganta enquanto balançava os quadris. Seus movimentos ficaram mais intensos e ela ergueu a cabeça de seu pescoço e se inclinou ligeiramente para trás. Seus seios saltaram com cada impulso e ela olhou para baixo para vê-lo entrando e saindo dela. A base de seu pau se projetava para fora do ninho de seus cachos escuros, seu abdômen tenso e seus bíceps duros enquanto ele a sustentava. A posição permitia que seu clitóris pressionasse contra seu comprimento com cada impulso, levando ela cada vez mais alto, até que ela pensou que iria explodir. Foi tão erótico de assistir, mas então eles se beijaram novamente, as bocas se entrelaçando, e seu ritmo ficou mais frenético. Ela se agarrou aos ombros dele, enquanto

ele girava os quadris, encontrando o balanço de sua pélvis. Ela estava rodeada por ele, no calor de seu corpo, seu perfume masculino familiar. Este era o lugar onde ela se sentia mais em paz. Estando em seus braços, seus corpos se uniram como um.

Seria esta a última vez que eles estariam juntos assim? Seu coração quase se partiu com o pensamento e ela mordeu o lábio inferior, com força, segurando as lágrimas. Não, ela não seria uma daquelas mulheres que chorava durante o sexo. O que ele estava fazendo com ela era bom demais para ela chorar em outra coisa senão paixão. Ela pressionou o nariz e a boca contra a pele dele, lembrando a sensação, o gosto e o cheiro dele. Logo, a memória seria tudo o que ela teria.

—Oh, porra, — ela gemeu quando seu orgasmo quebrou sobre ela em uma onda repentina. —Eu te amo. Eu te amo.

Ele pressionou os lábios no oco de seu pescoço e gemeu quando seus quadris resistiram. Ele gozou dentro dela com um impulso forte, seguido por outro e outro. Eles ficaram ofegantes e agarrados um ao outro enquanto os pulsos finais de seus orgasmos estilhaçavam seus corpos.

Monster se endireitou, afastando o cabelo do rosto e baixou a testa na dela. —Eu também te amo, Flor.

Eles permitiam um ao outro o luxo de abraçar um ao outro assim pela última vez, Monster ficando macio dentro dela, até que ele saiu de seu corpo. Ela o beijou novamente, pressionando a memória de sua boca em sua cabeça, e então ela deixou o sofá para se apressar para o banheiro, pegando suas roupas enquanto ia. A combinação de seu líquido e o sêmen já estava escorrendo pela parte interna de suas coxas, e embora ela não quisesse lavar nenhuma parte dele, ela sabia que eles tinham lugares onde precisavam estar.

No enorme banheiro de mármore, Lily se lavou e se vestiu.

Quando ela voltou, Monster já estava vestido de volta em seu terno, parecendo tão calmo e sereno como sempre. Apenas o sorriso

secreto que ele deu a ela quando ela saiu deu a ela qualquer pista de que ele estava transando com ela apenas alguns minutos antes.

Ela notou algo em sua mão.

Sua arma.

Monster estendeu a arma para ela, segurando o cano para que ele oferecesse a ela. —Achei que você poderia estar precisando disso.

Lily estendeu a mão e pegou. —Sim, obrigada. — Ela colocou a Glock no cóis da calça jeans e puxou a blusa para baixo para esconder.

A diversão acabou. Eles tinham negócios a tratar.



Dezenove



Eles saíram da sala para encontrar dois homens, um dos quais era o cara corpulento que a trouxe para Monster o outro um loiro que ela não reconheceu, esperando por eles. Ambos os homens estavam elegantemente vestidos em ternos, mas os músculos de seus bíceps e coxas tensos contra o material. Ambos ficaram mais retos quando Monster saiu.

—Temos um trabalho a fazer, — disse ele.

Ela assumiu que os dois homens estavam armados, considerando que ela sentiu aquele que a trouxe aqui enfiando uma arma em suas costas. Ela se perguntou o quanto eles tinham ouvido dela e de Monster dentro da sala. Ela gritava muito alto quando tinha orgasmo? Suas bochechas aqueceram com a ideia de que eles a ouviram.

Mas se eles tinham, eles não deram nenhum sinal disso.

O homem que a trouxe para o hotel levantou uma sobrancelha para Monster. —Nós?

—Isso mesmo. Precisamos voltar para onde você pegou Lily. Ela acredita que as mulheres estão sendo mantidas em um contêiner de remessa lá, e alguns canalhas são os responsáveis.

O homem lançou um olhar de desprezo em sua direção. — Presumo que ela vai ficar aqui.

— *Ela* é Lily Drayton, — disse Monster. —Lily, este é Sean Hamilton, e o outro cavalheiro é Chapman.

—Apenas Chapman? — Ela perguntou.

O homem, de cabelo louro ralo e nariz comprido e reto, deu-lhe um único aceno de cabeça. —Apenas Chapman, senhora.

—Lily está vindo conosco, — Monster continuou.

—Essa é uma escolha sábia? — Disse Sean, como se ela nem estivesse lá.

O homem já a havia trazido de volta ao sequestrá-la em primeiro lugar, embora ele tivesse feito isso por ordem de Monster. Do jeito que essa conversa estava indo, ela não achava que ele faria nada para se redimir.

—Ela quer ter certeza de que o homem responsável por levar as mulheres está morto, — disse Monster. Seu tom ficou duro. —E nunca mais questione minhas decisões.

Sean baixou sua linha de visão para o chão. —Desculpe senhor.

—Nos leve para o carro, — Monster ordenou. —Vocês dois vão conosco, e farei algumas ligações no caminho, ver se conseguimos alguns reforços, e ter... — Ele hesitou e olhou para Lily. —Fazer com que a pessoa com quem a Sra. Drayton estava, seja trazida de volta ao antigo porto da Marinha. Não espero que os traficantes estejam preparados, mas, mesmo assim, gostaria de superá-los em pelo menos dois para um.

Sean acenou com a cabeça. —Eu entendo.

Os dois seguranças, se é que eles eram, lideraram o caminho para os elevadores no final do corredor. Pegar o elevador não foi um luxo que ela teve permissão para subir.

A porta se abriu e eles entraram, parando com os dois homens na frente, e ela e Monster atrás. Chapman apertou o botão do estacionamento no porão, uma luz branca iluminando atrás da letra P. A porta se fechou na frente deles e ela sentiu o movimento do elevador para baixo. Antes de eles terem percorrido mais do que

alguns andares, o elevador parou novamente. As portas se abriram e um casal de idosos esperou do outro lado para entrar. Eles deram uma olhada nos homens, e a metade masculina do casal de idosos segurou o braço de sua esposa e puxou ela ligeiramente para trás, com a outra mão acenando para indicam que esperariam pelo próximo.

Lily não o culpou. Eles certamente pareciam ser um grupo intimidante.

Chapman apertou o botão do porão novamente e o elevador continuou descendo até o estacionamento.

Um dos homens deve ter movido o carro da parte de trás do hotel quando ela estava ocupada no quarto com Monster. Ela se contorceu com a memória e olhou para seu perfil forte. Ela levou um momento para se maravilhar com o quão desbotada sua marca de nascença estava agora. Embora ainda visível, não era nada parecido com a marca quase preta que ela começou a trabalhar. Seus dedos coçaram com o desejo de alcançar e tocar sua bochecha e traçar a linha da mandíbula onde a marca residia, mas ela sabia que ele não apreciaria o carinho na frente dos outros homens.

As portas do elevador se abriram para revelar a garagem mal iluminada e de teto baixo.

Lily estremeceu. A lembrança daquela noite fatídica em que Mãos de Cigarro a levou, a mulher com a boneca que ela confundira com um bebê e tudo o que aconteceu nas horas seguintes, a invadiu. Ela não achava que seria capaz de entrar em uma garagem de novo sem sentir um frio descendo até seus ossos.

O peso da arma em sua cintura deu-lhe um pouco de confiança. Ela ainda não tinha cem por cento de certeza de que Monster cumpriria sua parte no trato. Ela esperava que sim, pelo bem de seu coração, tanto quanto por sua vida. Mais do que tudo, ela queria se sentir como se fossem iguais no mesmo lado, mas muitas vezes a maneira como ele agia provava a ela que eles não estavam nem perto de serem iguais.

Ela se apressou para acompanhar os passos largos e determinados dos três homens grandes. Estranhamente, embora tivessem sido eles que a sequestraram e mantiveram como refém nas últimas horas, ela agora se sentia protegida por tê-los ao seu redor.

A garagem estava deserta além deles, mas ela duvidava que alguém ousasse se aproximar deles, mesmo que houvesse outras pessoas por perto, esses caras pareciam um problema.

Eles chegaram ao carro, o mesmo sedan preto que havia trazido ela para o hotel. Desta vez, Monster abriu a porta traseira para ela como um cavalheiro e ela deslizou para o banco de trás. Sean estava dirigindo, com Chapman no banco do passageiro. Monster subiu na parte de trás para se sentar ao lado dela, e embora ela quisesse se enrolar contra o seu lado, seu braço ao redor dela, a cabeça em seu peito, ela sentiu o profissionalismo estoico sobre ele e não queria fazer nada para fazê-lo parece fraco na frente de seus homens.

Sean ligou o carro e eles saíram do estacionamento e foram para a rua. As lâmpadas da rua estavam acesas sob o céu claro da noite, tanto a lua quanto a iluminação criando manchas longas e finas de luz e sombra. Há quanto tempo ela ficou na suíte do hotel? Pareceram algumas horas, mas deve ter sido mais.

—Que horas são? — Ela perguntou a Monstro.

—Acabou de passar da meia-noite.

Assim, eles chegariam ao porto nas primeiras horas da manhã. O Mãos de Cigarro estaria lá naquela hora? Ela suspeitou que era provavelmente a melhor hora para pegá-los, eles moveram as meninas no meio da noite e seriam capazes de entrar e sair sem serem vistos no escuro. Seu estômago embrulhou com o nervosismo com a ideia de ficar cara a cara com ele novamente. Ela o mataria, mas não seria fácil.

Ela também se sentiu mal com a ideia de ver Cameron novamente. Ele a odiaria agora, ela tinha certeza disso, provavelmente amaldiçoando o dia em que a conheceu. Ela não o culpou. Ela só

esperava que os homens que trabalhavam para Monster não o machucassem de forma alguma. Se eles tivessem feito isso, e tivesse sido feito com as instruções de Monster, ela não tinha certeza do que faria.

Quando eles deixaram a cidade e pegaram a I-5 para o sul, Monster se virou para ela e falou baixinho. —Tem certeza de que está bem?

Ela acenou com a cabeça. —Estou bem e definitivamente prefiro andar no carro quando minhas mãos não estão amarradas nas costas e posso ver pela janela.

O canto de sua boca se curvou. —Seria errado eu dizer a você para não se acostumar com isso?

Ela poderia dizer que ele estava brincando, mas isso não impediu seu estômago de revirar. Ela deu um tapa na perna dele com seu pequeno punho. —Sim, seria.

Ele estendeu a mão e apertou a mão dela, talvez para impedir ela de bater nele novamente. —Os raptos param aqui. Eu prometo.

—Espero que sim. — Que eles precisassem ter essa conversa era uma loucura.

Monster tirou o celular do bolso e fez uma ligação. Lily olhou pela janela para o fluxo de luzes brilhantes e o tráfego que eles estavam gradualmente deixando para trás à medida que dirigiam.

—Sou eu, — disse ele, seu tom de comando. —Você precisa me encontrar em duas horas no mesmo lugar de onde você tirou o homem e a mulher. Traga o homem com você. Eu não quero que ele seja prejudicado.

Uma pequena parte dela relaxou ao ouvir ele dizer isso. Cameron estava vivo e seguro, mesmo que provavelmente a odiasse. Não importaria de qualquer maneira. Se ela sobrevivesse nas próximas horas, ela estaria deixando Los Angeles e rumo a uma nova vida em algum lugar que ela nunca tinha estado antes, com um nome que não

era seu. Fazer isso significaria que ela deixaria Monster e Cameron para trás, então Cameron poderia odiá-la o quanto quisesse.

A viagem de volta à base do Corpo de Fuzileiros Navais pareceu durar uma vida inteira. Poucas conversas iluminavam a atmosfera, e qualquer uma que acontecesse era curta e superficial. Quanto mais quilômetros o carro corria, pior ficava seus nervos, até que ela se sentiu fisicamente doente, com o estômago embrulhado. Ela olhou pela janela para esconder o que sentia, vendo a rodovia passar. Se Monster soubesse o quanto tudo isso a estava afetando, ela tinha certeza que ele insistiria para que ela não viesse, e não seria uma discussão no que se referia a Monster. Ele provavelmente apenas a jogaria para fora do veículo em algum lugar ao longo do caminho, lidaria com o trabalho em mãos, e se ela tivesse sorte, ele a pegaria no caminho de volta.

Ela não queria que isso acontecesse, então se forçou a respirar longa e lentamente, e esperava que ele não notasse o tremor que lentamente percorreu seu corpo.



Vinte



Eventualmente, eles se aproximaram da pequena cidade.

Sean parou o carro em uma rua lateral, a alguns quarteirões do porto e da base da Marinha.

—Não queremos ser notados, — disse ele. —Nós vamos caminhar o resto.

Lily olhou para Monster, e ele acenou em concordância.

Cada um deles abriu suas respectivas portas e saiu para a rua. Lily não podia acreditar que ela estava de volta aqui. Ela não tinha pensado que voltaria duas vezes, quanto mais uma terceira vez. Ela só esperava que eles fossem capazes de fazer o que era necessário e acabar com Mãos de Cigarro e sua parte neste comércio bárbaro de uma vez por todas.

As ruas estavam calmas, um zumbido estranho pairando sobre a cidade daquela maneira fascinante que as áreas habitadas faziam à noite, o som dos postes de luz, a rodovia distante e centenas de pessoas dormindo. O sabor salgado e ligeiramente suspeito no ar a levou de volta ao tempo que ela havia passado no contêiner todas aquelas semanas atrás, e seu coração tropeçou sozinho, sua respiração ficando rasa. Estaria o Mãos de Cigarro lá, esperando por eles? Pelo que ela sabia, eles podiam ter câmeras de segurança vigiando os contêineres e por isso sabiam que ela e Cameron estiveram lá no dia anterior. Se sim, eles teriam cortado suas perdas e fugido, levando as mulheres com eles? Havia tantas incógnitas, e ela só esperava que algo não os pegasse.

—Tem certeza de que está pronta para isso? — Monster perguntou

a ela. —Você sempre pode esperar no carro. Não sinta que precisa provar nada para ninguém.

—A única pessoa por quem estou fazendo isso sou eu. Bem, eu e as outras mulheres que aqueles bastardos tomaram. — Ao pensar em Mãos de Cigarro, sua raiva cresceu dentro dela, acalmando seus nervos. Era isso que ela precisava segurar, aquela raiva. Ela precisava se agarrar à emoção se fosse superar isso.

—Não deveríamos estacionar o carro mais perto para que possamos fazer uma fuga rápida? — Ela sugeriu, mantendo a voz baixa.

—Se os traficantes estiverem lá, vão ouvir o carro e avisar que estamos chegando. É melhor se os pegarmos de surpresa.

Ela acenou com a cabeça. —Certo, eu vou confiar em você. Afinal, você é o profissional.

Ele deu a ela um olhar de soslaio. —Eu não sou um assassino, Flor.

—Claro, eu sei disso, — disse ela, apressadamente.

O telefone de Monster tocou e ele o verificou. —Mason e Evans ainda estão a uma hora de distância. Eles estão com seu amigo. Sugiro que avaliemos a situação primeiro, para termos uma ideia melhor do que estamos lidando. Pelo que sabemos, os traficantes podem ter transferido as mulheres desde ontem e ido embora.

Ela acenou com a cabeça. —Eu pensei a mesma coisa.

Sean e Chapman deram um passo à frente. —Vamos assumir a liderança, — disse Sean. —Fique atrás de nós.

Monster deu um único aceno de cabeça para mostrar sua concordância. —Lembre, — disse ele aos outros homens, —você não mata o cara no comando, a menos que seja absolutamente necessário. Lily quer esse prazer.

Todas as suas entranhas rodaram lentamente como o conteúdo de

uma máquina de lavar, mas ela apertou os lábios e assentiu. Ela precisava se lembrar do que ele fez com ela e do que fez com inúmeras outras mulheres. Sua raiva fez sua mandíbula apertar e seus músculos se contraírem. Ela queria ver a expressão em seus olhos quando percebesse quem tinha vindo para tirar sua vida.

O que quer que Mãos de Cigarro tenha acreditado, ela havia voltado.

Eles se mantiveram nas ruas laterais, se movendo rapidamente, os homens surpreendentemente leves para seu tamanho. Eles andaram com as mãos perto dos quadris, e ela sabia que todos eles tinham armas escondidas ali, prontos para puxar se necessário. Sua própria arma parecia grande e desajeitada no cóis da calça jeans, o cano roçando seu quadril. A arma a deixara mais confiante antes, mas agora que ela estava com profissionais, ela se sentia inexperiente e fora de seu alcance. Ela saberia como atirar corretamente quando chegasse a hora?

Lily se apressou em acompanhar, sua respiração cada vez mais difícil. Já fazia um tempo desde que ela precisava correr para qualquer lugar. Felizmente, as ruas estavam vazias e eles não encontraram ninguém pelo caminho. Ela imaginou que o pequeno grupo teria causado alguns olhares suspeitos se tivessem sido notados. Eles não se misturavam exatamente. Mas então ela se lembrou que estavam em uma cidade que tinha uma base do Corpo de Fuzileiros Navais. Caras que se pareciam com Sean e Chapman provavelmente eram frequentadores assíduos por aqui, embora ela imaginasse que eles não estariam tão bem vestidos quanto os outros dois homens. Quanto a Monster, bem, ninguém se parecia com ele, embora no escuro, iluminado apenas por uma ocasional luz de rua em uma esquina, sua marca de nascença remanescente pareceria apenas uma sombra.

Ela tentou desesperadamente não pensar no que aconteceria depois de tudo isso. O pensamento a fez querer explodir em lágrimas e se jogar em Monster, e nunca deixar ele ir. Ela não conseguia nem

pensar na vida sem ele, não importa a vida sem ele. Cada vez que sua mente tocava nele, seus pensamentos recuavam como se tivessem sido queimados e mudados para outra coisa.

Eles passaram pela rua, diminuindo a distância entre eles e o porto abandonado. Finalmente, ela viu a cerca alta de arame e as formas retangulares escuras dos contêineres além. O cheiro do oceano ficou mais forte, e ela podia ouvir o barulho das ondas batendo nas paredes de concreto. Um poderoso arrepio percorreu seu corpo e sua mão instintivamente alcançou a arma em sua cintura.

Sean estendeu a mão para ordenar a todos que parassem.

Ela lançou um olhar preocupado para Monster, mas ele continuou olhando para frente, seu perfil severo e rígido, seu queixo erguido. Mais do que tudo, ela queria deslizar sua mão na dele e apenas tocá-lo, extrair de sua força, mas ela não queria distrair ele.

—Arrombamos a fechadura do portão da última vez que estivemos aqui, — disse Sean, mantendo a voz baixa. —Não me incomodei em fechar de novo quando saí. Não sei se Mason e Evans sabiam ou não, mas se ainda estiver aberto, pode significar que ninguém mais esteve aqui desde que partimos. Claro, se estiver fechada, isso também pode significar que os traficantes voltaram e encontraram a fechadura aberta. Isso pode ter levantado suas suspeitas.

—Em vez de especular, — disse Monster, —vamos verificar.

Sean foi à frente, se movendo rapidamente em direção ao portão. Chapman se conteve um pouco, mas puxou a arma.

Ele está cobrindo seu colega, ela percebeu.

Sean deslizou a corrente por entre os dedos e ergueu para que vissem. Ainda estava destrancado.

Monster ergueu a mão. —Um momento. — Usando seu celular, ele digitou uma mensagem. Em segundos, o telefone zumbiu em sua mão e ele o leu rapidamente. —Mason diz que eles nunca se preocuparam em trancar atrás de si. Então, ou os traficantes não voltaram desde

então ou deixaram em aberto na esperança de que voltemos.

Sean empurrou o portão para que abrisse um pouco. —Se for esse o caso, parece que eles conseguiram o que esperavam.

Todos os três homens sacaram suas armas e, se sentindo perdida, mas não querendo parecer uma mulher indefesa, Lily fez o mesmo. O aperto era bom em sua mão, como se de alguma forma a centralizasse, a tornasse mais poderosa. Ela entendeu como algumas pessoas se tornaram viciadas em possuir armas, como isso as fazia se sentir mais do que o normal. Tendo a arma e Monster ao seu lado, ela poderia ter um exército ao seu redor. Embora ela ainda estivesse nervosa, sua frequência cardíaca diminuiu ligeiramente e o mundo ao seu redor ficou mais claro. Ela se concentrou na tarefa em mãos, libertar as mulheres, se elas ainda estivessem lá e encontrar e matar Mãos de Cigarro e seu parceiro.

À distância, no mar, a explosão de uma buzina de nevoeiro a fez pular. Eles obviamente ainda estavam na rota de embarque, mesmo que o porto em si estivesse fechado.

Os quatro passaram pelo portão e entraram no porto. Havia vários contêineres, pelo menos vinte. Ela não estava cem por cento certa de qual contêiner ela ouviu o grito de socorro vir, já que ela estava distraída por seus próprios problemas no momento.

—Não tenho certeza se sei exatamente em qual contêiner de remessa acho que as mulheres podem estar, mas posso restringir, — disse ela, sua voz apenas uma fração acima de um sussurro.

—Vamos verificar a área primeiro, — disse Monster, seu tom combinando com o dela. —Vamos garantir que os traficantes não estejam por perto e depois veremos como é a libertação das meninas. Remover a ameaça de ser baleado por aqueles homens deve ser nossa prioridade.

Ela acenou com a cabeça. —Eu entendo.

—Sean, Chapman, — ele instruiu, —você vai para a esquerda. Nós

iremos direto.

Sean hesitou. —Um de nós não deveria ir com você, senhor?

—Eu vou ficar bem. Não acho que haja ninguém aqui, de qualquer maneira. Eles já deveriam ter começado a atirar, mas tanto Lily quanto eu, estamos armados. Vamos gritar se alguma coisa chamar nossa atenção.

Sean acenou com a cabeça. —Certo. Nos encontraremos no lado oposto. Se mova rápido e silenciosamente e chame se precisar de ajuda.

Monster acenou com a cabeça. —O mesmo para você.

Eles se separaram, Lily grudando ao lado do Monster. Antes de avançarem, ela sentiu a mão dele envolver a dela e ele apertou seus dedos. Seu coração se elevou e ela olhou para ele. Ele a estava estudando como se estivesse pensando todas as mesmas coisas que passaram por sua mente nas últimas horas.

—Fique segura, Flor, — ele disse. —E fique por perto.

O puxão de um sorriso tocou seu rosto. —Eu vou.

E ele largou a mão dela.

Eles se moveram para a direita, longe da direção do contêiner que potencialmente continha as mulheres. Nenhum outro veículo que chamasse a atenção estava por perto, e Lily se perguntou se talvez o Mãos de Cigarro não estivesse aqui. Ela não sabia como se sentia sobre isso. Uma pequena parte dela ficou aliviada, mas a outra parte sabia que ela não iria descansar até que ela visse o fim do filho da puta.

Eles contornaram o contêiner final e passaram por ele para começar do outro lado. Se mantendo juntos, eles correram para o outro lado, parando a cada vez para verificar as lacunas entre os recipientes. Quando eles notaram que estava limpo, eles correram pelo espaço até o próximo contêiner. O oceano estava atrás deles, as ondas batendo contra o cais. A noite parecia incrivelmente escura, embora

houvesse pouca cobertura de nuvens e a lua estivesse cheia. As únicas outras iluminações eram pontinhos de luz no mar e algumas luzes de segurança abandonadas. Ela podia ouvir o zumbido do tráfego distante, mas a esta hora da manhã, até mesmo isso era fraco.

A respiração de Monster chegou perto de seu ouvido, o calor de seu corpo pressionando contra o dela. Ela se sentiu muito grata por tê-lo aqui, embora ele tenha sido o único a trazer esses homens para sua vida em primeiro lugar. Pelo menos agora eles tinham uma chance de detê-los. Se ela não tivesse passado pelo que passou, os homens continuariam a traficar mulheres, pensando que ninguém iria tocar eles.

Agora ela tinha a chance de interromper pelo menos uma pequena parte desse comércio horrível.



Vinte e um



Uma luz brilhou na escuridão à frente.

Lily estendeu a mão e agarrou o antebraço de Monster, mas ele permaneceu impassível.

—Está tudo bem, — disse ele. —É apenas Sean e Chapman.

Ela deu um suspiro. —Eles obviamente também não encontraram ninguém.

—Não, eles teriam nos avisado se tivessem.

Os dois pequenos grupos continuaram na linha de contêineres até que se encontraram no meio do caminho.

—Nenhum sinal de ninguém, senhor, — disse Chapman.

—Eu deduzi isso, — respondeu Monster. —Vamos ver se tem alguém dentro de uma dessas coisas. — Ele se virou para ela. —De qual você acha que ouviu vozes, Lily?

Ela estava satisfeita por ele ter usado seu nome verdadeiro na frente dos outros homens. —Não tenho certeza, mas acho que foi cerca de sete ou oito contêineres deste lado. E era apenas uma voz, mas se o que experimentei é alguma indicação, pode haver até seis mulheres lá, possivelmente até mais.

Ele assentiu. —Certo, vamos dar uma olhada.

Lily ergueu a mão para deter ele. —Posso apenas dizer uma coisa a todos vocês?

Ela sentiu os olhos dos três homens se voltarem para ela.

—Vá em frente, — disse Monster.

Ela falou, sentindo que precisava ser uma voz para as garotas que eles poderiam encontrar. —Essas mulheres vão ficar apavoradas. Provavelmente, elas foram feridas, possivelmente estupradas, e não irão ver vocês como homens que estão lá para resgatá-las. Elas provavelmente vão pensar que vocês são mais homens que querem usá-las e que vão levá-las para algum outro lugar onde serão tratadas da mesma forma que eles. Não se surpreenda se elas o temerem ou mesmo se tentarem lutar com você. No momento, elas provavelmente estão vendo todos os homens como inimigos.

—Nós entendemos, — disse Chapman.

—Então, se mova devagar com elas, — ela continuou querendo levar a mensagem para entendimento. —Seja compassivo, seja gentil.

Mesmo que Chapman dissesse que entende, ele não entendia. Ele não tinha ideia. Nenhum deles fez.

—Isso se encontrarmos alguma coisa, — disse Sean.

—Eu ouvi algo, eu sei que sim. Se as mulheres não estiverem mais no contêiner, elas foram levadas para outro lugar.

Monster tocou seu cotovelo. —Vamos descobrir.

Como um pequeno grupo, com Lily liderando o caminho desta vez, eles correram para o conjunto de contêineres onde ela pensou ter ouvido a voz. Verificando as frentes dos contêineres, ela notou que todos pareciam idênticos, cada um deles mantido fechado com correntes com cadeado.

—Chame-as novamente, — disse Monster. —Elas são mais propensas a responder à voz de outra mulher.

Lily assentiu e se aproximou do primeiro contêiner. —Olá? — Ela chamou, pressionando sua orelha perto do metal enferrujado. —Tem alguém aí? — Ela hesitou e então ergueu a mão e bateu com os nós dos dedos na lateral com um som oco. —Nós estamos aqui para

ajudar. Não vamos te machucar, eu prometo. Diga se você está aí dentro.

Ela olhou para os homens. Todos eles a olhavam com expectativa, como se pensassem que ela lhes daria algum tipo de visão que eles não poderiam ter descoberto sozinhos.

—Eu acho que este está vazio. Vamos tentar o próximo.

Eles seguiram em frente e Lily repetiu o processo. Ela se moveu, pressionando as mãos contra o metal enquanto chamava.

—O que você está fazendo? — Monster perguntou.

—Tentando ver se há uma mudança na temperatura que pode sinalizar o calor do corpo de alguém, — ela respondeu.

Monster sacudiu o queixo para os outros homens, e eles seguiram o exemplo de Lily, pressionando as palmas das mãos contra as paredes do contêiner.

Lily continuou a gritar. —Olá? Tem alguém aí? Estamos aqui para te ajudar. — Era difícil dizer se ela sentia alguma diferença na temperatura das paredes do contêiner. A noite amena não ajudou, e ela não obteve nenhuma resposta aos seus gritos.

Com a frustração crescendo dentro dela e cada vez mais preocupada que as mulheres tivessem sido movidas, ela disse. — Vamos tentar o próximo.

Eles se afastaram para ir para o contêiner adjacente, quando ela ouviu o mais fraco dos gritos.

Ela congelou. —Espere, o que foi isso?

Monster franziu a testa e olhou para o oceano. —Pode ter sido um pássaro na água.

—Não, tenho certeza de que era uma pessoa. — Ela voltou correndo e bateu com a palma da mão na parede de metal. —Se você estiver aí, por favor nos avise!

—Talvez devêssemos apenas abrir a maldita coisa, — disse Monster.

Ela olhou para ele com os olhos arregalados. —Sim, abra.

Eles foram para a frente do contêiner. Monster puxou sua arma. — Todo mundo se afaste.

Faíscas brancas explodiram ao redor da fechadura e o tiro ecoou pela noite, o som ricocheteando nas paredes dos contêineres, deixando seus ouvidos zumbindo. Ela instintivamente desviou o rosto para o tiro, mas agora ela se virou e viu a fechadura pendurada de um lado. Monster deu um passo à frente e arrancou o metal empenado, jogando o cadeado no chão. Com um grunhido, ele abriu o grande conjunto de portas.

O cheiro a atingiu primeiro, amônia e outros odores corporais e automaticamente ela cobriu o nariz e a boca com a mão.

—Jesus Cristo, — exclamou Sean, se afastando com o nariz enrugado.

Ela o fulminou com o olhar, não querendo que ninguém que pudesse estar lá dentro se sentisse ainda pior sobre si mesmo.

Uma luz repentina iluminou o espaço e Lily olhou ao redor surpresa. Monster estava segurando seu telefone celular, usando o aplicativo de lanterna para iluminar o interior do contêiner. A luz era limitada, o contêiner ainda continha bolsões de escuridão e sombras como um segredo.

Por um momento, Lily pensou que o contêiner estava vazio, mas então, bem no fundo, a luz refletiu de volta em vários pares de olhos arregalados e assustados.

—Oh meu Deus.

Esquecendo tudo sobre Mãos de Cigarro e sua missão de ver ele morto, Lily correu para frente, seus pensamentos agora apenas com essas pobres mulheres.

Monster e os outros dois homens a seguiram de perto. As mulheres se esquivaram da luz, as mãos levantadas para proteger os olhos. Era tudo exatamente como ela se lembrava. Que estranho pensar que ela tinha sido uma dessas mulheres não há muito tempo. Ela sentiu como se a experiência tivesse acontecido com outra pessoa.

—Está tudo bem, — disse Lily quando ela as alcançou. —Você está segura agora. Você precisa vir conosco.

As meninas choramingaram e se encolheram. Lily as contou... quatro mulheres no total. Todas pareciam jovens, como eram antes, mais jovens do que ela por oito a dez anos, portanto, não mais do que meninas. Ela não podia imaginar como suas famílias deveriam estar preocupadas.

Sua raiva contra Mãos de Cigarro cresceu dentro dela como uma cobra que acabou de subir e deu o bote.

Ela se aproximou delas. —Por favor, precisamos ir. — Ela percebeu que seus olhos passaram por ela, em direção aos homens que estavam atrás. —Eles não vão machucar vocês, — disse ela, tentando não pensar no fato de um deles ordenar seu sequestro e colocá-la nessa situação, e o outro a ter levado de fora do contêiner apenas por questão horas antes.

Lily estendeu a mão para a mais nova, uma garota com cabelo loiro escuro que caía como uma cauda de rato ao redor de seu rosto pálido.

—Tudo bem. Estamos tirando você daqui.

Mas a garota se encolheu, seus braços em volta de si mesma. — Não, os homens vão nos punir se voltarem e nos encontrarem tentando escapar.

—Eles não podem te punir se estiverem mortos.

—Eles estão mortos? — Uma garota mais velha perguntou, esperança iluminando sua voz.

Lily balançou a cabeça. —Ainda não, mas eles estarão. Eles mexeram com as pessoas erradas desta vez.

—Não podemos ir, — disse outra garota. —Eles voltarão e saberão que partimos, e então nos encontrarão novamente e nos farão pagar

—Eles não vão voltar e, mesmo se voltarem, você já terá partido há muito tempo, — disse ela, tentando não ficar frustrada com a falta de ação delas. Ela estendeu a mão novamente. —Por favor, precisamos tirar vocês daqui.

As meninas estavam de braços nus e pernas, vestindo apenas calcinhas e camisetas, ou vestidos finos de verão. Ela nem mesmo queria pensar no que aconteceu com o resto das roupas delas. Sua pele nua estava imunda e elas claramente haviam sido espancadas. Ela lutou para ver onde os arranhões e hematomas terminavam e onde começava a sujeira.

—Nós deveríamos simplesmente tirar elas daqui, — Sean rosnou atrás dela.

A cabeça de Lily se virou e ela olhou furiosa para ele. —Você não está ajudando, — ela retrucou.

Ela se voltou para as mulheres. —Por favor, — ela tentou novamente. —Estamos ajudando vocês. Não deixe que sua última ação como mulheres livres seja recusar ajuda quando ela foi oferecida. Acredite em mim, você não quer ter que viver com esse conhecimento.

A loira sufocou um soluço. Lágrimas cortaram linhas claras em seu rosto imundo. Finalmente, a garota acenou com a cabeça e estendeu a mão e pegou a mão de Lily. Lily a segurou com força e a colocou de pé. Ela se sentia como se a garota não pesasse nada. Era assim que ela se sentia também? Como uma criança pequena e como se ela pudesse voar para longe com uma rajada de ar.

À ação de sua compatriota, as outras mulheres começaram a se mover também. Em segundos, elas estavam todas de pé, correndo em direção à saída.

—Graças a Deus por isso, — disse Monster, e ela lançou a ele um olhar para dizer-lhe para manter a boca fechada. Ele não entendia as mulheres, ou o que essas mulheres em particular haviam passado, e ela não precisava que ele fizesse nenhum comentário que as irritassem.

Com todas as mulheres do lado de fora, Lily desejou ter alguns cobertores para cobrir elas. Mesmo que a noite estivesse quente, elas estavam todas expostas, seus braços magros em volta de seus copos estreitos ou suas mãos puxando a barra de suas camisetas ou saias. Como se sentisse o que ela estava pensando, Monster tirou sua jaqueta e colocou ela sobre os ombros da garota de aparência mais jovem e vulnerável. A garota estremeceu com seu contato, se encolhendo dele com medo, mas se agarrou ao material que a cobria.

—Venha, vamos levá-las para o carro, — disse Lily. —Vamos descobrir o que fazer a partir daí.

—Eles pegaram outra garota, — a garota um pouco mais velha com o cabelo escuro de repente chorou. —Cerca de uma hora antes de você chegar. Eles estão vendendo ela para alguém. Se você tivesse chegado aqui antes, você também a teria salvado.

O estômago de Lily se revirou de culpa. Ela esteve com Monster, fazendo sexo com ele. Ela tinha sido responsável pela perda de outra vida porque não foi capaz de se controlar?

—Para onde eles a levaram? — Monster perguntou.

A menina balançou a cabeça. —Não tenho certeza. Os homens apenas riram sobre ela ir para sua nova 'casa,' e então eles discutiram sobre algo a ver com o amanhecer.

—Existem três opções, — disse Monster. —A estrada, a água ou o ar.

Lily mordeu o lábio inferior. —Eles me colocaram em um avião, mas você sabe disso de qualquer maneira. Não sei se eles fazem isso com todo mundo.

Chapman falou. —Isso pode explicar por que eles têm que esperar até o amanhecer, no entanto. Talvez seja quando o voo está programado.

Lily olhou entre os dois homens. —Há uma pista de pouso particular a alguns quilômetros da cidade. Talvez Mão de Cigarro a tenha levado lá.

Monster olhou seu relógio. —Falta apenas uma hora para o amanhecer. Se vamos tentar o campo de aviação, sugiro que continuemos.

Lily concordou. —Vamos.



Vinte e dois



Eles correram de volta para o carro, grudando nas paredes dos prédios ao redor em um esforço para não serem vistos. Embora ainda fosse noite, era cedo o suficiente para que as pessoas que trabalhavam nos primeiros turnos se preparassem para o trabalho. A última coisa que eles precisavam era que alguém os denunciasse como suspeitos e eles fossem parados pela polícia. Ela não sabia sobre Monster, Sean e Chapman, mas ela não tinha uma explicação decente para a arma de fogo que carregava, e ela certamente não tinha uma licença.

As meninas estavam descalças, mas não pareciam notar nenhum desconforto na pressa de ir embora. Lily se perguntou se eles deveriam ter enviado Chapman para pegar o carro e trazer para eles, em vez de eles tentarem levar todos até o carro, mas as mulheres não queriam esperar no porto com medo dos traficantes voltarem. Além disso, fazer dessa forma era um pouco mais rápido e, agora, cada minuto contava.

Seus passos atingiram a calçada muito alto, sua respiração difícil em seus ouvidos. A sensação de que o tempo vital estava se esgotando a pressionou, e ela desejou poder fazer algo para voltar e recuperar o tempo que haviam perdido. O céu não era mais o preto espesso de quando eles chegaram, mas clareado para um púrpura rico. O amanhecer não estaria longe.

—Precisamos, — ela engasgou para Monster enquanto corriam, lado a lado, —chamar... a polícia.

Ele balançou a cabeça e olhou para ela. A corrida não parecia tê-lo afetado nem um pouco. Suas bochechas estavam ligeiramente vermelhas, mas enquanto ela ofegava, ele falava normalmente. —Não podemos. Como explicaríamos à polícia como encontramos as

mulheres? Além disso, eu nem deveria estar no país, pelo menos não em minha verdadeira identidade, e ainda precisamos fazer você desaparecer. Isso não vai acontecer se a polícia estiver envolvida.

—Mas o que vamos fazer com elas? — Ela disse entre respirações.
—A polícia precisa saber.

—Se chamarmos a polícia, qualquer esperança que você possa ter de encontrar e matar o cara que você chama de Mãos de Cigarro vai acabar. Você entende isso, não é?

Ela fez uma careta. Seus pulmões queimavam e ela estava começando a levar pontos na lateral do corpo. —Tudo bem, sem polícia. — Ela respirou fundo e exalou. —Mas precisamos levar elas para algum lugar seguro. Não podemos simplesmente deixá-las vagar pelas ruas. Olhe o estado em que elas estão.

Ambos olharam para o pequeno grupo de mulheres amontoadas enquanto corriam pelas ruas como um rebanho de ovelhas. A loira mais jovem estava chorando enquanto corria, e a morena mais velha tinha conseguido passar um braço em volta dos ombros da garota mais nova, então parecia que elas estavam fazendo uma corrida estranha de três pernas, mas sem a corda. A jaqueta de Monster, que ele deu para a garota, balançou entre elas.

—E se eu pedir a Chapman que as leve ao hospital? — Ele sugeriu.
—Ele pode deixar elas do lado de fora sem ser questionado.

Ela franziu o rosto com indecisão, o estômago revirando. A situação toda a fazia se sentir péssima, como se ela estivesse abandonando essas pobres garotas para o que quer que elas enfrentem a seguir. Ela queria guiá-las em cada passo do caminho, dizer-lhes que podiam se recuperar e continuar sendo felizes. Mas suas opções eram limitadas.

Os dedos de Monster tocaram as costas de sua mão. —Flor, se não formos agora, não teremos chance de chegar ao campo de aviação a tempo. Ninguém jamais saberá o que aconteceu com a outra garota, e Mãos de Cigarro vai fugir. Deixe Chapman levar as mulheres ao

hospital. Elas estarão nas mãos de profissionais que terão lidado com situações como esta e piores.

—Tudo bem, — ela concordou, e então pensou em algo. —Onde estão os homens que têm Cameron? Por que eles ainda não estão aqui?

—Não sei. Vou verificar, mas não podemos esperar por eles. Se vamos fazer isso, precisamos fazer agora.

Ela acenou com a cabeça. —Eu entendo.

Ao se aproximarem da rua lateral estreita onde haviam deixado o carro, um medo irracional de que o carro não estava mais onde o haviam deixado a encheu, mas dobraram a esquina para encontrar o veículo exatamente onde o haviam deixado. Ela esperava ter visto Cameron agora, mas ainda não havia nenhum sinal dele. Não poderia ser evitado. Ela precisava confiar que Monster havia lhe contado a verdade, e ela o veria assim que Mãos de Cigarro estivesse morto e a última garota fosse resgatada.

Eles chegaram à rua onde o carro estava estacionado. Sean apertou o botão do chaveiro e as portas foram destrancadas com um baque e um piscar de faróis. Eles pararam, todos amontoados ao lado do veículo.

Monster rapidamente fez uma ligação. Ele nem mesmo precisou dizer nada, a pessoa para quem ele ligou falando imediatamente.

Monster acenou com a cabeça, embora a pessoa no final da linha não pudesse ver ele. —Venha aqui o mais rápido que puder, — ele disse, e desligou.

Lily mordeu o lábio nervosamente. —O que aconteceu?

—Era Mason, que está no outro carro com seu amigo. Houve um acidente na rodovia. Deve ter acontecido não muito depois de termos passado. Não se preocupe, o carro deles não estava envolvido, mas a estrada estava bloqueada e eles ficaram presos no congestionamento. Ele está se movendo agora, então eles estão a

caminho.

—Bom.

Lily olhou entre o número de pessoas no grupo e o tamanho do carro. —Nunca vamos caber em apenas um carro, — disse ela. —O que nós vamos fazer?

Monster seguiu sua linha de visão. —A que distância você disse que o campo de aviação está?

—Fica a cerca de cinco quilômetros daqui, de acordo com o cara com quem conversei na base da Marinha, — disse ela. —Passei cerca de vinte minutos no carro quando fui levada daqui da última vez, mas estava em uma situação muito estressante, então posso ter julgado mal.

—Poderíamos deixar as meninas aqui por enquanto e ir para o campo de aviação. Cuidaremos do Mãos de Cigarro, supondo que ele esteja lá, e depois voltaremos para buscar as mulheres. Então Chapman pode levá-las ao hospital.

—Não podemos deixá-las aqui sozinhas o tempo todo, — disse ela, consternada. —Elas estão muito vulneráveis.

—Não se preocupe, — disse Chapman. —Vocês pegam o carro. Posso roubar um para levar as meninas ao hospital. Não pode ser longe daqui, e é menos provável que eu seja parado.

Monster ergueu as sobrancelhas. —Se você for parado, você estará em um carro roubado com um grupo de mulheres sequestradas. Isso não vai parecer bom para você.

—As meninas podem contar aos policiais o que aconteceu. Direi que foi uma emergência, que encontrei as meninas por acidente, ouvi elas gritarem por socorro enquanto passava. Disseram que os traficantes voltariam logo, então entrei em pânico e peguei o carro. —Ele encolheu os ombros. —Claro, ainda posso parecer um criminoso, mas serei um maldito herói.

—Contanto que você tenha certeza.

Ele sorriu. —Tenho certeza. As meninas vão apoiar minha história, certo, senhoras?

Todas elas acenaram com a cabeça obedientemente. Lily não tinha certeza se a polícia acreditaria na história se saísse da boca delas. Considerando o quanto eles não acreditaram em sua história, a polícia provavelmente pensaria que Chapman havia batido nas mulheres para que contassem essa história. Mas ela não se preocuparia com isso agora. Eles precisavam chegar ao aeroporto e impedir que Mãos de Cigarro saíssem.

—Tudo bem, — concordou Lily. —Parece nossa única opção.

—Só me dê alguns minutos, — disse Chapman.

Ele se afastou deles, subindo a rua. Cada vez que ele chegava a algum carro estacionado, ele experimentava as portas, verificando se alguma delas estava destrancada. Lily o observou ansiosamente, esperando que ninguém o localizasse e chamasse a polícia. Essa era a última coisa que eles precisavam.

Depois de seis ou sete carros, uma porta finalmente se abriu.

—Bingo, — ele gritou de volta para eles.

O homenzarrão desapareceu de cabeça no carro, se encostando na área dos pés do lado do motorista. Um momento depois, o motor do carro rugiu para vida. A cabeça de Chapman ergueu novamente e ele se acomodou no banco do motorista e estendeu a mão para fechar a porta do carro. Em menos de um minuto, ele manobrou o carro em uma curva de três pontos e parou ao lado do grupo em espera. Ele saiu e parou ao lado do veículo roubado. Apesar de seu terno elegante, Lily adivinhou que sua vida profissional normalmente deve ser mais criminosa do que um emprego normal.

O que você está falando? Ela disse para si mesma. *Ele trabalha para Monster. Claro que ele é um criminoso.*

Chapman abriu a porta traseira. —Entrem senhoras, — disse ele com um sorriso, como se estivesse levando-as para um encontro.

As mulheres hesitaram e todas olharam para ela em busca de segurança.

Lily sorriu para elas. —Ficará tudo bem. Chapman quer ajudá-las. Ele vai te levar para um hospital, para um lugar seguro. Eu prometo. Mas se você não quiser ir com ele, tudo bem também...

—Lily...— Monster rosnou, mas ela o ignorou.

—Vocês são mulheres livres. Vocês podem fazer o que quiserem. Vocês podem vir conosco, mas eu não aconselharia isso. Somos nós que estamos tentando encontrar os homens que levaram vocês, e não posso prometer que isso vai dar certo. Eu odiaria que qualquer uma de vocês fosse levada novamente. Ou então podemos lhe dar algum dinheiro e você pode seguir seu próprio caminho para a segurança. A escolha é totalmente sua.

—Vamos ficar juntas, — disse a garota mais velha de cabelos escuros. —E aceitaremos sua ajuda, obrigada. Se não fosse por você, ainda estaríamos trancadas naquele buraco do inferno.

Lily sorriu, e desta vez pareceu genuíno. —Estou feliz. Qual o seu nome?

—Eu sou Kristin.

A loira mais jovem falou. —Meu nome é Ruby.

—Sophia, — acrescentou a outra garota.

—Eu sou Anna-Louise, — disse a quarta.

—Meu nome é Lily, — ela disse, olhando entre todas elas. —Você sabe como a outra garota que ele pegou se chama?

Elas balançaram a cabeça simultaneamente.

—Nunca conversamos de verdade por dentro, — disse Kristin. — Os traficantes nos disseram que saberiam e nos puniriam se o

fizéssemos.

Lily concordou. Seus olhos se encheram de lágrimas e um carão doloroso se formou em sua garganta. Ela engoliu em seco e tentou falar. —Eu sei. Eu também estive no contêiner uma vez. É por isso que fui capaz de encontrar vocês.

De forma totalmente inesperada, Kristin se lançou contra Lily e a abraçou com força. Lily lutou contra sua fobia de ser tocada, especialmente por estranhos. Não importa. Isso era maior do que isso. Ela poderia controlar sua fobia e obrigar-se a apertar a garota de volta. Uma por uma, cada uma das garotas se agarrou a ela em um abraço, até que se juntaram em um grande abraço coletivo levemente fedorento, a maioria com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Chapman pigarreou. —Desculpe, senhoras, mas precisamos nos mover antes que alguém perceba que seu carro está funcionando quando não deveria.

As mulheres se separaram umas das outras.

—Obrigada, — disse Kristin. —Quando encontrarmos um lugar seguro, podemos entrar em contato com você novamente para conversar?

Lily olhou brevemente para Monster, que estava parado com os lábios pressionados. Ela balançou a cabeça. —Não, você não pode me encontrar novamente. Eu tenho que desaparecer depois disso. Não é seguro para mim. Mas vou garantir que isso acabe para cada uma de vocês. Eu vou matar aquele bastardo, eu prometo que vou.

Elas não disseram mais nada, apenas acenaram com a cabeça, piscaram para conter as lágrimas e entraram no carro. Chapman voltou para o banco do motorista e todas as quatro portas se fecharam.

O toque do Monster em seu braço chamou sua atenção. —Temos que ir, Flor.

Ela enxugou as próprias lágrimas com as costas da mão e assentiu.

—Eu sei. Estou indo.

E ela observou o carro que continha as mulheres partir para um local seguro.



Vinte e três



Lily, Monster e Sean correram para o carro restante. Cada um deles estava ciente da urgência, sabendo que o avião poderia decolar a qualquer minuto com Mãos de Cigarro e a garota restante dentro, e eles se jogaram no veículo. Monster sentou no banco do passageiro, com Sean dirigindo e Lily no banco de trás. Ela não se preocupou em colocar o cinto, mas em vez disso se inclinou para a frente no espaço entre os dois bancos da frente. Monster verificou o mapa em seu celular.

Ele apontou para a tela. —Este é o único campo de aviação nas proximidades. Se estivermos certos em pensar que é de onde os traficantes estão tirando as mulheres, então é onde eles estarão.

—O que estamos esperando? — disse Lily.

Sean balançou a cabeça. —Não estamos.

Ele ligou o carro e pisou fundo no acelerador, puxando com um guincho de pneus. Ele manobrou o carro para a estrada principal, com o pé no chão o suficiente para que a força a jogasse para trás.

Monster ficou de olho no GPS de seu telefone, dando instruções a Sean enquanto o outro homem dirigia.

Lily se perguntou se Chapman já havia encontrado o hospital e se havia deixado as meninas. Seu coração doeu por elas. Elas teriam uma longa jornada para a recuperação, mais mentalmente do que fisicamente, mas pelo menos agora elas estariam reunidas com suas famílias e entes queridos. O fato de ela ter contribuído para que isso acontecesse a fez sentir como se tivesse conquistado algo. Ela sempre encontrou sua satisfação em ajudar os outros, embora normalmente

fosse por meio de seu trabalho de terapia a laser. Ela nunca tinha imaginado que sua vida a levaria por esse caminho.

Eles passaram por vários outros veículos enquanto saíam da cidade, mas ninguém lhes deu atenção. Lily se inclinou para frente, desejando que o carro fosse mais rápido, embora não quisesse ser parada pelos policiais.

Eles deixaram os arredores da pequena cidade estranha que se formou em torno da base do Corpo de Fuzileiros Navais e dirigiram para o campo circundante e plano.

—De acordo com isso, o campo de aviação é chamado de Fairview Landing, — disse Monster, virando-se para olhar para ela. Lily resistiu ao impulso de avançar e beijá-lo na bochecha. —Deve ser apenas mais um quilômetro ou mais a partir daqui.

Assim que ele disse as palavras, um brilho se ergueu ao longe e, conforme o carro percorria a estrada, o brilho se transformou em holofotes individuais que iluminaram a área. Lily avistou um prédio branco de telhado plano que só poderia ser um hangar de aeronaves. Além dele, havia uma pista de pouso de asfalto, cercada por campos de gramado bem cuidado.

—Apague os faróis, — disse Monster a Sean.

O outro homem obedeceu e a estrada à frente mergulhou na escuridão.

Um prédio era separado do campo de aviação, uma propriedade residencial e o único nas proximidades. Lily presumiu que era propriedade de quem possuía e mantinha o campo de aviação. A raiva cresceu dentro dela. Quem quer que seja o proprietário da casa deve saber pelo menos um pouco sobre o que está acontecendo. Eles devem estar recebendo uma parte em algum lugar ao longo da linha para fechar os olhos ao que estava acontecendo. Ela fez uma nota mental para avisar a polícia se ela sobrevivesse. Com sorte, a polícia realmente faria algo desta vez.

Antes de chegarem ao campo de aviação, Sean desligou o motor e parou o carro. Lily entendeu por quê, não queriam que ninguém ouvisse o carro e fosse avisado de sua chegada.

Eles desceram do veículo e ficaram olhando para o campo de aviação.

Uma série de pequenas aeronaves estava estacionada perto do hangar, enquanto um avião maior estava na pista de pouso. A porta do avião maior estava aberta, degraus de metal que levavam ao interior. A luz brilhava em cada uma das quatro janelas de vigia.

O coração de Lily deu um salto. Este deve ser o avião. Eles ainda não haviam partido. Ainda havia uma chance de pegar Mãos de Cigarro e resgatar a garota. Claro, também havia uma chance de que todos fossem baleados tentando, mas esse era um preço que ela estava disposta a pagar. A ideia de morrer a assustava, mas no momento, a ideia de viver também. Não era como se ela tivesse muita vida quando tudo acabasse de qualquer maneira.

—Nós nos movemos com cautela e silenciosamente, — Monster disse, mantendo sua voz baixa. —Tal como antes, o elemento surpresa é a nossa principal vantagem. Eles não estarão nos esperando, então precisamos agir rapidamente.

—Claro, — ela disse.

Ele tocou seu braço. —Lily, por favor, vamos primeiro avaliar a situação. Fico feliz que você coloque uma bala nesse cara se é isso que você quer, mas não quero que leve um tiro.

Ela olhou para ele. —E você? Eu também não quero que você se machuque.

—Eu sei disso, mas Sean é treinado. Eu, pelo menos, sei manejar armas. Você é uma terapeuta a laser, não uma criminosa.

—Eu sou mais forte do que pareço.

Ele deu a ela um sorriso tenso que estava cheio de pesar. —Fui eu

quem fez você assim.

Ela balançou a cabeça. —Não totalmente. A vida antes de eu conhecer você já me ensinou que pode ser cruel. Eu sou mais do que apenas uma soma do que você me fez, Monster.

Ele estendeu a mão e roçou sua bochecha com as costas dos nós dos dedos. —Claro.

—Vamos fazer isso então, antes que seja tarde demais.

Antes que ela pudesse voltar para a pista de pouso, ele pegou sua mão. —Flor, espere. Sei que estou sempre fazendo coisas erradas, mas você precisa saber que sempre será minha prioridade. Você pode querer salvar essa garota, mas a única coisa que estou interessado em salvar é você. A única razão de estarmos aqui agora é por causa do acordo que fizemos.

—Eu sei.

Ele apertou os dedos dela. —Então, se as coisas começarem a ficar ruins, vou tirar você de lá. Eu não quero você chutando e gritando por causa disso, eu só quero que você faça o que eu digo, e eu te conheço e fazer o que eu digo nem sempre está tão bem.

—Vou me comportar, eu prometo.

Ele se inclinou e a beijou rapidamente, fazendo seu coração apertar, e então soltou sua mão.

Com Sean liderando o caminho, eles correram pelo campo de aviação, até onde o avião estava na pista. Embora as luzes estivessem acesas lá dentro, até agora não havia sinal de mais ninguém. O motor ainda não tinha sido ligado, então eles tinham um pouco de tempo. Eles não corriam o risco de serem atropelados por um avião em movimento ainda.

Formas se moveram de dentro, sombras recortadas contra a luz. Lily estendeu a mão para agarrar o braço de Monstro, chamando sua atenção. —Alguém está no avião, — ela sibilou.

Ela se lembrou de como foi mantida no avião em sua própria jornada, no chão, no banco de trás, com as mãos amarradas e um saco na cabeça. Era a mesma aeronave ou diferente? A garota também estava amarrada da mesma maneira? Nesse caso, eles precisariam tirar Mãos de Cigarro e depois ir atrás dela. Se o avião pudesse decolar antes que isso acontecesse, eles a perderiam. Os traficantes provavelmente a jogariam para fora do avião no oceano, só para que ela não pudesse ser rastreada até eles. Lily imaginou o corpo da garota indo parar em uma praia em algum lugar daqui a um mês, irreconhecível e sem identificação.

—O que nós fazemos? — Lily sibilou. —Vamos embarcar no avião?

—Pelo menos então estaremos no mesmo nível, — Monster meditou, —mas vamos apenas nos conter por um minuto e avaliar a situação. Precisamos saber com quantas pessoas estamos lidando.

—Tudo bem, — ela concordou.

Sean interveio. —Não podemos ficar ao ar livre, senhor.

—Você tem razão. Vamos para o avião e vamos para atrás dos degraus. Podemos decidir nosso próximo movimento a partir daí.

Ficando abaixados, eles correram como um pequeno grupo pelo asfalto. Os dedos de Lily agarraram com força o punho de sua arma enquanto ela corria, e a mão de Monster colocada levemente em suas costas deu-lhe segurança. O trecho entre o hangar de aeronaves e o avião parecia enorme, uma extensão de espaço sem fim que os deixava vulneráveis. Ela pensou que eles iriam ver a qualquer momento, seu corpo ficou tenso ao som de gritos. A distância diminuiu, agora apenas a alguns metros da segurança relativa dos degraus do avião. A aeronave parecia muito maior agora que eles estavam mais próximos, e a ideia de que Mãos de Cigarro e outra mulher sequestrada estivessem lá dentro fez seu estômago embrulhar os nervos.

Tiros repentinos explodiram no meio da noite e, instintivamente, os três se abaixaram e se jogaram em direção ao abrigo dos degraus do

avião. Lily escorregou de joelhos, roçando as canelas e os nós dos dedos no chão, mas manteve o controle sobre a arma.

Mais tiros vieram da direção do hangar de aeronaves, e eles foram forçados a se agachar atrás dos degraus.

—Merda, alguém está atirando em nós, — Lily gritou, seus dedos apertando ao redor do cabo de sua arma, se perguntando se eles deveriam atirar de volta.

—Está vindo da direção do hangar, — disse Sean. —Não vamos chegar nem perto do interior do avião enquanto alguém estiver nos usando como alvo.

—Você pode chegar atrás do prédio? — Monster perguntou a Sean. —Eu vou te cobrir. Tire o cara pela retaguarda, se puder.

Sean acenou com a cabeça. —Eu estou trabalhando nisso.

Tanto Monster quanto Sean se levantaram e saíram de trás da segurança dos degraus.

Se abaixando, Sean saiu correndo, indo em direção à parte de trás do hangar. O coração de Lily estava em sua boca quando Monster disparou uma série de tiros na direção de onde o tiroteio tinha vindo. O *bang-bang-bang* dos tiros fez seus ouvidos zumbirem, impossivelmente altos no início da madrugada. Outros tiros retornaram e ela se abaixou, alcançando Monster enquanto o fazia, mas o tiroteio não era para eles.

Rapidamente, Monster deu um passo para trás dos degraus e se agachou com ela.

Sean não estava em lugar nenhum.

—Ele conseguiu? — Ela sussurrou para Monster.

—Sim, acho que sim. Vamos manter nossos dedos cruzados para que não haja muitos mais deles do que ele.

Seu celular vibrou e ele verificou rapidamente. —Parece que

teremos reforço em breve, de qualquer maneira. Mason e Evans estão a caminho.

—E eles têm Cameron com eles? — Ela não sabia se deveria ficar esperançosa ou preocupada. Na verdade, ela era as duas coisas.

—Sim, tanto quanto eu sei. Vamos nos concentrar em encerrar isso antes de termos que nos preocupar com o seu ex.

Ela abriu a boca para argumentar que Cameron não era seu ex, e fechou novamente. Monster estava certo. Eles precisavam lidar com sua situação imediata e se preocupar com o que viria depois.

Um tiro distante soou, seguido rapidamente por outro em rápida sucessão *bang-bang!* E então tudo ficou quieto.

Sean matou o atirador ou o atirador matou Sean?

Ela lançou um olhar preocupado para Monster, e ele sustentou seu olhar, sua expressão não dando a ela mais confiança.

Uma voz masculina gritou de cima. —Quem diabos está aí?

Lily se agarrou ao braço do Monstro. Ele empurrou o queixo em direção ao final da escada, e eles avançaram juntos. Com as lacunas entre os degraus, eles conseguiram olhar para cima e ver a porta aberta do avião.

Mãos de Cigarro estava parado na entrada do avião, a garota que ele pegara presa contra seu peito, olhando para fora. Sua boca estava fechada com fita adesiva, mas ela não estava vendada, e mesmo na luz crescente, Lily podia ver seu rosto coberto de lágrimas e o terror em seus olhos. Ele apontou uma arma para a cabeça dela, o cano pressionando com força em sua têmpora.

—Dê o fora daqui, — ele gritou, —ou eu atiro na garota. Eu não estou brincando. Eu vou matar ela em um piscar de olhos.

Monster escorregou das garras de Lily e se levantou para sair para o campo aberto.

—Monster! — Ela chamou em um silvo estranho e estrangulado atrás dele. —Volte aqui!

Ele saiu com as mãos no ar, a arma ainda segura em seus dedos, mas não apontada para Mãos de Cigarro.

—Eu não me importo se você atirar na garota, — ele gritou de volta. —Ela não significa nada para mim. Só quero conversar e não esperava levar um tiro tão cedo.

Lily se inclinou para frente para que pudesse ver o que estava acontecendo, embora seu coração estivesse em sua boca e lágrimas de medo enchessem seus olhos. Ela rezou para que Sean estivesse cobrindo Monster, ou Mãos de Cigarro poderia atirar nele em um segundo.

—Conversar? — Gritou o traficante. —Sobre o que você gostaria de falar? Você acabou de atirar em um dos meus homens.

Uma pequena parte dela relaxou. Não foi Sean quem foi baleado, então Mãos de Cigarro deve saber que Monster tinha outros homens que provavelmente tinham suas armas apontadas para o traficante.

—Você não me deixou muita escolha, — disse Monster. —Ele atirou primeiro e sem fazer perguntas. Eu não iria apenas ficar aqui e esperar para ser baleado.

Os olhos de Mãos de Cigarro se estreitaram e ele ergueu o queixo. —O que há de errado com o seu rosto?

—É sobre isso que eu queria falar com você. Eu o empreguei para fazer um trabalho, mas você não conseguiu.

—O que você está falando? Eu sempre entrego o que sou solicitado.

Monster acenou com a cabeça. —Recebi a entrega, mas ela não tinha a qualidade que eu esperava.

Lily ouviu com o coração na garganta. O que diabos ele estava fazendo?

—Sempre garanto qualidade nas minhas meninas, — respondeu o traficante.

—Essa não. Eu precisava que ela fizesse um trabalho, — Monster acenou com a mão ao lado do rosto onde a marca de nascença ainda residia, —e como você pode ver, ela não foi capaz de completá-lo.

Os olhos do traficante se arregalaram. —Eu sei quem você é! Você é a aberração que pediu a mulher algumas semanas atrás, a enfermeira ou algo assim.

—Ela era terapeuta a laser e, como eu disse, não era capaz de fazer seu trabalho direito. Eu quero um reembolso.

Monster deu alguns passos até onde Lily estava escondida atrás dos degraus. Ele a agarrou rudemente pelo braço e a arrastou de volta para o campo aberto. —Esconda a arma, — ele rosnou suavemente em seu ouvido.

Ela escondeu a arma atrás de suas costas, então ela pressionou entre seu corpo e o dele.

—O que diabos é isso? — Mãos de Cigarro exigiu.

—Eu disse a você, eu quero um reembolso e, normalmente, quando alguém pede um reembolso, eles trazem a mercadoria de volta também.

—Eu não faço reembolsos, e mesmo se eu fizesse, o que diabos eu deveria fazer com ela? Como você a trouxe de volta para o país?

—Da mesma forma que você a tirou daqui, eu acho, por meio de um avião particular como este.

Ele bufou. —Bem, você não vai conseguir um único centavo de mim.

Monster fez uma pausa e disse. —Tudo bem, me faça um acordo em vez disso. Troque ela pela garota que você tem aí.

Todo o seu rosto se contorceu em uma mistura de confusão,

descrença e desdém. —Por que eu iria querer fazer isso?

—Porque sou cliente e o cliente tem sempre razão. Eu não quero ficar com esta aqui. Ela não é complacente o suficiente para o meu gosto. Eu quero alguém um pouco mais submissa no quarto.

—Você deveria apenas ter matado ela se ela não é o que você está procurando, — ele rosnou.

—E então eu estaria com o prejuízo, e o que seria de bom nisso? Agora, que tal você e eu entrarmos e discutirmos isso como cavalheiros?

Suas sobrancelhas subiram em sua testa. —Lado de dentro? Como dentro do avião?

—Ou podemos dar um passeio de volta ao hangar e ver o que meus rapazes estão fazendo com o corpo de quem estava atirando em nós. Totalmente sua escolha.

Os olhos de Mãos de Cigarro dispararam entre Monster e o hangar. Ele deve ter percebido que se eles fossem para o hangar, haveria pelo menos dois contra um. Sua arrogância nunca o fez pensar por um momento que Lily poderia ser uma ameaça.

—Tudo bem, mas você deixa a arma do lado de fora.

—E a sua? — Monster perguntou, sacudindo o queixo em direção à arma ainda presa na têmpora da mulher. —Você não pode esperar que eu abaixe a minha e você ainda permanecer armado.

—Certo. Ambos deixamos as armas do lado de fora. Isso é um acordo? Mas então conversamos. Não estou prometendo nada. Eu nunca precisei trocar garotas com ninguém antes.

—Me ouça, — disse Monster. —Sou homem de negócios. Eu só quero recuperar meu investimento. Podemos fazer uma troca direta, esta mulher pela que você tem aí. Ela parece mais do meu agrado. Você sabe que vai vender esta com a mesma facilidade.

Seus lábios franziram enquanto olhava Lily de cima a baixo,

fazendo sua pele arrepiar. —Ela é um pouco mais velha do que eu normalmente lido, mas provavelmente posso fazer funcionar, depois de provar ela pessoalmente, é claro.

Monster acenou com a cabeça. —Bom, então vamos conversar. Estou baixando minha arma agora.

Monster se inclinou para frente, colocando a arma no chão, enquanto segurava Lily. Sua cabeça girou com a mudança repentina dos eventos. Ela não acreditou que Monster fosse trocar ela por um segundo, mas ela não tinha certeza de qual era o plano dele. Terminar confinada com o homem que a roubou a encheu de terror.

Seguindo o exemplo de Monster, Mãos de Cigarro colocou sua própria arma no degrau mais alto do avião. —Não me faça lamentar isso, — ele rosnou.

Monster não se incomodou em responder.

Um empurrão por trás levou Lily para frente, e ela tropeçou um pouco, mas apertou ainda mais a arma que ainda segurava nas costas. A forma como Monstro a agarrou, como se tivesse seus braços puxados para trás, disfarçou o verdadeiro motivo da posição. O coração de Lily bateu forte em seu peito e ela se sentiu mal de medo. Suas canelas atingiram o primeiro degrau de metal e ela se forçou a levantar o pé e dar o primeiro passo.

Suas pernas estavam fracas, as palmas das mãos suando, ameaçando afrouxar o controle sobre a arma. Ver Mãos de Cigarro novamente, e saber que ela estava prestes a ser colocada em outro espaço confinado com ele, enviou adrenalina inundando seu corpo. Ela disse a Monster que pretendia matar o traficante, e no momento ela quis dizer isso, mas agora tudo o que ela queria fazer era dar meia-volta e fugir.

Mas ela não podia fazer isso. Monster baixou a arma, o que significava que sua vida estava nas mãos dela.

Ela precisava deixar seu medo e encontrar sua raiva novamente.

Se ao menos fosse tão fácil controlar suas emoções.

Mãos de Cigarro desapareceu com a garota no corpo do avião, e ela foi forçada a segui-lo, entrando na aeronave, com Monster empurrando ela firmemente por trás. Uma grande parte dela queria gritar, 'pare, mudei de ideia,' mas ela tinha que pensar na garota. Qualquer que seja o terror que Lily esteja experimentando agora, não é nada comparado ao que a pobre mulher está passando. Pelo menos Lily sabia que ela tinha Monster atrás dela, alguém que a ajudaria. A garota que Mãos de Cigarro estava tentando traficar não tinha ninguém e não fazia ideia do que estava por vir. Lily se lembra de como era isso. Foi o momento mais aterrorizante de sua vida, perdendo apenas para o momento em que ela finalmente entendeu que sua filha recém-nascida iria morrer.

Uma onda de emoção se derramou sobre ela e seus olhos se encheram de novas lágrimas. Mãos de Cigarro notou, seus odiosos olhos fixos nos dela por uma fração de segundo, e a sugestão de um sorriso afetou sua boca.

Ele estava gostando disso. Mesmo estando em um espaço confinado com alguém que acabara de ordenar a morte de um de seus companheiros, ele sentiu prazer em ver suas lágrimas.

A primeira faísca de raiva acendeu dentro dela.

O avião foi projetado como um salão caro. Assentos amplos e confortáveis frente a frente como um vagão de trem de primeira classe. Por quanto dinheiro ele estava vendendo mulheres para poder até alugar um avião como aquele, quanto mais para ter um, se de fato o avião era dele?

A faísca se transformou em uma chama.

Mãos de Cigarro apontou para um assento. —Por favor, se vamos falar como empresários, então devemos sentar.

A raiva cresceu no estômago de Lily. Ele não era um homem de negócios. Ele era um sequestrador e estuprador.

—Não obrigado, — disse Monster, friamente. —Eu não preciso sentar. O que eu preciso é que você concorde com meus termos.

Mãos de Cigarro olhou para ele. —Só para trocar as mulheres?

Monster deu um aceno lento. —Só para trocar as mulheres, — ele confirmou.

—Esta já está vendida. Não sei como o comprador se sentirá em relação a conseguir algo diferente.

Ele encolheu os ombros. —Então invente algo. Diga ao comprador que a menina ficou doente e que você já tinha o transporte no local.

—Não tenho certeza...

Monster deu um passo à frente, empurrando Lily com ele, fechando a lacuna. Sua frequência cardíaca trovejou. O que ele estava planejando? Ele esperava que ela simplesmente sacasse a arma e atirasse no outro homem aqui e agora? Ou Monster seria o único a atirar nele, mesmo que ela tivesse insistido o tempo todo que ela deveria ser a única a atirar? Ele deu a ela muito crédito, pensando que quando confrontada com a situação real, ela seria capaz de agir como uma mulher fora de um filme de ação.

Ela era uma terapeuta de laser, não uma gangster, e agora ela nunca se sentiu mais como uma terapeuta a laser em sua vida.



Monster

(Dias atuais)



Monster odiava ter colocado Lily em outra situação perigosa, com um homem que ela desprezava, mas foi a única maneira que ele conseguiu descobrir como entrar no avião. Ela tinha sua arma e disse a ele que queria ser a pessoa que matou Mãos de Cigarro, mas, se surgisse a oportunidade, ele arrancaria a arma do esconderijo no cós da calça jeans dela e atiraria ele mesmo no pedaço de merda.

O homem era um verme, nada cavalheiresco sobre ele. Monster está furioso consigo mesmo por ter forçado Lily a passar um tempo confinada com esse cara semanas atrás. Só de saber que ele a ameaçou, e bateu nela, o fez querer envolver as mãos em volta da garganta do outro homem e estrangular a vida dele. A ironia de que ele foi o único a trazer Mãos de Cigarro para a vida dela não passou despercebida por ele.

Mãos de Cigarro deu um empurrão na garota sequestrada e a mandou voando para a parte de trás do avião. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas e quando ela tropeçou e caiu, ela o fez de cabeça, batendo o rosto contra a lateral de um dos assentos. Ela deu um grito abafado quando bateu na cadeira e caiu no chão em uma pilha amassada. Em vez de ficar onde estava, ela empurrou com os pés e se contorceu até chegar ao canto mais distante possível do avião.

Monster tentou não mostrar nenhum desconforto com a situação da garota, mas ele sentiu Lily estremecer em seus braços quando a garota gritou, e a ouviu respirar fundo. Ele não se importava com mais ninguém, mas se importava com como Lily estava se sentindo, e o fato

de o tratamento que o homem dispensou à outra mulher a perturbou fez com que sua raiva fervesse lentamente.

—Me ouça, — disse Monster, reprimindo sua raiva para continuar sua fachada de empresário legal. —Eu não sei para quem você está vendendo, mas por favor acredite em mim quando digo que quaisquer repercussões que você acha que pode ter por trocar de garotas não será nada em comparação com a tempestade de merda total que estou preparado para pousar em sua cabeça. Você já viu que estou disposto a matar pelo que quero. Não me subestime.

Ele não podia permitir que o traficante visse que ele estava emocionalmente envolvido em toda a situação. Se ele fizesse isso, ele levantaria as suspeitas do outro homem imediatamente. Este era um negócio, nem mais, nem menos.

Mãos de Cigarro desceu em um dos assentos do avião e cruzou as pernas. —Todo mundo para quem vendo está disposto a matar pelo que quiser, — disse ele. —O que o torna tão diferente?

—Que tal o fato de que sou eu que estou diante de você agora? Não sei onde está o seu outro comprador, mas pelo fato de você precisar usar um avião para levar a garota até ele, presumo que ele esteja muito mais longe do que eu.

O traficante deu uma risada baixa. —Sim, eu diria que provavelmente é verdade, mas isso não significa que devo fazer o que você pede.

—Saber que tenho homens armados do lado de fora, e mais a caminho, ajudaria a influenciar seu julgamento?

—Agora, agora, não há necessidade de falar sobre violência ainda. —Ele gesticulou para a cadeira oposta. —Sente-se e eu vou buscar algo para nós bebermos. Jogue a garota ali com a outra. Elas podem fazer companhia um ao outro.

Monster não planejava jogar Lily em qualquer lugar, especialmente porque ela ainda estava segurando a arma. —Não quero

sentar e não quero beber. Eu só quero que você concorde com minha proposta para que eu possa continuar com meu dia.

Mãos de Cigarro suspirou, como se estivesse exasperado. —Bem, você não é divertido. — Ele mexeu no assento, quase relaxado demais, curvado para um lado. Os olhos de Monster se estreitaram em uma contração enquanto o outro homem tentava disfarçadamente alcançar embaixo do assento.

Com certeza, Monster de repente soube que tinha outra arma escondida ali.

—Flor! — Ele gritou em advertência, liberando ela para que ela pudesse atirar no homem.

Lily puxou sua arma, mas ela não foi rápida o suficiente e o traficante sacou outra arma de qualquer ferragem que ele deve ter prendido na parte inferior da poltrona. Monster teve uma fração de segundo para decidir o que fazer, pegar a arma de Lily ou matar o traficante. Ele fez a escolha em uma fração de segundo, sabendo que, no momento em que tentasse tirar a arma de Lily, Mãos de Cigarro já teria atirado nela ou nele.

Monster se lançou para o outro homem, focado na mão que segurava a arma que agora se erguia em direção a ele e Lily. Seus corpos colidiram, e eles caíram no chão em uma pilha de grunhidos, e ele lutou para pegar a arma. Monster de alguma forma acabou em cima do outro homem e ele agarrou o pulso da mão que segurava a arma e a bateu contra o suporte de metal do assento do avião em frente. Um estalo alto ressoou pelo avião, acompanhado por um uivo de agonia de Mãos de Cigarro. A arma voou e deslizou pelo chão.

Algo bateu no outro lado de sua cabeça, estrelas explodindo atrás de seus olhos, e ele percebeu que Mãos de Cigarro usou seu lado ileso para socar ele na têmpora. O golpe o havia enfraquecido o suficiente para dar ao traficante uma vantagem, mesmo por um breve segundo.

—Flor! — Ele gritou.

Ele precisava dela.



Vinte e quatro



Lily parou sobre Monster e Mãos de Cigarro, a arma tremendo em sua mão. —Não se mova idiota, — ela gritou. —Ou vou explodir seus miolos de merda.

O traficante congelou.

—Levante Monster, — ela disse, tentando impedir que sua voz tremesse.

Monster se levantou e balançou. O aparecimento de um hematoma já estava se espalhando ao lado de seu olho e descendo até a bochecha, mas ele não deixou que seu ferimento o detivesse. Ele ergueu o pé e pisou no outro pulso do traficante, os ossos frágeis quebrando com um estalo. O homem soltou um grito estrangulado e tentou enrolar os membros em seu torso.

O traficante olhou para Lily, seus olhos arregalados e quase rolando, suas narinas dilatadas, então ele a lembrou de um cavalo selvagem. Com as duas mãos agora inúteis, Mãos de Cigarro finalmente percebeu que encontraram seu par.

—Acabe com ele, Flor, — disse Monster, se movendo para ficar atrás dela.

Ela forçou seu dedo a apertar o gatilho, querendo que esse momento acabasse, mas ela simplesmente não conseguia fazer sua mão funcionar.

Monster estava certo. Matar alguém, mesmo um homem tão mau como este, a mudaria. Ela queria ser dura e fria, mas a verdade era que ela ainda sentia muito profundamente.

Monster deve ter entendido exatamente o que ela estava passando, embora ela não tivesse falado uma palavra.

—Está tudo bem, — ele disse por trás, suavemente em seu ouvido. Ele estendeu a mão e cobriu os dedos dela, os que seguravam a arma, com os seus. —Me deixe ser sua mão. Me deixe tirar essa dor e esse fardo de você. Depois de tudo que fiz você passar, é o mínimo que posso fazer.

Seu aperto relaxou apenas uma fração, tão perto de deixar ele assumir o controle. Mas então ela ouviu os soluços abafados da garota que Mãos de Cigarro pegou e percebeu que a jovem ainda tentava ficar quieta e esconder sua miséria, embora estivesse sendo resgatada e algo endurecesse em seu coração.

Talvez ela precisasse mudar.

Ela puxou a mão de Monster da arma. —Não. Este é o meu trabalho. — Lily olhou Mãos de Cigarro diretamente nos olhos e seu coração congelou. —Muitas semanas atrás, você me vendeu e, quando o fez, riu sobre como não importava se eu visse seu rosto, porque nós, meninas, nunca mais voltamos. Bem, eu voltei, seu filho da puta. Você está feliz que eu vi seu rosto agora?

Ele ergueu a mão quebrada, os dedos pendendo inutilmente, como se pudesse repelir uma bala. —Não, não. Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso!

—Você não quis dizer o quê? Você não pretendia raptar e vender inúmeras mulheres? Ou você não pretendia estuprá-las e torturá-las? Ou você apenas lamenta que uma de nós voltou?

—Tudo isso! Sinto muito por tudo isso!

Lily balançou a cabeça lentamente. —É tarde demais para se desculpar.

E ela apertou o gatilho.

O tiro ecoou em uma explosão ensurdecidora no pequeno espaço,

e a arma saltou em suas mãos. A garota que Mãos de Cigarro pegara soltou um grito abafado e o próprio homem caiu para trás, com um buraco escuro no meio da testa. Ele ficou deitado com os olhos bem abertos, olhando fixamente para o teto do avião. Atrás de sua cabeça, o sangue começou a acumular no carpete caro do avião e se espalhar lentamente como uma gota de tinta em um mata-borrão. O cheiro característico de ferro encheu o ar e ela recuou quando atingiu suas narinas, o ar quente de repente ficando gelado.

As mãos de Lily tremeram e ela largou a arma no chão. Ela bateu como um trovão e ela olhou para a arma e para a mão que a havia disparado como se não soubesse de onde tinham vindo.

Eu fiz isso. Eu o matei. Eu fiz isso. Eu o matei.

Monster se abaixou para pegar a arma de volta. Ele limpou o cabo e segurou na manga da camisa para não deixar mais marcas na arma. —Não podemos deixar isso aqui, — disse ele. —A polícia vai procurar uma arma do crime. Eles terão dificuldade em construir um caso sobre qualquer pessoa se não conseguirem encontrá-la.

Lily respirou fundo algumas vezes, se recompondo.

—Me dê, — disse ela, não querendo ficar sem a arma enquanto eles ainda estavam nesta situação. Na verdade, mesmo se ela saísse dessa situação, ela não poderia imaginar querer ficar desprotegida novamente. —É minha arma. Vou me livrar disso.

Ele hesitou e então devolveu a arma para ela, embora, seguindo seu exemplo, ela tenha usado a manga de sua camisa para segurar o punho e empurrou de volta para o cós da calça jeans. Ela nunca pensou que seria uma daquelas pessoas que se sentiria mais segura com uma arma, mas ela estava.

Monster se aproximou do corpo. Ele empurrou a cabeça de Mãos de Cigarro para o lado, revelando o ferimento de saída, irregular com bordas sangrentas, expondo globos de carne e o brilho branco do crânio. Lily tapou a boca com a mão enquanto seu corpo lutava para não engasgar, a boca se enchendo de saliva.

Monster sondou o sangue e a carne até encontrar o que estava procurando. Ele ergueu entre o polegar e o indicador.

A bala.

—Melhor prevenir do que remediar, — disse ele. —Eu não gostaria que nada fosse vinculado a você.

Ele largou a bala no bolso e depois limpou a mão no assento ao lado. —O que você vai fazer com a arma?

Lily encolheu os ombros. —Jogar no oceano, em algum lugar onde ninguém vai encontrar.

Monster acenou com a cabeça. —Bom, e precisamos fazer isso logo. Mesmo que você tenha livrado a sociedade de um canalha, sua morte ainda é um crime aos olhos da lei.

De repente, ela se lembrou da pobre garota que ainda estava encolhida no canto. —Oh meu Deus.

Se esquecendo do homem morto, ela correu e se agachou ao lado da mulher. Ela se encolheu quando Lily se aproximou, e cautelosamente Lily estendeu a mão para ela, como se estivesse persuadindo um cão nervoso. —Tudo bem. Você não precisa ter medo agora. Nós somos os mocinhos. O traficante está morto e você pode voltar para a casa de sua família.

Ela olhou para Lily com seus grandes olhos azuis arregalados e frenéticos, sua pele pálida. Seus cabelos loiros cortados caíam de cada lado de seu rosto em emaranhados sujos.

—Eu realmente sinto muito, — disse Lily, segurando a ponta da fita que cobria sua boca. —Isso provavelmente vai doer. —Rangendo os dentes, ela puxou a fita, retirando dos lábios da mulher. Lágrimas inundaram os olhos da garota e ela estremeceu, mas não gritou. —Você está bem?

A jovem acenou com a cabeça. —Eu estarei, — ela disse, sua voz rouca. —Obrigada.

—Vamos tirar você daqui.

Ela trabalhou nos nós da corda, soltando também as mãos da garota. Livre, ela esfregou os pulsos e os dedos com as mãos opostas para trazer de volta o fluxo sanguíneo. Lily se lembra de ter feito a mesma coisa.

—Qual o seu nome? — Perguntou Lily.

—Jess Rhinestone.

—Nós vamos ter certeza de que você volte para casa e para sua família agora, Jess. Aposto que eles estão preocupados com você.

Ela acenou com a cabeça e fungou, seus olhos nadando. —Não consigo nem imaginar o que minha mãe e meu pai passaram.

—Provavelmente não é pior do que você. Eu estive na sua situação. Esse homem me levou também, mas ele nunca vai machucar ninguém novamente.

—Obrigada, — ela disse novamente.

Lily ajudou Jess a se levantar, mas Monster ficou no caminho, bloqueando a saída.

Ele fixou seus olhos nos dela. —Ela é uma testemunha, Lily.

Ela percebeu o quão estúpida ela tinha sido, matando um homem na frente de uma testemunha. —Então? Ela não vai dizer nada.

Monster focou seus olhos escuros na outra mulher. —Isso está certo? Você não vai dizer nada sobre nós estarmos aqui.

Jess balançou a cabeça. —Eu não vou, eu prometo. Você me ajudou. Eu não iria te causar problemas.

—Não podemos nem ter estado aqui, entendeu? — Ele continuou. —Na verdade, quando a polícia perguntar, espero que você diga que foi alguém completamente diferente que esteve aqui hoje. Tudo bem? Talvez alguns homens, hispânicos, talvez?

Ela assentiu freneticamente. —Sim, sim, isso é exatamente o que eu vi. Dois homens hispânicos irromperam aqui e começaram a gritar com o cara que me levou. Houve uma briga e tiros foram disparados. Quando eles estavam todos distraídos, eu fugi?

Lily ouviu a esperança na voz da garota e olhou para Monster. — Eu acho que seria uma história boa o suficiente, não é, Monster?

Ele assentiu. —Tudo bem, mas não preciso dizer que, se descobirmos que a polícia sabe de uma história diferente, vamos rastreá-la novamente.

As lágrimas escorreram pela sujeira em seu rosto. —Eu não direi mais nada, eu prometo. Mas há mais mulheres, — Jess afirmou. —Em um contêiner em um antigo porto...

—Elas estão seguras, — disse Lily. —Nós as encontramos antes de você e elas foram levadas para o hospital. Você não precisa se preocupar com elas.

Jess desabou, jogou os braços em volta do pescoço de Lily e soluçou. Lily fez o possível para confortar ela, afastando sua própria estranheza por estar em contato físico tão próximo com alguém que não era Monster.

—Obrigada, — disse ela entre as lágrimas. —Eu não sei como vou retribuir.

—Você não precisa. As pessoas e suas vidas nunca deveriam ter de ser pagas.

Lily se desvencilhou da jovem e eles começaram a sair do avião. Monster parou para pegar sua arma de onde a havia deixado, mas deixou a arma de Mãos de Cigarro onde estava. Ela adivinhou que eles não tinham uso para isso agora.

A manhã havia rompido desde que eles estavam na aeronave, e a luz nebulosa da manhã a fez sentir como se tudo que ela tivesse feito não fosse mais do que um pesadelo terrível.



Monster

(Dias atuais)



Eles chegaram ao fim da escada de metal e Monster sentiu seu celular vibrar em seu bolso.

E agora?

Ele pegou o telefone e verificou a tela. Uma pequena parte dele relaxou. Era apenas Mason ligando para informar de que haviam chegado ao campo de aviação.

Sean veio correndo pelo asfalto na direção deles. Ele avistou a jovem loira que Lily estava ajudando a descer as escadas. —Eu presumo que o outro cara foi tratado? — Ele perguntou.

Monster acenou com a cabeça. —Sim, Lily atirou nele.

Sean deu a ela um aceno surpreso de aprovação. —Bom ouvir isso. Portanto, temos dois cadáveres. O que você quer que façamos com eles, senhor?

Monster olhou para trás, para a aeronave privada multimilionária. —Enfie o outro no avião e queime.

As sobrancelhas de Sean se ergueram. —Sério? Isso vai ser um fogo de artifício caro.

Monster encolheu os ombros. —Não é o nosso dinheiro que estamos queimando.

Eles cruzaram a pista de pouso em direção ao hangar, Lily com o braço em volta dos ombros da jovem. Enquanto caminhavam em direção ao prédio, a forma amassada do outro homem morto ficou

mais nítida no chão. Ele era um homem magro em seus vinte e tantos anos, ou pelo menos tinha sido. Ele não parecia alguém que Monster fosse perder o sono.

Monster se virou para encontrar Lily olhando para o homem morto. Ele não esperava que ela fosse capaz de atirar no traficante e ela o pegou de surpresa quando o fez. Ele só esperava que isso não a afetasse no futuro. Lily teria que começar uma nova vida agora como outra pessoa, e ela não teria ninguém em quem se apoiar para ajudar ela a processar o que ela havia passado. O fato de ela ter que lidar com as consequências emocionais sozinha o fez sofrer profundamente de uma forma que ele nunca experimentou antes, uma dor física combinada com uma sensação nauseante de pavor.

Monster estendeu a mão para tocar seu braço. —Você está bem?

Ela acenou com a cabeça. —Esse é o outro cara que estava no contêiner quando fui levada. Ele é quem ameaçou me estuprar.

A ideia de outra pessoa tocar em Flor fez com que uma bolha de raiva crescesse dentro dele. —É uma coisa boa ele estar morto ou eu mesmo o mataria por colocar as mãos em você.

Ela assentiu e cruzou os braços ao redor do corpo como se estivesse se abraçando. —Estou feliz que ele esteja morto também. Eu sei que haverá muitos outros lidando com este comércio doentio, mas pelo menos alguns deles foram encerrados para sempre.

O assunto ainda deixava Monster desconfortável. Afinal, ele próprio havia usado esse comércio e não se importava com isso. Em sua mente, era simplesmente uma maneira de conseguir o que queria. Só depois que conheceu Lily, ele descobriu que precisava pensar sobre as emoções e o bem-estar dos outros. Ele ainda não estava completamente confortável com a situação. Ter que considerar os pensamentos e sentimentos de outras pessoas não era algo com que ele já tinha se preocupado, muito menos ter que processar os seus próprios.

—Não podemos ficar aqui muito mais tempo, — disse ele. —

Tenho certeza de que todo o tiroteio não terá passado despercebido por quem mora na propriedade do outro lado da rua. Eles podem não ter chamado a polícia porque tenho certeza de que sabem o que está acontecendo, mas isso não significa que não iremos atrair atenção indesejada.

Lily concordou. —Pensei no caminho para cá que as pessoas da casa deviam estar envolvidas de uma forma ou de outra. Espero que, quando a polícia encontrar os corpos dos traficantes, faça algumas perguntas difíceis também ao dono da casa.

—A menos que os traficantes também sejam donos da casa, — ele meditou. Ele tinha certeza de que ganhariam dinheiro suficiente para comprar uma propriedade como aquela, e possuir um campo de aviação privado, bem como a propriedade adjacente, certamente teria tornado o transporte de mulheres muito mais fácil.

Da frente do hangar, ele ouviu o som de um carro parando e seu celular tocou novamente.

—Mason e Evans estão aqui, — ele disse a Flor. —Eles estão com seu amigo.

Ele a observou se endireitar, seus olhos se arregalando na direção do carro. Ele se ressentia de que esse outro homem tivesse conseguido se infiltrar em sua vida, mas ele mesmo tinha que aceitar uma certa parte da culpa por isso. Ele a deixou sozinha e vulnerável, e ela se voltou para o primeiro homem que mostrou algum interesse. Ele gostaria de poder se livrar do cara, apenas empurra ele para fora de suas vidas para sempre, mas ele fez um acordo com ela, e ele fez o suficiente para destruir o que ela pensava dele. Ele não queria que ela o odiasse nos momentos antes de serem forçados a dizer adeus para sempre.

Seus homens atravessaram o hangar, empurrando um cara mais jovem entre eles. O outro homem era irritantemente bonito, com cabelos desgrenhados na altura da mandíbula e uma jaqueta de couro, e o tipo de barba de poucos dias que parecia bem cuidada, embora

não fosse. O estômago de Monster se revirou. Ele podia ver por que Flor se sentia atraída pelo homem. Ele tinha todo o tipo de beleza rude e relaxada que sabia estar tão distante em sua própria personalidade rígida e inteligente.

Ela tinha feito isso de propósito? Pendido para um homem que era o oposto dele? Ela tinha estado tão desesperada para esquecer ele que imediatamente se apegou a um homem que não era nada como ele? Mesmo que Monster soubesse que ele desempenhou um papel na entrada de Cameron na vida de Flor, ele não pôde evitar a onda familiar de ciúme crescendo dentro dele. Era uma emoção tão poderosa a chama da qual era intensa o suficiente para queimar todos os pensamentos racionais.

Consumido pelo ciúme, ele poderia ser responsável por suas ações?



Vinte e cinco



Lily olhou para Cameron e seu coração deu um salto. Seu olho esquerdo estava inchado e machucado, e um corte rasgou o meio do lábio inferior. Seus ombros estavam abaixados e seus olhos disparavam de um lado para o outro, sua mandíbula travada de medo e raiva.

Ele a avistou e seus olhos se arregalaram, suas costas se endireitando. —Lirly! Que porra é essa? Você está bem?

Ela assentiu freneticamente. —Estou bem. Sinto muito, Cameron.

Lily sentiu Monster enrijecer ao lado dela e a tensão estalou entre todos eles.

Ciente de que ainda tinha uma jovem assustada e vulnerável ao lado dela, e não querendo que Jess testemunhasse o que estava para acontecer a seguir, ela deu um pequeno empurrão na garota.

—Vá, — ela disse a ela. —Há um carro esperando na frente. Vá e entre na parte de trás. Estaremos fora em um minuto, e então vamos te levar a algum lugar seguro, tudo bem?

Jess olhou para ela, com os olhos arregalados, e depois entre os homens. Claramente percebendo a tensão e não querendo se envolver em mais problemas, ela não fez mais perguntas, mas em vez disso correu para a frente do hangar e a esperança de segurança.

Cameron olhou entre cada um deles, e seu olhar pousou em Monster, seus olhos passando rapidamente para o lado da marca de nascença desbotada. Ela não sabia se era a maneira como Monster

estava de pé, com o corpo inclinado possessivamente em direção ao dela, ou se havia apenas uma conexão invisível entre os dois que Cameron percebeu.

A compreensão despontou em seus olhos castanhos. —Fodido inferno, Lily. É ele, não é? O mau namorado. Tudo isso foi por causa dele?

Ela não sabia mais o que dizer. —Eu sinto muito, Cameron. Tentei dizer a você para não se envolver comigo.

—Mesmo assim, você ainda me envolveu, — disse ele.

O desespero cresceu dentro dela, e ela desejou que ela pudesse voltar e fazer as coisas de forma diferente. —Mas está tudo bem agora. Você terá permissão para ir, não é, Monster?

—Como você acabou de chamá-lo? — Cameron perguntou em confusão perplexa.

Ela balançou a cabeça. —Não se preocupe com isso.

Monster fez uma careta e não disse nada.

—Cameron pode ir agora. Não é? — Disse ela com mais determinação, não formulando a frase como uma pergunta.

Monster acenou com a cabeça. —Supondo que ele concorde com algumas condições, é claro. A primeira é que ele não denuncie nada disso à polícia.

—Ele não vai fazer isso, vai, Cameron?

—Tenho certeza de que o homem pode falar por si mesmo, Flor.

—Acho que não tenho muitas opções, — disse Cameron.

—Oh, você tem, — disse Monster. —Sua outra opção é te matar e esquecer que você existiu.

—Monster! — Ela exclamou, chocada.

Monster deu um sorriso que parecia forçado e frio. —Não vou

fazer isso porque fiz uma promessa a Lily. Mas se eu descobrir que você colocou o dedo nela de novo, vou considerar essa promessa quebrada.

—Monster...— Ela rosnou em advertência.

Ele exalou um suspiro. —Olha, estamos deixando você ir, simplesmente porque Lily avaliou você. Se a menor ideia começar a passar pela sua cabeça sobre ir à polícia ou mesmo ao jornal, ou ao inferno, contar sua história para alguns amigos no bar, se lembre de que sabemos onde você mora e não hesitaremos em usar a força para te manter quieto. Há dois homens mortos naquele avião ali, e estou mais do que feliz em te adicionar à contagem de corpos.

Os olhos de Cameron se voltaram para o avião e rugas de preocupação apareceram entre suas sobrancelhas. Lily seguiu sua linha de visão. Sean saiu apressado da saída e desceu correndo os degraus. Ele não diminuiu o ritmo, mas continuou a correr até eles.

Monster estreitou os olhos quando Sean se aproximou. —Está tudo certo?

—Eu fiz o que você pediu, mas provavelmente deveríamos sair daqui. Não sei quanto combustível está no avião, mas vai causar um estrondo.

Monster acenou com a cabeça. —Certo. —Ele se virou para Mason e Evans, que ainda seguravam Cameron. —Deixe ele ir.

Eles quase o empurraram para frente, fazendo com que Cameron tropeçasse ligeiramente. Ele olhou entre os homens, como se se perguntasse se deveria aproveitar a oportunidade para fugir ou se era tudo um truque.

Sentindo-se ansiosa, Lily olhou para trás novamente. A luz nas janelas do avião havia mudado, um brilho mais quente que tremeluzia.

—E você, Lily? —Cameron perguntou a ela, seus olhos procurando os dela. —É isso que você quer? Eles estão prendendo

você aqui contra a sua vontade?

—Por favor, Cameron. Vá para casa. Esqueça que eu já existi e volte para a sua vida.

Sua mandíbula se contraiu, um músculo se contraindo sob seu olho direito. —Eu não gosto de deixar você assim.

—Estou bem. Por favor, vá para casa.

Ele assentiu. —Certo. Posso dizer adeus?

Lily olhou para o Monster. Ela odiava estar basicamente pedindo permissão para se despedir de um amigo, mas ela entendia como a atmosfera era frágil entre eles agora, e ela não queria fazer nada que pudesse causar uma explosão.

Monster acenou lentamente com a cabeça, um consentimento que ela presumiu que devia ter exigido toda a sua vontade e força para fazer. Ela sabia o quão possessivo ele era, e ver Cameron e saber que eles passaram um tempo juntos deve estar matando-o.

Ela estendeu a mão e tocou as costas da mão de Monster. — Obrigada.

Esta seria a última vez que ela veria Cameron, e embora sua amizade tivesse sido curta, ela não queria que sua última memória dela fosse dela ao lado do homem que o tinha segurado e espancado.

—Estaremos esperando por você dentro do hangar, — disse Monster. —Faça isso rápido. Precisamos sair daqui. — Ele apontou o queixo para Sean e os dois homens chamados Mason e Evans, embora Lily ainda não tivesse ideia de qual dos homens altos, morenos e ternos quem era quem.

Como se sentisse que ela precisava desse espaço, Monster começou a ir em direção ao hangar, seus homens seguindo seu exemplo. Ela estava grata a ele por dar a ela esses poucos momentos.

Ela correu até Cameron e colocou os braços em volta do pescoço dele. Ela se perguntou se estava finalmente começando a aprender

como segurar outras pessoas sem querer afastá-las. Seus braços envolveram sua cintura em troca, puxando ela com força em um abraço.

—Eu sinto muito pelo que fiz você passar, Cameron. Espero que você me perdoe um dia.

Ele não respondeu, mas ela sentiu sua mão em sua cintura, um movimento no cóis de sua calça jeans. Em seguida, espaço repentino.

—Eu vou te salvar dele, Lily, — ele sussurrou em seu ouvido.

Seu coração disparou. —O que...

Mas ele já se afastou dela. Ela estava congelada no tempo, capturada em uma bolha de terror e descrença.

Cameron ergueu a arma que tirou do cóis da calça jeans e apontou o cano para Monster.

—Não! — Ela gritou, mas era tarde demais.

Monster se virou com o grito dela, mas o estalo do tiro ecoou e Monster girou em uma pirueta.

Ela olhou com horror quando Sean puxou sua arma e, sem hesitação, disparou dois tiros rápidos.

Ao lado dela, Cameron voou para trás e atingiu o chão.

Lily soltou um grito que perfurou seus próprios ouvidos e levou as mãos à boca.

Seu olhar mudou entre Cameron deitado, imóvel, no chão, e Monster segurando seu ombro e tentando rastejar.

Como isso ficou tão ruim tão rápido?



Monster

(Dias atuais)



A princípio ele não sentiu nada, mais como se algo o tivesse empurrado no ombro. Então ele atingiu o chão e a dor explodiu como se alguém tivesse acabado de esfaqueá-lo com um atizador em brasa.

Monster sabia que havia levado um tiro, mas seu primeiro pensamento foi com Lily. Talvez Cameron a responsabilizasse por tudo que ele havia passado e planejava punir ela, primeiro matando-o e depois ela? E se esse cara apontasse a arma para ela e estivesse prestes a testemunhar sua morte? O pensamento por si só o fez esquecer sua própria dor e ele se virou, querendo proteger ela, mas de repente o mundo turvou ao seu redor. O chão girou em um círculo lento enquanto ele tentava rastejar para a frente para alcança ela. De repente, ele não sabia se estava mesmo de pé.

Outros dois tiros soaram e o gelo se alojou em seu coração.

Aqueles tiros foram para ela?

Perto dali um corpo atingiu o chão e ele se obrigou a se concentrar. Sua visão estava turva, mas ele olhou e piscou com força. A forma da pessoa não era esguia o suficiente para ser Lily, e ele tinha certeza de que usava uma jaqueta de couro.

Cameron.

O alívio o invadiu. Um de seus homens deve ter derrubado o outro cara. Lily estava segura, por enquanto, pelo menos.

Monster fechou os olhos com força e os abriu novamente. As

linhas borradas das formas ao redor dele ficaram sólidas novamente, e ele foi capaz de se concentrar. Ele ergueu a mão para onde seu ombro latejava e queimava, e quando ele puxou a mão, seus dedos estavam vermelhos de sangue.

Seu estômago embrulhou em alarme.

Lily não estava bem. Ela estava agachada sobre o homem que atirou nele, chorando em suas mãos. Ele não entendeu. Por que ela estava chorando por ele quando ele foi o primeiro a atirar?

Outra coisa estava errada.

Ele percebeu a presença de seus homens, gritando algo e puxando sua camisa. Havia algo que ele precisava saber, algo vitalmente importante, mas seu cérebro parecia estar viciado em um laço sobre Lily e o motivo pelo qual ela poderia estar chorando por um homem que tentou matar ele.

Algo estourou ao longe, junto com uma explosão oca, seguida por um rugido. Os gritos de seus homens ficaram mais altos, o puxão em sua camisa aumentando com força, puxando ele para trás.

O avião!

Eles colocaram fogo no avião e ele explodiria a qualquer momento. O som que ele ouviu deve ter sido o das janelas estourando. Seus homens estavam tentando arrastar ele para um lugar seguro, mas tudo em que ele conseguia pensar era que Lily ainda chorava por Cameron e como ninguém estava fazendo nada para ter certeza de que ela ficaria bem.

Encontrando o que restava de suas forças, ele se desvencilhou de suas garras e cambaleou até ficar de pé. Ele cambaleou para frente, focado apenas na cabeça inclinada de Lily.

—Flor? — Disse ele, embora sua voz estivesse arrastada, como se tivesse bebido muito. —Temos de ir. Agora, Flor!

Ela ergueu o rosto, e ele notou seus olhos vermelhos e bochechas

manchadas de lágrimas. —Isso não deveria ter acontecido.

—Eu sei, mas o avião vai explodir. Nós precisamos ir.

De repente, ela pareceu notar seu ombro sangrando. —Oh Deus. Você está bem?

—Sim, mas precisamos ir.

—Cameron? — Ela estendeu a mão para o amigo morto.

—Ele se foi. Não podemos ajudar ele agora. Por favor, Lily.

O som de seu nome verdadeiro pareceu chamar sua atenção, e ela acenou com a cabeça. Ela estendeu a mão e colocou a mão sobre os olhos de Cameron, fechando suas pálpebras. —Sinto muito, Cameron.

A voz de Sean ressoou. —Temos de ir! Agora, senhor!

Monster pegou a mão dela e a colocou de pé. Ele tentou correr, mas suas pernas pareciam geleia embaixo dele. Um ombro de apoio cravado sob sua axila, e ele percebeu que Sean o estava ajudando a sair dali. Lily apoiou o outro lado dele, do lado onde ele foi baleado, mas sua estatura muito menor significava que ela não estava machucando seu ombro.

Juntos, eles correram para o hangar.

O avião explodiu em uma bola de fogo atrás deles. Todos eles se abaixaram como um só, o calor e a rajada de ar os atingindo com força por trás, jogando-os para frente.

Monster soltou um grito de agonia quando pousou em seu ombro ferido, e uma dor branca explodiu atrás de seus olhos. Sua conexão com o mundo exterior desapareceu por alguns segundos quando ele desmaiou... e então voltou novamente.

Lily? Onde estava Lily?

Ele estendeu a mão para ela, mas a desorientação tomou conta dele, e ele não podia dizer onde ela estava ou mesmo em que direção sua mão estava tateando.

Ao seu redor, as pessoas tossiam e engasgavam. O fedor de plástico e produtos químicos queimando encheu o ar, e ele ouviu gemidos de dor. Mas então as pessoas começaram a se levantar e sua própria cabeça começou a clarear.

Monster olhou em volta. Lily estava se esforçando para ficar de pé a apenas alguns passos de distância. Ela parecia pálida e assustada, mas fisicamente não estava ferida.

—Precisamos sair daqui rápido, — disse Sean, entre tosses. —Não há chance de que isso passe despercebido.

Lily se virou para Sean. —Merrick precisa de ajuda.

O som de seu nome em seus lábios parecia um desfibrilador em seu coração.

—Vamos conseguir ajuda para ele, — disse Sean, —mas precisamos sair daqui primeiro.

Mais uma vez, Lily e Sean apoiaram Monster, primeiro puxando ele para ficar de pé e depois colocando seus ombros sob suas axilas. Ele precisava ser mais forte, desejava poder ser mais forte, mas sua vitalidade parecia estar diminuindo a cada pulsar que o ferimento de arma de fogo fazia.

Eles correram pelo hangar. Os outros dois homens lideraram o caminho, entre os pequenos aviões, esquivando-se sob as asas, até chegarem à porta da frente que dava para a estrada onde os veículos estavam estacionados.

Os dois homens empurraram primeiro, ficando para trás para segurar as portas abertas para Sean e Lily enquanto ajudavam Monster a passar.

Bang, bang!

Os tiros soaram no momento em que atravessavam as portas e saíam para a estrada. Ainda não totalmente com ele, sua mente girou quando Mason e Evans caíram no chão. Ambos com buracos de bala

idênticos no meio da testa.

—Que porra é essa?

O grito de Lily atraiu sua atenção, e ele tentou empurrar ela de volta para o hangar, enquanto Sean começava a atirar, mas seu corpo não queria se mover tão rápido quanto sua mente e os movimentos eram ineficazes. O fogo de retorno atingiu Sean, e ele voou para trás, atingindo a parede externa.

Lily gritou novamente.

Uma voz masculina chamou sua atenção. —Olá, Merrick.



Vinte e seis



Lily não sabia o que estava acontecendo.

Entre todas as explosões e tiros, sua mente estava em um turbilhão. Algumas pessoas disseram que você experimentou a clareza em um momento como este, uma habilidade de pensar com clareza e racionalidade, apesar do terror que passa pela sua mente, mas Lily mal sabia onde deveria estar. Tudo o que ela sabia era que Monster estava ferido e Cameron estava morto, e agora outra pessoa estava tentando matá-los.

—Olá, Merrick.

Uma voz profunda e masculina os chamou, e o tiroteio cessou.

O cheiro do sangue do Monster, combinado com o fedor acre de metal queimado e borracha, encheu suas narinas. A manhã havia subido totalmente para trazer consigo outro céu azul claro, apenas manchado pelo rastro de fumaça preta da aeronave queimada fluindo pelo céu perfeito.

Ela olhou para ver um enorme Land Rover preto. Parados do lado de fora do veículo estavam três homens, cada um deles armado. Um dos homens segurou Jess, a mão tapando sua boca e seus braços puxados para trás. Seus olhos azuis estavam esbugalhados e injetados, a mesma aparência de animal assustada que ela tinha no avião que os assombrava. Ela olhou para Lily, e Lily reconheceu o pedido de ajuda, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

Vê-los com a outra garota quase partiu o coração de Lily. Ela pensou que a tinham mandado para um lugar seguro, mas em vez

disso ela mandou a mulher para outra armadilha.

O homem que falou sorriu. Mesmo com todo o caos, Lily podia ver que ele era lindo, com pele morena, cabelo de ébano sedoso e olhos tão escuros que eram quase pretos.

Ela sentiu Monster endurecer ao lado dela.

—Rodriguez! — Ele rosnou.

O homem se recostou no veículo, cruzando um tornozelo sobre o outro, aparentemente relaxado apesar da quantidade de corpos espalhados.

—Olá, Merrick, — o homem disse novamente. —Eu vim reclamar o que você me deve.



Sobre a Autora



Marissa Farrar sempre foi apaixonada por estar apaixonada. Mas como ela está casada há vários anos e tem três filhas pequenas, ela conduziu seus casos de amor com vários homens lindos da persuasão fictícia.

Autora de mais de trinta romances, é autora em tempo integral há seis anos. Ela escreve predominantemente romance paranormal e fantasia urbana, mas também se ramificou na ficção contemporânea.